



**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**CHITUNGANE SEBASTIÃO CHACHUAIO**

**AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: UM ESTUDO SOBRE AS CONCEPÇÕES E  
PRÁTICAS EDUCATIVAS DO GRUPO CULTURAL BAGUNÇAÇO EM  
ALAGADOS/BRASIL E KA TEMBE/MOÇAMBIQUE**

**São Francisco do Conde  
2016**

CHITUNGANE SEBASTIÃO CHACHUAIO

AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: UM ESTUDO SOBRE AS CONCEPÇÕES E  
PRÁTICAS EDUCATIVAS DO GRUPO CULTURAL BAGUNÇAÇO EM  
ALAGADOS/BRASIL E KA TEMBE/MOÇAMBIQUE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Santos Souza.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

C422a

Chachuaio, Chitungane Sebastião.

Afetividade e aprendizagem : um estudo sobre as concepções e práticas educativas do Grupo Cultural Bagunção em Alagados/Brasil e Ka Tembe/Moçambique / Chitungane Sebastião Chachuaio. - 2016.

118 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2016.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiane Santos Souza.

1. Aprendizagem em equipe na Educação. 2. Educação - Brasil. 3. Educação - Moçambique. 4. Grupo Bagunção. 5. Música na Educação. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 370.19

CHITUNGANE SEBASTIÃO CHACHUAIO

AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: UM ESTUDO SOBRE AS CONCEPÇÕES E  
PRÁTICAS EDUCATIVAS DO GRUPO CULTURAL BAGUNÇAÇO EM  
ALAGADOS/BRASIL E KA TEMBEMOÇAMBIQUE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Bacharelado em Humanidades da Universidade da  
Integração Internacional da Lusofonia Afro-  
Brasileira, como requisito parcial para obtenção do  
título de Bacharel.

Aprovado em 17 de Novembro 2016

**BANCA EXAMINADORA**

---

Cristiane Santos Souza (Orientadora)  
Doutora em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas,  
São Paulo.  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

---

Prof. Dra. Claudilene Maria da Silva  
Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife,  
Pernambuco  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

---

Prof. Dra. Jacimara Souza Santana  
Doutora em História Social da África pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),  
Campinas, São Paulo.  
Universidade Estadual da Bahia

Aos meus pais que me deram á vida e permitiram que tão cedo eu pudesse me descobrir nesse mundo á fora.

## AGRADECIMENTOS

Dentre estradas percorridas, mares navegados, matas acampadas, caminhos trilhados, quedas e tropeços experimentados, onde vitórias pareciam ser distantes haviam sempre aquelas pessoas que me ajudaram a levantar é a continuar essa caminhada, que em momento algum se revelou ser fácil. Mas depois da chuva vem o sol e com ele a certeza de que não existe noite que por mais longa que seja não encontre o dia e que lágrimas podem até durar uma noite inteira, mas o sol no alvorecer do dia irá secá-las.

Primeiro, quero agradecer aos meus pais (Salvado e Rosa) que permitiram que eu saísse cedo de casa, apenas com uma mala e um sonho no coração e que os meus passos caminhassem por estas terras que me adotaram e me abraçaram como um filho.

Agradecer ao Grupo Cultural Bagunção por ontem ter me aberto suas portas e mostrado que um livro pode ser uma estrada para os meus sonhos, e hoje ter aberto as portas mais uma vez para me receber e permitir que eu pudesse realizar essa pesquisa e contar um pouco da sua história.

Aos meninos e meninas, professores e colaboradores do Bagunção que carinhosamente, contribuíram com este trabalho através de suas experiências e conhecimentos.

Aos meninos e meninas do Instituto Juvenil Bagunção (Moçambique), que muito me apoiaram mesmo á distancia, a enfrentar as turbulações torrências. E por fazerem de mim uma referência para eles, sem vocês isso não teria sido possível.

Agradeço a minha orientadora, professora doutora Cristiane Santos Souza, que, desde o primeiro momento, segurou a minha mão e me ajudou a caminhar, nesse mar tenebroso, e quando eu caía lá estava ela paciente e carinhosamente para me ajudar a levantar e caminhar; muito obrigado por me ajudar a crescer e a superar os meus limites, por me mostrar que eu poderia fazer a diferença e ser diferente.

Ao Joselito Crispim meu mestre-pai, que na sua eterna sabedoria soube me guiar e fazer crescer, obrigado por me fazer atingir a maior das minhas conquistas (a Bahia), na verdade não cabem nem palavras para descrevê-lo, um pai que a vida e Bahia me deram. Tenho aprendido e crescido com ele! Muito obrigado por ter me dado de presente a sua família (que hoje é minha também) e que me abraçou nos momentos mais difíceis.

Ao meu tio Benjamim Nhumaio que me viu crescendo e que me “provocou” a conseguir alcançar esse feito, sem ele nada disso estaria acontecendo. Ele apostou em mim desde cedo, me levando para palestras e debates que abriram meus horizontes.

Quero agradecer ao meu irmão, Constantino Pelembe (minha maior referência acadêmica). Foi vendo você crescendo em meio a “quase nada”, a conseguir feitos e efeitos, que tão somente a persistência e a dedicação seriam capazes de proporcionar, e que na sua eterna humildade soube me acompanhar nos meus primeiros passos (acadêmicos), sem a sua força e sua insistência nada teria acontecido, você é um dos arquitetos dessa empreitada.

Ao meu irmão Pedro de Emanuel e irmãs Aneta da Conção, Ena Louvada, Rosa Escolhida, e Perolla de Emanuel meu anjo, você é que me dá forças para continuar, espero ser uma fonte de inspiração pra si.

Quero agradecer aqui e registrar o meu carinho pela Mariana Mello, quem coube essa tarefa de levantar o meu estímo, com o seu sorriso, otimismo, e simpatia me deu toda força necessária para hoje eu poder chegar aqui, escrever essa história. Mari, meu bem, você é muito especial pra mim e pra minha história, sintam-se abraçada por mim e por toda minha comunidade (Família).

Agradecer aos amigos da universidade que desde cedo me acompanharam nessa jornada, em especial a Fabiana Gelard pela paciência e bondade para me dar uma mão sempre que precisava, ao Iuri Rosário que pelos EBECS da vida e pelas outras estradas da academia e da vida fez descobrir-me enquanto parte desse universo semântico; e ao Leonardo Faislon pelo apoio e suporte de um irmão mais velho que me deu.

As meninas, Sara Cristina, Emilly Veloso e Rafaela Bacelar, Rolanda Domingos, Milva Sengo, obrigado por tudo.

Não poderia deixar de registrar aqui o meu maior carinho e apreço pela Adélmara Ione, Luciana Schardong, e Marilene Mari que foram muito cruciais nessa minha trajetória, de coração, espero que vocês sintam esse trabalho como vosso também, vocês me marcaram pra sempre.

Agradecer a professora Núbia Moura Ribeiro, que me abraçou e me guiou nos primeiros passos dentro da universidade, a ela devo mais que gratidão, devo todas vitórias que tive, me apoiou muito, com o seu carisma, simpatia e tranquilidade, a qual ela sempre me passou, muito obrigado professora.

Aos meus amigos de infância e da vida: Angelberto Gabriel, Lucas Artur, Miguel André, Hugo Pedro, Joaquim Assunção, Milton Domingos, e outros tantos, tantos que pela imperfeição humana não vou lembrar agora.

Alessandra Aranha, o que disser de ti e pra si, só agradecer pelos momentos em que parecia que o mundo estava a desabar sobre minha cabeça, você sempre esteve do meu lado, a me dar aquele apoio que sempre fazia diferença, foste mãe e pai sempre que eu precisava. Obrigado por me ajudar á me achar!!!

Agradecer a Eliana Rosa e toda sua família pela força e pelo apoio prestado durante os meus primeiros dias pelas terras São Franciscanas.

Neila Barretto, amiga muito obrigada por você ter dividido comigo á sua mãe e a sua família.

É claro que sempre nos esquecemos de alguém, mas se você acha que o seu nome deveria estar aqui e não está é por pura imperfeição humana.

A educação faz com que as pessoas sejam fáceis de guiar, mas difíceis de arrastar; fáceis de governar, mas impossíveis de escravizar.  
(Henry Peter)

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo se debruçar sobre o tema da afetividade e aprendizagem com recorte na experiência do Grupo Cultural Bagunção, onde através de um diálogo profundo com uma vasta literatura, audiovisual e outros materiais, que possibilitaram uma construção sólida do diálogo aqui presente. Em um mergulho profundo de estudos de algumas das concepções *freirianas* da educação e de outros(as) autores(as) que contribuíram para o presente trabalho, com outros estudos que sustentaram as discursões propostas para o presente trabalho, foi possível entrosar o diálogo sintético entre os autores, mas sempre dentro da proposta do trabalho. O trabalho de pesquisa teórico-prático e metodológico partiu da seleção minuciosa de literatura, imagens, audiovisuais, matérias jornalísticas, entrevistas, teses, dissertações, bem como outros trabalhos de conclusão de cursos. A participação em grupos de estudos e pesquisas, palestras, e construção de fichamentos, resumos e textos, permitiu também que houvesse um maior reassentamento de ideias. O debate sobre o papel das instituições de intervenção social, como potenciais transformadores da sociedade a partir de dentro da própria comunidade, acompanhando de perto as dinâmicas que nela são construídas e constituídas, deu para perceber que a participação do sujeito que se pretende educar é completamente relevante para a produção de uma dinâmica mais conceituada e acertada, na medida em que visava buscar re(inserir) o sujeito na sociedade, ativamente a partir da sua própria história que é construída através desse contato com uma educação não bancária e sim transformadora.

**Palavras-chave:** Afetividade. Aprendizagem. Educação. Bagunção.

## **ABSTRACT**

The purpose of this Course Completion Work (CBT) is to focus on the theme of affection and learning with a cut in the experience of the Cultural Group Bagunçação, where through a deep dialogue with a vast literature, audiovisual and other materials, which enabled a Construction of the dialogue here. In a deep study of some of the Freirean conceptions of education and other authors that contributed to the present work, with other studies that supported the discursions proposed for the present work, it was possible to link the synthetic dialogue between The authors, but always within the proposal of the work. The theoretical-practical and methodological research work was based on the thorough selection of literature, images, audiovisuais, journalistic materials, interviews, theses, dissertations, as well as other course completion work. Participation in groups of studies and researches, lectures, and construction of files, abstracts and texts, also allowed for a greater resettlement of ideas. The debate about the role of institutions of social intervention, as transforming potentials of society from within the community itself, closely following the dynamics that are built and constituted, gave to realize that the participation of the subject that is intended to educate is completely Relevant to the production of a more conceptualized and structured dynamic, in that it aimed to seek re (insert) the subject in society, actively from its own history that is built through this contact with a non-bank education but a transformative one.

**Keywords:** Affection. Learning. Education. Bagunçação.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 1</b>	Crianças em Novos Alagados, na Avenida Suburbana	19
<b>Desenho 1</b>	Croqui das construções das <i>palafitas</i>	20
<b>Desenho 2</b>	Representação das casas das <i>palafitas</i> feita por uma das crianças do bairro	29
<b>Imagem 2</b>	Fotografias áreas das enseadas do Tainheiro e do Cabrito e em foco a Ilha do rato	33
<b>Imagem 3</b>	Oficina de filmagem	93
<b>Imagem 4</b>	Oficina de filmagem com material reciclável	93
<b>Imagem 5</b>	Atividades das crianças no Kaya Kamabuku, Bagunçação	95
<b>Imagem 6</b>	Apresentação da Banda Bagunçação/BA	96

## **LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CONDER - Companhia do Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia

GEPAB - Grupo de Estudos para Alagados da Bahia

CEAMAC - Centro Educacional Maria Cardoso Ferreira

MNMMR - Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua

FEMADUM - Festival de Musica e Artes Olodum

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

USAID - Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional

CRIA - Centro de Referência Integral ao Adolescente

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

IJB - Instituto Juvenil Bagunção

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	19
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO 1: ALAGADOS, ONDE TUDO COMEÇOU!!!</b>	23
2.1	PREÂMBULO	23
2.2	AS LATAS QUE ENTOAVAM AO RITMO DA NOITE	43
2.3	DA DESORDEM AO ENCANTAMENTO	47
2.4	ERA UMA VEZ UM SONHO QUE VEIO DAS LATAS	50
2.5	OS PRIMEIROS PASSOS DE UMA CAMINHADA	51
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO II: DA BAGUNÇA AO BAGUNÇAÇO</b>	54
3.1	PREÂMBULO	54
3.2	AS LATAS GANHARAM UMA IDENTIDADE	55
3.3	EM BUSCA DE UM LAR	59
3.4	AS ORIGENS QUE NOS GUIAM	65
3.5	O SOL BRILHA PARA TODOS	80
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO III: O ATLÂNTICO É PEQUENO DEMAIS PARA NOS SEPARAR</b>	84
4.1	AS NOSSAS GENTES NO FUNDO SÃO TODAS PARENTES	88
4.2	DE MÃOS DADAS PERCORRENDO A MESMA ESTRADA, GUIADOS POR DESEJOS/SONHOS COMUNS	91
4.3	DO GRITO FERVOROSO DAS LATAS, AO SILÊNCIO CONTAGIANTE DOS LIVROS	94
<b>5</b>	<b>CAPÍTULO IV: PEDAGOGIA DA AFETIVIDADE: CUIDAR DO OUTRO É CUIDAR DE MIM, CUIDAR DE MIM É CUIDAR DO MUNDO</b>	100
5.1	O QUE SE CONTA É O QUE SE VIVE	108
5.2	DE ONDE VIEMOS, PARA ONDE VAMOS...	113
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	115
	<b>REFERÊNCIAS</b>	117

## 1 INTRODUÇÃO

Nascido em uma comunidade (Ka Tembe) do interior da capital Moçambicana (Maputo), onde muito jovens não tiveram e não tem a oportunidade de fazer mais do que I e II grau, devido ao alto índice de precariedade nos serviços públicos (saúde, educação, segurança, falta de emprego, etc.), uns acabam por imigrarem para a vizinha África de Sul (em busca de melhores condições de vida), e outros acabam por virar pescadores (ofício acessível para todos na comunidade).

Poucos são os que conseguem fazer o ensino superior, até porque, o próprio ensino médio do distrito (Ka Tembe) comparado com o da cidade (Maputo) perde proporcionalmente em termos qualitativos e quantitativos, o que só dificulta quando chega á hora, por exemplo de concorrer para as universidades públicas que também são relativamente poucas.

Ka Tembe que é orientada pelo comunitaríssimo e que por conta disso, um pouco de tudo é compartilhado por lá, inclusive á educação e a responsabilidade dos filhos que pela lógica social daquele lugar não pertence á um grupo unico em específico ou a uma única família e sim á comunidade num todo, cabendo a mesma responsabilidade, desde cedo (6) seis anos, idade com a qual muitas crianças do país tem iniciado o ensino primário, que tornou-se gratuito e obrigatório desde a década de 2000.

Porém, pelos fatores sociais, econômicos, entre outros, a universo das crianças sem frequentar a escola era bem elevada, estima-se em média que em cada dez (10) crianças, apenas quatro (4) conseguiam frequentar. Essa realidade com o decorrer do tempo vem aos poucos mudando. Sobretudo, em face de algumas entidades e personalidades particulares que vão se mobilizar de modo voluntário no sentido de garantir com que um número maior possível de crianças desocupe as ruas e ocupe as salas de aula.

Vale ressaltar que não foi possível reunir dados estatísticos precisos que comprovem algumas das informações trazidas por uma razão muito simples (o distrito municipal de Ka Tembe e os seus bairros num todo não possuem, até então, algum estudo ou fonte documentada que nos possibilite ter acesso aos dados necessários para comparação no presente estudo, que é pioneiro nesse sentido), daí que recorri á memória dos tempos (2000), em que testemunhei muitas das situações desde as taxas de analfabetismo até as do abandono da escola.

A educação tornou-se o único caminho pra mim e para muitas crianças que, em 2003, tiveram e souberam aproveitar a oportunidade de adentrar na escola e permanecer, pois mesmo conseguindo entrar na escola muitas delas acabavam por abandonar, por várias razões,

a exemplo da falta de alimentação em suas casas, de dinheiro para compra de materiais escolares, entre outras tantas dificuldades que acabavam por “fechar” as portas da escola.

Houve algumas iniciativas para garantir a permanência por maior tempo na escola, oferecendo lanches para estimular a ida e a permanência dos educandos, mas passado dois (2) anos, essa medida não conseguiu ser mantida e acabou sendo extinto, provavelmente por falta de recursos.

A escolha desse tema partiu da tentativa de procurar entender, explicar, bem como, conhecer esses outros métodos produzidos e utilizados nestes outros espaços formativos, porém, eficazes de educar e que nem sempre são realizados nos espaços constituídos de educação formal. A realidade atual tem mostrado que a prática pedagógica não é um produto exclusivo das salas de aulas e que sim é possível fazê-la em outros espaços, pois não existe receita infalível quando se trata de educar.

Através das experiências do Grupo Cultural Bagunção em Alagados/Brasil e Ka Tembe/Moçambique busquei exatamente analisar as práticas educativas e entender de que maneira as mesmas possibilitam uma melhor relação entre o sujeito e o seu meio social, bem como também refletir sobre as relações entre o educador e o educando e, em algumas oportunidades, relacionando com o modelo de aprendizagem das escolas formais de educação.

O Grupo Cultural Bagunção nasceu no bairro dos Alagados, periferia da Salvador, um bairro que emerge da ocupação e resistência de inúmeras famílias em busca de moradia e melhores possibilidades de vida na capital baiana. O projeto que deu vida e voz as latas (velhas) que antes eram apenas lixo que faziam parte da paisagem dos Alagados.

Bagunção é uma entidade civil sem fins lucrativos que atua junto a crianças e jovens da comunidade, permitindo com que esses possam ter acesso aos seguintes serviços: acesso á biblioteca, oficinas de confecção de instrumentos de percussão reciclado com latas velhas, conta também com aulas de cidadania e inglês, além de cursos de formação profissional.

A orientação básica que norteia as ações do Bagunção, conforme seu idealizador e fundador é:

[...], retirar crianças das ruas através da arte e educação, e permiti-los com que esses possam ser sujeitos da sua própria história, da história da sua comunidade, bem como do seu grupo étnico, [...] a proposta é tirar do anonimato esses sujeitos, e permitir com que sejam protagonistas da sua própria história. CRISPIM (Entrevista, 23/10/2016)

Durante as entrevistas no Bagunção algo que me despertou atenção, na verdade um problema a ser pensado, foi a forma como os educandos, os jovens egressos, os

colaboradores, os professores e inclusive o próprio fundador, vão se classificar, ou melhor, vão se autodeterminar, durante o seu nascimento até, ao longo da sua existência, chegando ao todo a usar três formas de reconhecimento, a saber: **ONG, projeto e movimento**. Sendo que essas três formas podem se suceder, mas, porém tem sentidos bem diferentes.

Dentre alguns dos objetivos específicos propostos neste trabalho vale aqui evidenciar as reflexões sobre o papel da afetividade na dinâmica do ensino-aprendizagem, afetividade como algo positivo ou negativo e como ela (afetividade) pode servir como uma forma de estimular o educando para o seu desenvolvimento intelectual, cultural, social e político.

A metodologia usada para a realização deste trabalho foi de caráter qualitativo. Além da revisão bibliográfica, que serviu para embasar o confronto entre os teóricos educacionais e a prática pedagógica, foram realizadas observações sistemáticas das ações do Bagunção em sua sede, entrevistas semiestruturadas com educandos, coordenadores, colaboradores, jovens egressos e com o fundador do Bagunção, além da experiência enquanto egresso de uma das ações do Grupo em Moçambique com a finalidade de compreender como se dá as práticas pedagógicas não formais.

A análise dos dados e o conteúdo lido possibilitaram observar uma ponte entre as distintas formas de educar, assim novas práticas, dinâmicas e alternativas para o ensino formal, para que possa haver novas possibilidades para o ato de educar, valorizando a relação educando-educador e um melhor aproveitamento no que tange o ensino-aprendizagem.

Para melhor organizar e apresentar os resultados da pesquisa, o trabalho encontra-se subdividido em quatro (4) capítulos.

No capítulo I, busco abordar a história da construção e da constituição dos Alagados, com a proposta de melhor situar o berço do nosso objeto de estudo, com o objetivo de através dessa exposição melhor sistematizar algumas informações que nos ajudam a compreender o surgimento desse **movimento de latas**, que ao que tudo indica, nasce em decorrência do processo histórico dos Alagados. Também busco mostrar os primeiros passos do nascimento do Bagunção.

No capítulo II, trato do nascimento efetivo do Bagunção como uma instituição legalizada, e, por conseguinte, suas primeiras ações e aparições. Mostro como foram se costurando e consolidando suas ações, bem como em linhas gerais que orientam suas e as dificuldades encontradas e enfrentadas durante seu percurso.

No capítulo III, discorro sobre o encontro do Bagunção com o movimento que acontecia em Moçambique, as parcerias estabelecidas, as transformações e os resultados alcançados, frutos dessa nova parceria, e que vai inclusive influenciar na criação do IJB

(Instituto Juvenil Bagunção). Por fim, busco compreender como se deu esse processo, também como um dos colaboradores do projeto.

Por fim, no capítulo IV, costuro um diálogo com teóricos como o Paulo Freire e outros (as) tantos (as), de modo á propor e apresentar novas alternativas de uma educação que seja capaz de fazer de quem participa nela/dela (não como espectador), mas como colaborador efetivo no processo da sua e formação e do acesso e produção de (in)formação, portanto através desse diálogo teórico-prático busco mostrar o que vem ou não sendo feito (para garantir uma formação mais humana dos cidadãos).

## 2 CAPÍTULO 1:ALAGADOS, ONDE TUDO COMEÇOU!!!

**Imagem 1** - Crianças em Novos Alagados, na Avenida Suburbana, 2000.



Fonte: Acervo pessoal de Cristiane S. SOUZA, 2001.

### 2.1 PREÂMBULO

No presente capítulo irei percorrer entre os entrelaçados da história do território configurado na continuidade entre os bairros dos antigos e novos Alagados, para permitir ao leitor uma aproximação ao contexto social, econômico e cultural, onde o movimento do Bagunção nasceu. Esse panorama de certo modo nos ajudar a compreender sua origem sociocultural. Buscarei também traçar o emaranhado dessa trajetória que iniciou aí (Alagados) para refletir sobre os primeiros momentos desse movimento de latas.

Moro em Alagados moro sim senhor  
Vivo em palafitas numa vida de horror  
Mas nem por isso perco minha dignidade  
No dia-a-dia busco a felicidade

E por exemplo quando chega o São João  
Os fogos lá do Saquarema, águas da maré  
Dançando forró e tomando quentão  
E vem chegando minha gente, e entre nesse arrasta pé

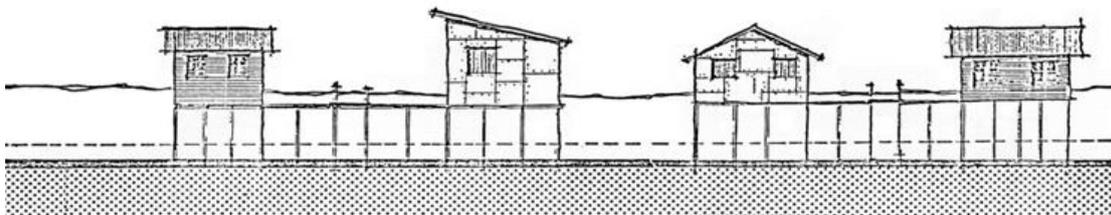
Vem dançar forró aqui nos Alagados  
Dançando as palafitas em cima da maré

Vem dançar forró aqui nos Alagados  
Onde a tristeza tá de fora e a esperança tá de pé

É, é, eu moro no Alagados  
Eu moro no Alagados  
Moro sim senhor  
Onde a esperança tá de pé  
A esperança tá de pé  
Eu morro no Alagados  
Morro no Alagados  
Morro sim senhor  
Eu moro, eu moro  
Eu tenho uma banda chamada sucata  
Mania é a nossa ideologia  
É a nossa ideologia  
Moro no Alagados  
Moro no Alagados  
Moro sim senhor  
Onde a esperança é a minha vida  
E a esperança tá de pé

Eu moro em Alagados  
Eu moro sim, eu morro sim, eu morro sim  
Eu moro em Alagados  
Moro em Alagados  
(Narcizinho)

**Imagem 2** - Croqui das construções das *palafitas*.



Fonte: SOUZA, 2001.

Para compreender esse movimento Bagunçaço e os processos educacionais produzidos por e através dele é preciso antes um mergulho na história buscar entender em que contexto social, econômico e cultural encontrava-se o seu berço, Alagados, pois entendo que o surgimento do movimento de latas de certa forma estava ligado ao espaço geográfico e as condições sociais que esse lugar apresentava, sobretudo, estavam associados a dois momentos importantes do crescimento e das transformações urbanas de Salvador (SOUZA, 2013).

Primeiro, o processo de formação dos antigos Alagados está antes de tudo associado a outro processo, o da migração, e também por causa da pressão do latifúndio, a falta de espaço para a produção, o surgimento das indústrias, a construção das entradas, a falta de emprego acesso a moradia que por sua vez se deu pela falta de políticas públicas para habitação, que

mais tarde viria a provocar um êxodo geográfico e social que se deu no período da década de 1940, isso na sua primeira fase, SOUZA(2001).

Segundo, no que se refere á formação dos Novos Alagados que pode ser visto como uma segunda etapa dessa ocupação que também vemos que esta associada á invasão <sup>1</sup>que ocorreu em meados de 1976, que segundo CARDOSO (2009, p. 49), cerca de 150 famílias, dentre estes os filhos e as filhas de santo da Mãe Leninha, construíram seus barracos nas proximidades do terreiro e dessa forma acabaram por dar origem a comunidade de Nova Esperança, onde a partir dai foram se registrando chegadas massivas de famílias do interior<sup>2</sup> do estado SOUZA(2001).

A luz do que SILVA (2002) e CARDOSO (2009) vão nos mostrar em seus trabalhos, mas em outros momentos buscaremos também a luz de outros autores e autoras que realizaram um trabalho nessa perspectiva de buscar entender a origem das comunidades de Alagados e dos Novos Alagados.

Que é segundo SILVA (2001) vai dizer que as ocupações e reivindicações por melhorias urbanas, e questões habitacionais, fazem parte de um processo histórico que se consolidou desde o período do Brasil Colônia, que se tornou independente, mas, porém dominada por uma elite conservadora que carregava e propagava uma cultura escravocrata.

Ou seja, os problemas de moradia e habitação no Brasil eles não são um problema atual, são na verdade uma herança do período colonial, onde em meio aos vários problemas sociais, o da moradia aparece como outros tantos, como um problema de cunho social e político, na medida em que havia uma forte ausência de políticas de melhoramento de habitação.

Atrelado a um processo de exclusão social, aqui algumas grupos sociais foram sistematicamente excluídos. SILVA (2001, p.68), nos diz que: “A lógica do modelo de desenvolvimento implantado é a da exclusão, principalmente quando se trata dos cidadãos afro-descendentes, em todos os aspectos de sua vida.” Surgi nesse período um novo projeto político de desenvolvimento, mas que na verdade é um “neo-desenvolvimento”, na medida

---

<sup>1</sup> SOUZA (2002) vai se apropriar do termo, para distinguir aquelas famílias que vão fazer o movimento de se deslocar dos vários interiores do estado, e que sem nenhuma condição de ter moradia descente, precisando urgentemente de um lugar para morar, portanto essas ocupações voluntárias e pioneiras elas vão ser vistas como invasões, ate porque vão ocupar alguns espaços físicos, com o desejo de ter uma casa própria, diferente do que vai se registrar com outra noção que é de ocupação, essa que essencialmente dava-se através de negociações e arrendamento (para os que tinham condição) de lotes por parte dos proprietários que detinham enormes lotes de terra.

<sup>2</sup> Em sua tese SOUZA (2013) vai trabalhar esta noção como uma categoria analítica proveniente da forma como os migrantes saídos do recôncavo baiano e dos outros lugares com destino a cidade de São Salvador da Bahia, assim como seus descendentes, moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador, a exemplo do caso de Novos Alagados, vão se autodeterminar ou declarar.

em que reproduz as ideologias de dominação, controle e exclusão social, como também a prorrogação do cerramento das oportunidades para um determinado grupo social.

SILVA (2001, p. 68) vai mostrar ainda que o fechamento das oportunidades para alguns em detrimento dos outros, estendeu-se na verdade até outras esferas, dentre elas a saúde, a educação, habitação digna, oportunidade de emprego, serviços mínimos para a sobrevivência, que forma sistematicamente negada às populações Afro-descendentes.

Ainda conforme destaca SILVA (2001, p. 71), “Alagados está entre as invasões mais antigas de Salvador. É citada nos estudos sobre urbanização da cidade desde 1940 [...]”, a questão da moradia, visivelmente ela não se constitui nos anos de 1991 não, é uma situação muito mais antiga, enfrentada pelos moradores dos antigos Alagados, que sem perspectiva de melhoramento nenhum como vamos ver lá mais adiante, encontraram ali, moradia mais acessível para a sua condição financeira.

A questão da habitação em si representa um enorme problema que vai inclusive na contramão no que diz respeito aos direitos que legalmente são constituídos, quando se luta por uma moradia digna, não se luta somente por um espaço físico, lutasse por inúmeros direitos que também, são acompanhados ou acompanham essa luta e, é um pouco a luz disso que a SILVA (2001, p. 71) vai dizer:

Portanto, a luta pelo espaço de moradia, uma realidade na cidade de Salvador e também de outras cidades brasileiras, retrata a pobreza urbana que sempre existiu e que toma contornos diferenciados a partir de fatores conjunturais, políticos e/ou econômicos. [...] por volta dos anos 40, os problemas sociais que emergiram a partir das condições precárias de habitabilidade — epidemias, doenças provocadas pela falta de saneamento básico, prostituição, desvios de comportamento, promiscuidade — foram interpretados pelo governo como uma questão de saúde pública.

Se por um lado, os problemas da moradia, refletiam na saúde, na educação, na segurança, etc. percebemos que existe aí, igualmente uma tendência enorme em se marginalizar esses lugares, os remetendo à violência, ao tráfico e por aí vai.

Mas é preciso que se abordem tais fenômenos, como sendo resultado ou o reflexo justamente desse descaso ou “abandono social” a que essas comunidades precarizadas pela falta de políticas de melhoramento habitacional, foram sujeitos.

É um caso para se dizer que, são essas comunidades a exemplo dos Alagados na verdade um retrato do que podemos chamar de perversidades que as desigualdades sociais impõem aos que historicamente sempre foram e são subalternizados.

No filme documentário, dirigido pelo Eduardo Coutinho: *Edifício Master*,<sup>3</sup> busca mostrar as múltiplas formas de organização social que acontece em um edifício visivelmente às ruínas que, apesar de se localizar em uma das zonas mais nobres do Rio de Janeiro, alberga na sua maioria gente de classe média-baixa e baixa, uma típica representação do que acaba sendo esse fatiamento dos espaços geográficos, que é primeiro pelas já constituídas e consagradas classes sócias, econômicas e raciais.

A favelização de alguns lugares é por parte em decorrência desse processo de exclusão social a que alguns enfrentam, e na medida em que o tempo vai passando, não só se faveliza o lugar em si só, como também tendem a se favelizar as pessoas que lá moram.

É preciso que se enxergue esse fenômeno como um novo modelo não só de nomenclaturar as classes sociais como de servir para afirmar o lugar subalternizado dos mesmos.

SILVA (2001, p. 73) reforça essas tesas em suas pesquisas ao afirmar que:

Entre 1965 e 1998, a produção de habitação popular no Estado esteve sob a responsabilidade da Urbis<sup>4</sup>, empresa de economia mista, atualmente incorporada à Companhia de Desenvolvimento Urbano e Regional do Estado da Bahia (CONDER). No cadastro para seleção dos mutuários da Urbis, os candidatos eram selecionados mediante apresentação de comprovante de renda, fator básico para o atendimento pelo programa. Essa exigência eliminava do processo a população desempregada, os trabalhadores informais, os biscateiros, além de deixar de fora parcela significativa de candidatos que não alcançavam o teto de 03 salários mínimos; portanto, estavam excluídos, os moradores dos bairros populares da cidade, inclusive Alagados.

A exclusão dessa população de baixa renda e que vai encontrar nos Alagados o lugar para habitar significou igualmente uma exclusão social e econômica, o fator do capital sendo um forte indicador para determinar, quem pode e quem não pode ter uma moradia condigna. Percebe que tais políticas de segregação, são as que oferecem uma única alternativa, fazendo

<sup>3</sup> Produzido em 2002, sob direção do Eduardo Coutinho, é um Documentário, cujo diretor busca através de depoimentos dos moradores de um prédio que apesar de estar localizado a uma esquina próxima à praia de Copacabana, apresentar de forma complexa e lúcida a vida urbana do país.

Nesse filme existe uma forte representação, das desigualdades sociais existentes na sociedade brasileira, a partir de memórias, sentimentos íntimos, e até a solidão.

<sup>4</sup> Foi uma empresa de economia mista, que depois de incorporou na atual Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER).

E a CONDER inicialmente teve origem como Conselho de Desenvolvimento do Recôncavo em 1967 tendo delimitado a área metropolitana de Salvador, em 1970.

Já em 1974 o governo do estado redimensionou e mudou a natureza jurídica da CONDER e a renomeou para Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador (CONDER) mais precisamente no dia 9 de julho.

Dentre as principais obras realizadas na capital do estado na década de 1990 destacam-se, ampliação do aeroporto Internacional, recuperação do centro histórico, criação do parque costa azul e claro sua intervenção em Novos Alagados, entre outras obras. Encontra-se atualmente vinculada a Secretaria de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia.

acreditar a essas populações que se instalam nesses lugares precários, que não existe alternativa fora aquela, daí que conseqüentemente as pessoas se apegam afetivamente ao lugar, como sendo o espaço que verdadeiramente se encontra ao seu alcance. Mais adiante, a luz do que SILVA (2001, p. 78), podemos ver que na verdade:

[...]a questão da habitação é colocada como uma questão de difícil solução e determinante para mudanças na estrutura da sociedade brasileira, porque implica em mexer em interesses de grandes grupos econômicos, e até mesmo da classe média, articulados politicamente na manutenção do *status quo*.

Ou seja, se por um lado havia uma política estatal de moradia muito deficiente (defasada), fruto de uma regulação feita provavelmente pelos grupos econômicos, que muitas das vezes não abrem mão do seu poder de gerar lucro, em detrimento de um desenvolvimento mais humano e igualitário, existe uma tentativa sistemática de se cerrar as oportunidades para os demais, sob o medo de perder o *status* e o lucro.

A população é afetada, mas, mais do que isso, ela é sacrificada em nome desse “desenvolvimento”, que consegue ser tão perverso, quanto outro tipo de desigualdade social, pois percebe-se que ele (o desenvolvimento) só está aí em detrimento de alguns e não de todos. A casa ou a moradia é uma necessidade básica do ser humano, ela é uma necessidade básica para sobrevivência e socialização do sujeito com o meio social, ou seja, é um meio de se inserir na sociedade, no caso dos antigos Alagados, foi justamente nesse contexto de busca por melhores condições de vida, que não acarretassem custos, uma vez que havia escassez de emprego para essa classe que vai emigrar para construir e constituir os antigos Alagados, nesta perspectiva SILVA (2001, p. 82) vai dizer que:

A população que se instalou nessa área veio do interior, em busca de trabalho na capital, e essa “opção” de moradia exprime uma situação limite da necessidade de sobrevivência; chegar sem condição de acesso a uma moradia assemelha-se a chegar na condição de indigente, submetendo-se a riscos e humilhações. Assim, ocupar uma área em Alagados significava não só morar próximo ao trabalho, mas, principalmente, não comprar ou alugar casa, opção que não cabia no orçamento da maioria das famílias.

As palafitas como vai referir a SILVA (2001) foram à única saída que essas famílias, que se deslocaram dos vários interiores do estado, tiveram para ter uma moradia, uma vez que estavam impossibilitados de, no mínimo alugar uma casa. Autora vai mostrar que era impossível, que muito desses emigrantes e trabalhadores geralmente de baixa renda, pudessem ter o sonho da casa própria, devido às regras impostas pelo poder aquisitivo do mercado imobiliário.

Ainda no que concerne a formação dos antigos alagados (CENTRO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS, 1998, p. 76 apud CARDOSO, 2009, p. 50). Vai afirmar que além dos fatores acima elencados pela Silva, surgem outros fatores relevantes que vão ajudar a explicar esse processo de ocupação dos antigos Alagados, onde esta vai mostrar que dentre outros motivos:

O desenvolvimento ocupacional da Suburbana está condicionado a um processo de formação de um contingente populacional demandante de emprego, que se iniciou no século XIX com a aglomeração ao longo da ferrovia; seguido com forte impulso de urbanização, a partir de 1955, decorrente das migrações no sentido campo-cidade, consequência da desestruturação da agricultura e da expansão industrial. Em seguida um novo impulso, no final da década de 60, com a construção da AV. Afrânio Peixoto, assim como a implantação da CIA, ocorrido em dois momentos, 1967 e 1972; e as implantações das rodovias BR 116 e BR 101.

Importante destacar aqui o fato desse processo de desenvolvimento que se vivia na capital, caminhar de modo desigual com a situação que se vivia no campo, por outra se percebe desde já, que se a agricultura, por exemplo, era à base de subsistência e de sobrevivência no campo, ela na verdade pode muito bem, ter sofrido com o processo que acontecia na metrópole.

Ou seja, muito deles abandonaram a agricultura do campo, pois esta não sobrevivia sem nenhum tipo de incentivo ou investimento, enquanto a metrópole vivia tempos de abundância e oferecia maiores esperanças para um futuro melhor, o que fez com que muitos desses se assentassem ainda mais naquele lugar precário, conforme os termos que nos apresenta SILVA (2001, p.83), que destaco abaixo:

Alagados não é uma ocupação isolada, destituída de um sentido por parte de quem resolve morar na maré. Toda região é promissora em termos de “espaço” para ser ocupado e de oferta de emprego. A primeira situação em relação ao espaço é que, sendo maré, constitui-se na visão do ocupante como uma área livre, sem dono.

Seria então um local, estratégico nessa busca do emprego, já que os interiores não ofereciam nenhuma oportunidade, viu-se naquele espaço independentemente das suas condições precárias, a oportunidade e as chances aumentadas de se ter um emprego.

SILVA (2001, p. 83), segue afirmando que outro fator da escolha desse local (Alagados) para instauração das moradias deu-se porque em parte, o espaço estar localizado na península itapagipana em uma área do grande centro comercial da metrópole (Salvador), onde conseqüentemente as chances se estendiam ainda mais, para aqueles que almejavam uma oportunidade de trabalho.

A autor, vai mostrar que nesse mesmo processo houveram proibições por parte do poder publico na medida em que a Enseada dos Tainheiros ia sendo ocupada pelas palafitas, e que ao passar dos tempos cada vez mais foram se multiplicando.

[...], no início de 1970, Alagados passou a ser uma cidade construída sobre as águas, com cerca de 100.000 mil moradores. [...], a partir dai se constituiu o bairro de Jardim Cruzeiro e, mais tarde, os bairros do Uruguai e Massaranduba (essa versão talvez corresponda a um período mais recente). É provável que a primeira ocupação tenha ocorrido no Caminho de Areia, na década de 40/50, quando começaram a surgir as primeiras palafitas. [...], Alagados constitui numa área de ocupação permanente, em decorrência do processo continuo de ocupação. [...]. Há vinte anos, [...], a maior parte desses bairros — Jardim Cruzeiro, Uruguai e Massaranduba — era constituído de palafitas. Essa declaração confirma o processo de aterro para moradia, que se verificou posteriormente na área. [...], a questão da moradia é a primeira de Alagados, o *locus* de seu crescimento e da construção de seu patrimônio social. [...], sobretudo na década 70, o governo intervém na área com o propósito de urbanizar, erradicar as palafitas e recuperar a Enseada dos Tainheiros, através da AMESA. SILVA (2001, p. 84)

Duas coisas a se destacar, o crescimento notável dos moradores que vão constituir as suas casas nesse espaço, que só retrata a crescente procura e pouca ou nenhuma oferta de moradias condignas, e em segundo a expansão das palafitas pelos outros bairros que também vão nascer em decorrência desse processo massivo emigratório do interior para o campo.

Observa-se também que passados 30 a 20 anos a depender do ano da ocupação e da construção das palafitas nos antigos Alagados, só ai o poder publico intervém não para melhorar as condições de moradia, mas para jogar esses moradores mais para a rua, uma vez que não se preocupa, em, por exemplo, elaborar politicas que possam garantir ao fácil acesso moradias descentes para estes, e só após isso pensar em intervir no sentido de urbanizar o local.

Recuando um pouco, para o que era a realidade econômica dessas emigrantes que vão decidir construir suas moradias nos antigos Alagados e assim constituírem um modelo de organização social, econômica, política e cultural, sobre encima das águas, isso só vai de certa forma reforçar o que (MOURA, 1997, p. 229 apud SOUZA, 2002).

[o] mundo da pobreza é marcado pela precariedade, instabilidade e insegurança e provisoriidade das relações que os indivíduos estabelecem entre si, com os sujeitos empregadores, com o Estado e seus aparelhos... Os arranjos no âmbito da família, do trabalho, da religião, da participação em movimentos explicitamente políticos etc., se dão pelo trânsito incerto num leque restrito de oportunidades e perspectivas.

Importante destacar que uma vez constituídas, as relações e os laços afetivos entre esses novos grupos que vão criar laços de parentescos e que foram nascendo em decorrência dos processos emigratórios, fazendo com que inclusive estes formem novos arranjos de organização social, em esses espaços que vão ocupar.

Mas que como aponta o autor acima perdura ainda assim a incerteza de se continuar naquele espaço físico, mas que também pode ser um espaço social, político e de construção de uma identidade com o espaço físico que a pessoa vai adquirindo no decorrer desse emaranhado de formações e transformações que vão (de) correndo, é sem dúvidas uma das marcas e *modus operandi* que pobreza e a precariedade muita das vezes têm, de realizar encontros e desencontros que decorrem nesses processos de ocupações e de remanejamentos populacionais.

O espaço dos antigos Alagados foi como descreve SILVA (2001, p. 88) uma construção física, retratando ou esquematizando a situação de precariedade, que reproduzia naquele espaço concerto, e estendendo-se para diferentes dimensões cotidianas, desde as sociais, políticas, até as econômicas.

Eram sem dúvidas uma autêntica demonstração de uma realidade de “muitos”. Por estes “muitos” podemos entender e/ou coadunar desde a classe política que é responsável ou deveria ser responsável por políticas de moradias, os grandes empresários que cerram as oportunidades dos muitos tantos, em detrimento do lucro que esperam gerar com as suas indústrias e por aí vai.

É por esse caminho que a SILVA (2001, p. 88), segue adiante afirmando que especificamente as áreas predominantemente alicerçadas pelas palafitas nos antigos Alagados, são as que mais, são nutridas na materialização da pobre econômica e política, da indignidade para com o sistema político que regia naquela época, bem como ela vai apontar que também para a ambiguidade do próprio estado no que diz respeito às questões sociais, pois pairavam essas questões o centro dos debates e da realidade cotidiana das populações periféricas.

Através de dados quantitativos, pode-se perceber que diferente de outras realidades, os antigos Alagados representou segundo SILVA (2001, p. 89) a maior parcela desses emigrantes que vinham dos interiores do estado para a capital, sendo que conseqüentemente o lugar onde aconteceram mais ocupações coletivas, baseando-se em dados do cadastro social do Programa Ribeira Azul que foi realizado segundo esta no primeiro semestre de 2000, que vão mostrar em termos estatísticos a tamanha proporcionalidade das pessoas que viviam nessa região (Alagados) era de 3.491 ao todo, sendo que desses, mais ou menos 2/3 moravam em terra firme e os outros 1/3 em palafitas.

Assim sendo pode-se afirmar que esses dois terços que Silva vai trazer eles não vão representar uma ascensão social, política, ou econômica, pois anteriormente Souza (2001) vai apontar que todos que moravam nos antigos Alagados, tinham dentre vários problemas em comum, por exemplo, o da falta de emprego, que afetada a todos, sem exceção alguma.

Assim supondo, podemos concluir que a situação não somente de moradia, mais social, econômica, e política, bem como cultural era de extrema emergência, os antigos Alagados viviam pelo retrato descrito uma situação emergencial.

SILVA (2001, p. 89) vai apontar que até meados de 1986, os Alagados encontravam-se situados na área periférica comparando com o centro da cidade, e ao mesmo tempo próximo a Calçada.

Os antigos Alagados foram apáticos para o olhar do estado, que como percebemos deixou durante décadas, alastrar-se esse estado putrefato em que esses se encontravam, na medida em que almejava antes, durante e depois de se assentarem sobre aquela região, não tratamento igualitária, apenas medidas que pudessem garantir o básico para sua sobrevivência, desde ao emprego como tivemos a oportunidade de ver, até os serviços mínimos, mas importantes como: saúde, educação, segurança, etc.

SILVA (2001, p. 89) vai descrever entre as entrelinhas da sua narrativa, esse retrato dos antigos Alagados que era segundo :uma invasão de palafitas sobre a água, construídas na maré; era mar aberto” assim como também era para os demais, “era uma invasão com as casas de madeirite, maré e mato, sem nenhuma infraestrutura, transporte, educação, saúde, esgoto; era um lixo.

A autora vai apontar que apesar da falta de todos esses serviços e infraestruturas, associados a outras condições lastimáveis vivenciadas no lugar, algo nunca deixou de faltar naquele lugar (antigos Alagados), a existência de uma prerrogativa no que se referia as pontes que construíram e que por esses foram construídas de relações sociais, que foram mantidas naquele lugar, onde as necessidades e a carência faziam a questão de mostrar sua face, mas que em face disso, possibilitaram com que houvesse mais solidariedade e espírito de camaradagem que fluía sob a luz das condições que estes viviam e vivenciavam cotidianamente.

**Imagem 3** - Representação das casas das *palafitas* feita por uma das crianças do bairro, 2000.



Fonte: Souza, 2001.

Segundo SOUZA (2001, p. 89), essas relações que foram sendo estabelecidas entre os moradores das palafitas e das não palafitas dos antigos Alagados, em parte foram pela certeza de que ninguém ansiava aquele lugar, o qual eles não corriam nenhum risco de ser expulsos e também porque a solidariedade ela em si só, garantia uma sobrevivência mais solidária.

Pode-se afirmar que a vicissitude que se dará nos antigos Alagados por parte ela só foi possível, através dessa rede de parceria e solidariedade que foi sendo construída pelos moradores que como vai apontar SOUZA (2001, p.89) chegava até ao ponto de:

[...], e costumes antigos como troca de pratos de comida e famílias conversando nas portas eram atitudes comuns entre eles, muito já morando em terra firme, e tornavam as relações de vizinhança bem solidarias. [...]. A situação era muito precária, mas tinha-se a esperança de melhora no futuro.

As condições em que se encontravam essas famílias de certa maneira vão determinar esse tipo de relações sociais que no decorrer dos anos e nas melhorias que vão se aplicar nos

Alagados, sobretudo quando uma parte desses moradores consegue afixar suas residências em solo firme, e vão de certa maneira como aponta a autora que alguns após se estabelecerem em terras firmes afastaram-se um pouco e se tornaram mais egoístas.

O que de certo modo vai nos mostrar a tamanha virada, que estava se materializando em nível das relações sociais que foram forjadas e ou construídas a luz de um ideal em comum e de uma única perspectiva que todos tinham, mas que alguns foram conseguindo antes que os outros, e por isso criou-se certa ruptura nessa estrutura de organização social, que até então vinha se mostrando firme, portanto até a melhoria (a nível de habitações ) que ocorreu, trouxe os ecos da ventania que soprou no sentido de criar um subdesenvolvimento nas relações humanas que foram construídas durante anos.

SOUZA (2001, p. 90) vai referir que nas memórias dos (as) moradores (ras) por ela entrevistados, dentre eles (as) as mulheres, que vão descrever o cenário dos antigos Alagados, era de uma invasão de palafitas sobre a água, sem nenhum tipo de infraestrutura básica, desde o que diz respeito a transporte, educação, saúde, esgoto, água.

E o que veio a reverter esse cenário, foram às ações coletivas, fruto da mobilização interna dos próprios moradores, que compreenderam a necessidade e a extrema importância dessa mobilização, sobretudo se formos a compreender que lugares como esses que tem sérios problemas de saneamento básico, são sempre os mais frágeis e vulneráveis a todo tipo de epidemias.

É de se enaltecer esses tipos de ações e iniciativas que, sobretudo chamam para comunidades carentes que dificilmente são primados pelo suporte do poder público que buscam promover ações que visam melhorar as suas comunidades, servindo também para socializar ainda mais a comunidade internamente, fazendo com que haja troca de experiências entre si e possam contribuir para um futuro das novas gerações.

SOUZA (2001, p.91) traz o sentimento de orgulho, mas que também por de trás esconde um outro tipo de sentimento o de abandono por parte do poder público, quando ao decorrer da sua pesquisa ela se deparou constantemente com a seguinte frase: Nos construímos o bairro que moramos sem ajuda do governo, ou seja, isso vai não só representar, o distanciamento por parte do governo como a SILVA vai apontar, como também representa um distanciamento da própria realidade, ou seja, tampava-se a vista para uma realidade que estava bem nas entrelinhas da capital do estado.

As ações individuais de construção das palafitas são as que, mas tarde vão dar certa sustentabilidade a essa ideia de construção e da ocupação nos antigos Alagados, tal como refere SILVA (2001, p.91), “Após a década de 50, [...] a ocupação de Alagados teve um

caráter mais coletivo, a expansão foi inevitável e ocorreu sem houvesse muita pressão. Foi um crescimento gradativo e consentido por moradores antigos, a parentes e amigos.”

Importante, fazer uma análise profunda desse momento, pois a partir daí é possível, compreender os principais fatores e ou forças que vão efetivamente contribuir para esse crescimento e consequente expansão dos alagados, daí que podemos, por exemplo, nos perguntar por justamente na década de 1950 acontece esse movimento maciço no sentido de ocupar-se essa área?

O processo de expansão e aumento da população na capital do estado passa dos 290 mil habitantes, isso nos anos 1940, para 417 mil, nos anos 1950. Em parte este processo é resultado do crescimento da economia a expansão da urbana e a mutação da vida cultural, as alterações urbanísticas e arquitetônicas que vão segundo estes dar um novo perfil a Salvador, sobretudo ao centro da capital baiana que era o local de trabalho de maioria da população, que passou assim a contar com espaços para lazer, cultura, entretenimento e outros tantos serviços. RUBIM, COUTINHO & ANCÂNTARA (1982)

Agora se por um lado a cidade registra nesse período essas mudanças necessárias, por outro lado, deixa de lado ou se desprivilegia esses emigrantes que vieram dos interiores para terem oportunidades de crescerem em meio a esse processo, podemos perceber a partir daqui que na verdade com esse crescimento, existiam oportunidades tantos de emprego, como de moradia descente.

Mas porem a falta de política e a marginalização desses moradores que vão buscar se instalar nessas zonas menos disputadas pela alta sociedade soteropolitana, foram os que contribuíram para que houvesse esse crescimento e consequente expansão das palafitas, que não propiciavam uma vida de qualidade nenhum para os moradores, devido às condições não ofereciam para essa população, conforme disse anteriormente.

Nesse processo de construção do bairro, teve espaço tanto para solidariedade como já apontamos anteriormente, mas teve também espaço para conflitos que se deram durante esse processo de construção como vai apontar SILVA (2001, p.93),

Quando as pessoas se referem ao cenário do bairro, o seu aspecto físico, uma situação que fica evidente é a necessidade de entulhar. Essa ação se configurou na maior causa de expressão de solidariedade e também de muitos conflitos. Em determinados pontos, o entulho jogado para aterrar um lote podia derrubar várias outras palafitas e as pontes que davam acesso a elas.

Uma característica típica daquelas comunidades que, aqui chamaríamos de comunidades emergências, devido ao múltiplo e elevado grau de dificuldades que geralmente

tem, onde as chances de uma sociabilidade harmoniosa são maiores e constituem características e ou qualidades básicas, já o conflito esse torna uma referência justamente dessa carência que tem que se enfrentar em decorrência, sobretudo de se buscar estabelecer minimamente bem, naquele lugar.

SILVA (2001, p.93) vai de certa forma sintetizada dar um parecer geral do que em parte do que foram as dificuldades que diariamente afrontavam os moradores das palafitas, esta vai dizer que:

[...]. O fato de esse espaço ser a maré, por si só fomenta uma série de questionamentos por conta de se entender como se dá a adaptação de seus moradores, principalmente as crianças e pessoas portadoras de deficiência física, já que andar pelas pontes com o balanço da maré exige equilíbrio, dimensionamento de peso e sobriedade, estados sempre conseguidos pelos moradores.

Os problemas enfrentados e o perigo que representavam as palafitas dos antigos Alagados eram enormes, sem reformas, sem políticas de melhoramento de habitação e de emprego, a situação dos antigos Alagados tornou-se irreversível, representando um enorme perigo de vida, para os seus moradores.

E principalmente para os recém-chegados que fora as dificuldades de inserção social, de ter um emprego, ainda tinham que se readaptar para aquela nova realidade.

Como vai mostrar SILVA (2001, p.94), que até para quem tivesse emprego e morava nas *palafitas*, não estava isento das dificuldades que ocorreriam, em decorrência de vários fatores, dentre eles a autora destaca os aspectos naturais –quando a maré atingia níveis superiores –, impossibilitando que os moradores saíssem de casa, mesmo com pontes adaptadas (muitas das quais não eram seguras), exigindo como alternativa para realizar a travessia ter que tirar os calçados para não molhar.

SILVA (2001, P.94) vai mostrar que:

mas também acontecia de chegarem em casa com água nas coxas, sobretudo na maré de março, muito maior do que a de outros meses, quando a água subia até o limite das palafitas e chegava próximo às casas aterradas. O barco era um meio de transporte muito utilizado, inclusive com muitos fatais.

Portanto podemos desde já visualizar que dos inúmeros problemas que esses emigrantes do interior enfrentavam na capital, os de moradia, foram maiores, que de certa forma vão inclusive contribuir para o modelo de vida que essas famílias, vão adotar ao longo desse período de readaptação a essa nova realidade, que se deu, sobretudo também, pela não existência de políticas de amparo social por parte do poder estatal.

Isso também se deu pelo fato de que, mas do que não ter outro lugar para morar e sendo ali a única alternativa “acessível” em termos de capital-econômico, mesmo assim esses enfrentaram vários perigos que representavam morar naquele lugar.

SILVA (2001, p.95) conta que no decorrer do tempo que com o avanço dessa “edificação mais econômica”, as palafitas vão invadir o manguezal da então Ilha do Rato.<sup>5</sup>

**Imagem 2** - Fotografias áreas das enseadas do Tainheiro e do Cabrito e em foco a Ilha do rato, 1999



Fonte: Acervo de pesquisa do mestrado de Cristiane Souza, 2000.

Geralmente como aponta SILVA (2001, p. 95), as construções por serem precárias, constituíram enormes riscos de vida para os moradores, dentre ele os incêndios, desabamento, quedas na maré, seguidos de muitos casos de mortes por afogamentos que se tronavam pela frequência que se dava em acidentes “comuns”, dentre às pressas fácies da fúria da maré eram mais cotadas as crianças que pela sua incapacidade de se defender acabavam por entrar nos cruéis números das estatísticas, ate pela falta de um posto medico, que pudesse estar ao serviço da população.

Importante ressaltar que boa parte da comunidade dos antigos Alagados, esteve a todo o momento como aponta SILVA (2001, p.96) dinâmica e engajada na construção e consolidação de espaços para moradia.

Sendo que devido à falta de informação e instrução, os problemas ambientais assolavam ainda mais essa comunidade, pois havia enormes problemas que ficavam no segundo plano, pois a comunidade primava pela moradia e pelo emprego, mesmo que como aponta a autora, boa parte deles por não terem emprego, acabava por tirar o seu sustento nesse mesmo lugar.

---

<sup>5</sup> No filme de Curta-metragem produzido em 2005, por Joselito Crispim e Bernad Attal, vão nos mostrar através, da história de um garoto que morra nas palafitas e que vive vendendo “sonhos” para ajudar sua família. Mas o seu sonho maior é achar um jeito de navegar ate esta ilha, que visitará seus sonhos na noite passada.

A comunidade dos antigos Alagados enfrentava fora os problemas estruturais de moradia e serviços públicos, também os de natureza ambiental, que se constituíram também, como um enorme problema.

Do modo que podemos pensar que, por exemplo, as doenças que atacavam os moradores, surgiam por parte, em decorrência do lixo que sem nenhuma humanidade era severamente jogado para junto das palafitas dos antigos Alagados, claro que mesmo assim como vai mostrar SOUZA (2001, p. 96) houve quem soubesse aproveitar ou tirar proveito das “vantagens” que trariam:

O lixo, trazido de toda cidade, era empurrado por um trator na direção das palafitas, quem pagassem mais, tinha uma quantidade maior jogada no seu terreno; assim o bairro foi construído. [...], havia lamaçal e esgotos a céu aberto, um dos elementos da infra-estrutura de difícil solução, por exigir um maior domínio das técnicas, o que estava fora do alcance do conhecimento da comunidade. Como não havia qualquer sistema de esgotamento sanitário, todo o esgoto era jogado na praia ou no mangue, [...].

Portanto o lixo ele foi à base da edificação das palafitas dos antigos Alagados, e podemos perceber que esse mesmo lixo comercializado, ele trazia consigo não somente uma segurança no que se refere à sustentação das moradias, mas era responsável também em parte por algumas doenças que surgiam nos antigos Alagados, outras pelos fatores ambientais que é o caso da falta de saneamento que a população enfrentava no seu dia-a-dia.

O esgoto também, que vinha de todos os cantos da cidade e que se interditava dentre aquelas palafitas, lavando também altos riscos para saúde dos moradores.

SILVA (2001, P.97) vai demonstrar que mesmo em meio a tantas dificuldades de acesso a emprego a população dos antigos Alagados conseguia desenvolver para sua sobrevivência atividades de subsistência tais como: pesca e mariscagem, que serviam tanto para o consumo pessoal como para o comércio, sendo que boa parte da comunidade vivia somente da mariscagem, em especial as mulheres.

Porém, a autora vai registrar os resultados dos estudos desenvolvidos pelo GEPAB<sup>6</sup>, que não recomendavam o consumo dos produtos da atividade de extração realizada por parte da população do bairro, devido ao nível de contaminação que existia na Bacia dos Tainheiros, para onde o esgoto doméstico de todas aquelas casas eram lançados o céu aberto na maré.

No que se refere à formação dos antigos Alagados SILVA (2001, p.98) vai terminar afirmando que, a consolidação de espaço para moradia, para a população para essas pessoas

---

<sup>6</sup> Grupo de Estudos para Alagados da Bahia

que vivem em locais do tipo os Alagados constituem ainda um problema, sem grandes margens de solução.

Já no que se refere aos Novos Alagados, vemos que as circunstâncias de ocupação elas não estão tão distantes e muito menos são diferente das circunstâncias dos Alagados, pois também vão dar-se em decorrência de um processo de ocupação que também é fruto da falta do emprego, falta de condições para o pagamento do aluguel.

Como vai apontar CARDOSO (2009, p.49) afirmando que “[...] pessoas que não tinham como pagar o aluguel e famílias formadas por casais jovens, cujo os pais eram ex-moradores das palafitas dos antigos Alagados e, dessa forma, estavam habituados a essas condições de habilitade.”

Diferente do primeiro momento que compreende a ocupação dos antigos Alagados, nesse período percebe-se que inclusive, a questão do espaço físico como uma herança, passado para outras gerações, por outro lado isso implica afirmar que muitos já se sentiam parte daquele lugar, já não se encontravam ali em regime emergencial e sim em permanência, uma vez que as chances de ter casa própria era escasseias.

Aprendendo inclusive a conviver com as situações de precariedade e de insegurança que ao longo dos anos, foram sendo encaradas com “normais” para o dia-a-dia dos Novos Alagados. CARDOSO (2009, p.50) afirma que:

[...], Novos Alagados foi uma invasão que se formou conduzida por alguns fatores, dentre os quais a fragilidade na fiscalização e no controle da área por parte das estruturas do poder público, responsáveis pela intervenção nos antigos Alagados. Foi ainda uma resposta á incapacidade do Estado em oferecer possibilidades de habitação para os trabalhadores dos setores formais, menos qualificados, e, por fim, uma demonstração do esforço solidário e coletivo dos indivíduos para produzirem seu próprio território.

A ausência de políticas para habitação se revelam ate então como sendo o principal fator, na edificação dos Alagados, junto isso á falta de emprego, que vai culminar como, por exemplo, ofícios anteriormente mencionados (pesca e mariscagem), por estas e outras fragilidades que estas famílias estavam expostas, a única saída que lhe restava era justamente estarem afinados nas suas relações sócias, do modo a garantir a sobrevivência, já que o lugar impunha tantas necessidades, que precisariam dessa solidariedade entre os moradores.

Todas as comunidades que tem sido vitimas do descaço ou do esquecimento por parte do poder estatal, tendem a se unir ainda mais, mesmo com todas as adversidades, só o fato de todos estarem nas mesmas condições precárias, se torna como uma tônica para a solidariedade, sim existem conflitos nessas comunidades, mas esses conflitos eles geralmente

se dão justamente pela carência, de serviços e bens que essas comunidades geralmente têm, daí que a lógica de todos sempre quererem ter o mínimo do melhor pra si.

Importante destacar que no período dos antigos Alagados, no que se refere aos papéis da construção e do trabalho na comunidade era maioritariamente desempenhada pelos homens, já o mesmo cenário vai verificar uma ligeira mudança, pois nos Novos Alagados as mulheres passaram a ter um protagonismo mais visibilizado, mesmo assim SILVA (2001, p.102) mostra que estas não exerciam diretamente a sua liderança, sobretudo política, mas, por exemplo, estas já desenvolviam atividades econômicas, como a venda de comidas na rua, nas férias estas desenvolviam atividades relacionadas ao comércio, onde ganharam certo destaque e protagonismo.

Um olhar atento para estas diferenças entre as mulheres e os homens na construção das dinâmicas sociais dos Alagados, sobretudo no papel das mulheres, estas que mais tarde vão cuidar das suas famílias (filhos) sozinhas, quando o consumo e o tráfico de drogas em novos Alagados, vai corromper muitos jovens, vai também nos ajudar a compreender como isso vai de certa forma contribuir, por exemplo, para operação de novas mudanças sócias em novos Alagados.

Por outro lado, conforme SILVA (2001, p.102), enquanto as mulheres se inteiravam no comércio, os homens estes em épocas eleitorais, desempenhavam papéis de cabos eleitorais de políticos de todos os segmentos, geralmente em troca de benefícios como: cesta básica, medicamentos, camisas para futebol.

As condições de extrema vulnerabilidade, as quais estavam mergulhadas as famílias dos Novos Alagados fizeram com que esses fossem potenciais alvos da caça selvagem dos votos, por parte da classe política que como sempre soube explorar essa condição de pobreza que estavam expostas, a falta de emprego também, fez com que esses (moradores dos novos Alagados) fossem vítimas de uma vagareza política. CARDOSO concentra os seus estudos no que diz respeito às organizações de intervenção social na chamada região do Programa Ribeira Azul<sup>7</sup>, sobretudo na década de 1990 á 2000. A autora busca traçar alguns dos perfis dessas organizações, nomeadamente, suas áreas de atuação, suas condições materiais e imaterial, suas fontes de financiamento e fomento, suas dificuldades, etc.

---

<sup>7</sup> Segundo CARDOSO Foi uma intervenção integrada que contemplou ações físicas e sociais, implantada sob a responsabilidade do Governo do Estado da Bahia nos primeiros anos da década de 2000, em um conjunto de bairros periféricos, inclusive aqueles localizados nas bordas das enseadas dos Tainheiros e do Cabrito, na metrópole baiana, seu objetivo segundo a autora era de erradicar a pobreza, representada pelas moradias indignas, sobre tudo aquelas construídas em palafitas sobre a maré, nas bordas das enseadas do cabrito e dos Tainheiros, na capital Baiana. Tendo duas áreas de atuação direcionadas á de requalificação físico-ambiental e o desenvolvimento social.

CARDOSO (2009, p.66) vai apontar que:

As aproximadamente 70 organizações comunitárias estão espalhadas por um território de aproximadamente 4km, onde habitam cerca de 40 mil famílias. Muitas dessas organizações são capitaneadas por personagens conhecidos e recém chegados no chamado “mundo do movimento social”, determinados, politizados, respeitados, temidos, criticados, conscientes de seu papel nos espaços que ajudaram a construir na mão, no grito, na palavra e na solidariedade que se constitui nesses territórios em função da necessidade de construção coletiva de soluções para os problemas dos moradores. Alguns aprenderam com os seus familiares as lições do engajamento comunitário. Outros foram e ainda são protagonistas dessa longa e paradoxal historia.

Importante mais do que o papel que vão ter é a representação e a voz que vão dar ao espaço em si, que como vemos durante um longo período esteve “fechada” dentro de si, se confrontando sobre as dificuldades que pairavam sobre si, desde a moradia e ao emprego.

Essas organizações elas vão de certa forma servir como uma forma institucionalizada de reivindicar os vários direitos que essa população não tinham, mas a importância dessas organizações e dos projetos implementados em novo Alagados, mostram que alguns projetos buscavam ir mais além, implementando ações que tinham por objetivo melhorar as condições de sobrevivência da comunidade, desde a projetos de caráter cultural, até de saúde e educação, ajudando não só a transformar novos líderes, como a possibilitar novas oportunidades futuras principalmente para as crianças, que com a falta de educação eram as maiores vítimas desse abandono por parte do poder público.

A mobilização nas comunidades em prol da educação e da formação de novos atores se reflete como uma das fases desse processo de transformações sócias, que esperamos possa existir, e que, somos todos chamados a dar a nossa contribuição, seja através das experiências vividas ou não.

Para o fortalecimento dos laços culturais e históricos é preciso que se constituam esses laços que vão exatamente lutar de diferentes formas para que esse ciclo de formação e transformação não se rompa, por este motivo pensar que o papel da educação por parte da comunidade pode ser um dos vieses, o reconhecimento das lutas em prol de causas coletivas, entendendo que a primeira identidade que se busca preservar é a coletiva, pois é ela que vai construir a nossa identidade cultural.

Desde quando nascemos buscamos ter uma identificação cultural do nosso grupo familiar, depois com o “mundo” podendo ser esse “mundo” a nossa própria comunidade que é onde a criança dá depois da família, os seus primeiros passos para a socialização e o aprendizado que é completado na escola.

Nesta perspectiva podemos perceber que a aplicabilidade da teoria de FREIRE (1982, p. 9), que nos que: “Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi à leitura da “palavramundo””.

Fazendo uma ponte com essa contribuição na preservação da identidade e da transformação social, bem como dessa socialização por parte dos mais novos nos seus primeiros momentos de aprendizado, podemos aqui concluir que a essa teoria do FREIRE ela pode aqui também ser aplicada.

Neste caminho CARDOSO (2009, p.66) completa afirmando que: “os protagonistas sociais apresentados aqui pelas organizações comunitárias, emergem de momentos de busca de soluções para os problemas coletivos, de conflitos e tensões desencadeadas dentro ou fora dos limites da comunidade.”

Existe uma tendência desses movimentos em buscar o que aqui poderíamos chamar de uma sistematização social, em prol das lutas da maioria, importante fazer uma reflexão sobre essas organizações, pois elas vão inaugurar um “novo” modelo de reivindicações e de lutas pelos direitos da comunidade num todo, sobretudo através de ações concretas que vão desencadear e vão, de certa maneira, descentralizar os problemas dos mesmos sujeitos, permitindo inclusive com que haja uma pressão maior, e resultados mais claros e rápidos, diferente, por exemplo, quando uma única instância ou organização, vai reivindicar á questão de moradia, saúde, emprego, educação, etc.

Portanto podem-se ver esses projetos e organizações como esse instrumento primeiro que descentralização, depois que fortalece as lutas internas e externas da comunidade.

Segundo CARDOSO (2009, p. 68) foi realizada uma pesquisa que visava entre outras ações conhecer e compreender o cotidiano desses atores sociais locais no final de 2002, cujo seu objetivo era identificar as potencialidades e fragilidades dentro do contexto das organizações, pois os princípios que norteavam o programa Ribeira Azul era o da ideia de que o desenvolvimento comunitário deve ser pensado a partir da potencialização dos seus respectivos representantes cívicos, que estejam socialmente organizados.

Dai que segundo essa autora a partir desse estudo foi possível definir estratégias de fortalecimento institucional.

CARDOSO (2009, p.72) vai se preocupar em sistematizar através de indicadores que esta vai apresentar – fruto dos resultados obtidos em suas pesquisas, onde ela busca

basicamente apresentar os perfis das organizações –, seus respectivos endereços, suas áreas de operação (atuação).

Importa referir que a semelhança do que ocorrerá com os moradores dos Novos Alagados, CARDOSO, vai destacar em sua pesquisa, a questão das casas ou abrigos das organizações, associações e ONG's dos Novos Alagados, que vão enfrentar inúmeras dificuldades em adquirir seu próprio espaço.

A partir daí, é possível ver que até meados de 2002, os problemas relativos sobretudo a residência que como vimos anteriormente, mesmo com programas e projetos, ainda não estavam solucionados em novos Alagados, daí que a importância desses muitos projetos e ONG, que vão nascer em novos Alagados, e que a partir de dentro da realidade e ou comunidade, puderam ter esse capital de ir, lutar não só pela moradia, mas pela educação, saúde, segurança, e melhores condições de vida.

E de certa forma as ações concretas que já aconteciam dentro da comunidade elas, pensasse que elas servirão para pressionar as estruturas do poder estatal, para que pudesse finalmente anteceder pela comunidade, pois na maioria das vezes as chamadas zonas suburbanas estão mais vulneráveis as condições desumanas.

## 2.2 AS LATAS QUE ENTOAVAM AO RITMO DA NOITE

As crianças era as que faziam as suas próprias baladas, desafiando a qualquer fúria que atravessassem seus caminhos, ou melhor, as suas tardes e noites.

Mesmo que ainda fossem inconsequentes e i(maturos) as suas vozes e as vozes das suas latas falavam um idioma no mínimo “estranho” para aquele pequeno universo que de tarde para noite, se viu tomado por um sotaque comandado pelo toque temperado de uma infância que reivindicava o seu direito constituído ou não de ser criança e brincar, e que em forma de percussão e pelo compasso da alegria daqueles meninos que orquestravam sem nenhuma sintonia seus sons baladeiros, já causavam rugas de insatisfação e indignação em rostos mais vividos que os seus.

O limite era a luz no final do túnel que alguns esperavam, mas para que limite? Se eles na verdade não queriam ter limites para lapidar as maravilhas que só a infância os daria, e que passa como a velocidade da luz, e por conta disso, tem que ser vivida intensamente sem nenhum pudor.

E sem muitas opções eles de dentro daquele lugar (novos Alagados) que ninguém de fora cobiçava em morar, só queriam alguns cifrões para saciar suas ambições.

Reunidos sobre as margens de uma perspectiva persistente um grupo de crianças de entre os 11 aos 12 anos encontravam-se sobre as sombras dentre ruelas e becos dos Alagados na ânsia de se divertir e entreter já que aquele lugar pelos inúmeros motivos que anteriormente foram mencionados não oferecia poucas possibilidades de entretenimento e lazer para os habitantes, especialmente as crianças e adolescentes.

CRISPIM (2010, p. 108) vai lembrar que:

Um dia, ao retornar do trabalho no juizado, uma vizinha muito próxima chamada dona Teresa me contou a novidade, como acontece sempre entre vizinhos quando há algo novo, [...]. Fiquei interessado e curioso, então ela passou a falar sobre uma meninada que se juntava havia alguns dias e tocava latas nas tardes e noites. [...] Lembro que um dia o som da banda parecia ter triplicado; eu estava sentado no barraco de dona Teresa e assistia a sua agonia tentando assistir à novela das 19h. Soube no outro dia que durante o Jornal Nacional e a novela das 20h a coisa ficou feia, pois o som aumentou mais, e eles estavam tocando até depois das 22h. Por se tratar de um bairro horizontal, com casas de madeirite, o som se propagava para bem longe.

Importante registrar aqui o fato das informações circularem com uma “facilidade” nas comunidades, esse papel da coletividade comunitária, nas demais esferas é uma característica não singular dos Alagados, mas pode-se compreender ela como fruto desse processo de construção social que ocorre principalmente nas comunidades mais desfavorecidas, aonde todos são chamados a darem suas contribuições de diferentes formas, técnicas e saberes que se aplicam no sentido de melhorar o bem estar de todos.

A compreensão das relações sociais em comunidades carentes passa, sobretudo pela interpretação acima de tudo, das necessidades que essa mesma comunidade enfrenta, pois quanto maior for à carência, maior são as possibilidades do estabelecimento dessas redes de parceria, cooperativismo e solidariedade constituindo-se assim a lógica do comunitaríssimo. CRISPIM (2010, p.109) segue relatando que:

A coisa foi piorando e, por meio de dona Teresa, fui acompanhando. Segundo ela, não se falava de outra coisa. Alguns, embora se sentissem incomodados, achavam melhor que eles estivessem ocupados, mas a maioria queria mesmo seu sossego de volta. Assim, à medida que o sucesso deles foi aumentando, as atitudes de intolerância também foram crescendo.

Aquele movimento de pequenos aspirantes da percussão dividiu inicialmente opiniões e posições, enquanto uns se conformavam depois de resistir com a mobilização dos

meninos, uma parcela maior resistia aquele processo de autoaprendizagem que estava iniciando naquele momento, uma leitura não precipitada e diagnosticada talvez ajudasse a compreender que aquela mobilização poderia servir não só de ocupação dos meninos só em si, mas também de uma contribuição para a própria comunidade que deve buscar em decorrência das suas especificidades aprender a lidar com determinados fatores, e relativamente esses é que vão efetivamente constituir a invenção e superação de suas reais condições sociais, daí que a leitura também numa visão otimista sobre qualquer projeto autodidata que nasça entre os becos de uma comunidade ele vai justamente passar por inúmeros juízos de valores e de sua aplicabilidade na comunidade, como sendo, mais uma forma de agregar para construção de uma identidade social, que justamente nasce através desse exercício de criar superando as adversidades constituídas.

Buscar através da nossa realidade e experiências de vida aperfeiçoar métodos capazes de contribuir para formação da nossa identidade como sujeitos orgânicos é um método no mesmo tempo que se mostra importante torna-se desafiador, pois partimos de estruturas e bases ainda não consolidadas, daí a importância de uma coerência no sentido de equilibrar sem discriminar nenhum e nem outro método.

Assim como para MORIN (2000, p.20) vai dizer que: “[...]. O conhecimento, sob forma de palavra, de ideia, de teoria, é o fruto de uma tradução/reconstrução por meio da linguagem e do pensamento e, por conseguinte, está sujeito ao erro.”.

Não estou isentando o conhecimento prático do “erro”, muito pelo contrário, mostro que ele é uma variante que navega entre o conhecimento prático com o teórico, na medida em que se almeja praticar determinada ação, deve-se compreender que todo o conhecimento é antes de tudo teórico na medida em que ele é construído e prático na medida que é executado.

Voltando ao pretérito dos Alagados, onde um grupo de crianças que não tinha nenhuma formação na musicalidade e que por conta disso, esboçava ritmos e toques marginais que foram reprimidos, sem antes compreender que aquela “marginalidade” é que constrói na verdade o saber prático. CRISPIM (2010, p. 109)

Um dia, dona Teresa me contou que uma senhora, desesperada, havia jogado água de roupa suja neles. Depois uns meninos maiores, provavelmente a serviço do senhor da quitanda (agindo como jagunços), haviam passado em duas ou três bicicletas atirando ovos podres neles. O que mais me impressionava era a persistência daqueles meninos, pois nada diminuía a assiduidade nem a pontualidade dos ensaios.

Entender que a persistência e a insistência foram na verdade uma forma de reivindicar, mas, mais do que reivindicar, em um lugar que nada mais oferecia além da “pobreza” material e social que se dissolviam por todos os cantos sem nenhuma timidez, eles precisavam de algo que pudesse devolver a infância, que as desigualdades sociais e econômicas os limitavam em ter.

Em construção coletiva mais uma vez, percebe-se não somente a força em caminhar, mas também o poder que se tem de se fingir as dificuldades, cotidianamente vivenciadas.

Mas afrente vamos compreender que esses passos iniciais que os meninos vão dar, na verdade não tinham compromisso nenhum com o futuro, tanto que CRISPIM (2010) vai mostrar que os meninos poderiam ter escolhidos tantas outras atividades para entretê-los, pois naquelas limitações que a vida lhes dera, eles só queriam ter o direito assim como todas crianças comuns, crescerem com uma infância, fosse ela construída, fosse ela dada.

Segundo relata um dos integrantes que há 25 anos esteve no surgimento desse **movimento de Latas** em Novos Alagados, ele conta que:

na verdade foi um **movimento espontâneo**, de jovens, adolescentes, crianças na realidade que tinham entre 12, 11, 12 anos, **tinha alguns meninos batendo latas**, nas ruas de Alagados, entre eles tava eu também, batendo lata com outros colegas [...], e não tinha nenhum cunho, de nada, um momento de diversão, pois **naquela época o Olodum era muito conhecido** e agente gostava de tocar.

Na verdade essa espontaneidade pode ter nascido em decorrência do próprio contexto social, aqui essas crianças estavam inseridas e vivenciavam.

Outro aspecto a ser destacado é a influência que os primeiros blocos afros da Bahia, que vão desempenhar para essas novas gerações. Retomarei sobre este aspecto mais afrente. CRISPIM (2010, p. 109) lembra que:

Uma vez, novamente minha informante me contou uma história inusitada: a banda já entrava pela novela das oito, tocando sem parar, quando a vizinha ao lado, morrendo de dor cabeça e desesperada, pediu ao filho que fosse lá e comprasse o silêncio da banda com uns trocados. Foi uma medida eficaz: eles interromperam o ensaio, respeitando a dor de cabeça da vizinha, e receberam seu primeiro cachê.

Importante esse relato, pois ele vai nos mostrar como esses meninos, mesmo novos tiveram a bondade de parar de tocar, talvez fosse pelo seu primeiro “cache”, talvez não fosse e sim por uma questão de respeito, mas mais do que isso, de retribuir de volta aquele gesto, o que, por exemplo não acontecia quando esses eram repreendidos e oprimidos, portanto quanto mais eles sofriam, mas eles revidavam, como também uma forma de defesa.

Mas como nem todos eram tolerantes, posteriormente foram surgindo atos de intolerâncias por parte da parcela, que viu assaltado o seu direito de assistir a novela sem barulho algum, e algumas medidas foram adotadas, a fim de parar de uma vez por toda com aquela “afronta”. CRISPIM (2010, p.109)

Mas um dia comecei a me preocupar, pois soube de minha competente informante, [...], com certa tristeza, que houve distribuição de cascudos, tapas e pedradas quando um grupo mais exaltado de moradores tentou interromper o ensaio antes da hora. Parece que os meninos revidaram com violência à tentativa truculenta de interromperem sua sagrada atividade e continuaram a batucada metros adiante para mostrar que não aceitavam desaforo. [...], e as pessoas incomodadas já se organizavam para fazer alguma perversidade contra a turma da lataria. Claro que eles já haviam sido ameaçados por alguns vizinhos que disseram que chamariam o juizado de menores. [...], e que foi assutada por Neves, vizinha que morava ao lado, logo se espalhou, naturalmente, com versões variadas, a maioria com pitadas de ação da SWAT, pois na cena eu chegaria com a “Galinha Preta” (apelido que meninos de rua davam à Kombi de cor preta que pertencia ao juizado) e recolheria eles para um reformatório qualquer.

As situações de intolerância se aumentaram, em parte por essa incompreensão coletiva da comunidade dos Alagados, que aquela ação dos meninos, visava acima de tudo proporcionar algo, que pudesse ocupar o tempo de muito deles, sendo que o lugar não oferecia nada. A lógica é que sempre que se usa a violência para oprimir, seja qual for o contexto esperara-se que esse sujeito possa como resposta revitalizar com violência também, a violência ela não educa ela oprime e torna o sujeito mais amargo e “cascudo”, mas essa postura ela é adotada como uma carapuça protetora. Então não se pode esperar que a violência ela possa educar, muito pelo contrario ela vai oprimir.

Constata-se nesse primeiro momento que as coisas já se mostravam que iam ser muito problemáticas, pois os conflitos de interesses eram opostos, e nenhuma das partes estava disposta a ceder, era preciso que se alcance um acordo, para o bem de todos.

O uso da opressão, como método para frear a sede que aqueles meninos tinham de batucar, foi bastante estimulado, pela corrente mais radical.

### 2.3 DA DESORDEM AO ENCANTAMENTO

Para um lado somente barulho e bagunça para outro lado proporcionalmente inexpressivo uma solução para limar com as horas que eram desperdiçadas com o nada,

afinal, finalmente surgirá algo para ocupar aqueles meninos, que viviam entregues as terras do *Nhandayeyo*<sup>8</sup> que repousava naquele lugar.

A verdade é que não havia nenhum encanto naquela “Babilônia” para tamanho espanto, que era viver diante daquela realidade confrontante.

Somente um olhar sensível e nada preconceituoso a primeira vista, poderia mediar o conflito de interesses, a mágica dos batuques, ou melhor, das batucadas que nasciam das latas que escolheram tocar a sensibilidade de quem, se enxergou naquele congestionamento de sons alegres para quem os tocam e é tocado, muito diferente para os que não tocam e não são por eles tocados.

A verdade é que sorte ou não, destino ou não, o imprevisível, ou melhor, o impossível aconteceu. CRISPIM (2010, p.110):

Naquele período eu senti que, ao voltar do trabalho, as pessoas nas mesas de dominó e as vizinhas que varriam suas varandas me olhavam com cumplicidade, pois, como me tinham me visto assuntando, espreitando a molecada de longe, estavam certos de que a solução viria através de mim — eu seria o remédio para o calvário deles. Realmente, na fase mais tensa da contenda, passei a observar os meninos.

O desespero face aquela situação era tamanha que uma espécie de mobilização foi costurada, reparem que a mobilização ela é um dos elementos que norteiam as relações e as ações coletivas em comunidades relativamente carentes, as articulações, sobretudo solidarias nesses lugares elas acontecem numa velocidade astronômica.

Mesmo não dividindo o mesmo quarteirão, as pessoas conseguem através dos seus canais de comunicação, e que geralmente é o clássico boca-a-boca, manter essa circularidade das relações e das intervenções sempre que necessário, e nada mais do que justo um membro da comunidade, credenciado de direito para intervir, a fim de reverter aquela situação, fosse prestar essa ajuda a “comunidade”.

Avistamos aqui mais uma outra característica, esta que pode inclusive ser aplicada para qualquer comunidade, que independentemente das suas condições socioeconômicas, pautado pelo comunitaríssimo, que é, por exemplo as conquistas ou experiências individuais se reverterem para o coletivo, na medida que todos ou quase todos da comunidade podem dispor das mesmas em benefício de todos.

CRISPIM (2010, p.110) prossegue:

---

<sup>8</sup> Termo usado para expressar um pedido de socorro, a mesma é usada no vocabulário dos povos Rongas (Maputo) e Xanganas (Gaza), ambos no sul de Moçambique.

Eu passava rapidamente na casa de dona Teresa e logo me dirigia para um poste apagado do outro lado da rua, perto do portão da Escola Santa Bárbara. Dali podia observá-los com tranquilidade, pois, como disse antes, os poucos vizinhos que me viam naquela situação tinham uma atitude cúmplice, ansiosos pelo momento em que eu daria o “bote”.

Após alguns dias de observação, logo identifiquei os componentes da batucada. Percebi que um deles, Leilson, parecia liderar e que meu irmão caçula, o Bira, então com 12 anos, às escondidas também participava daquela confraria músico-marginal. Dava para notar que as latas, como os tambores de candomblé, levavam os tocadores a uma espécie de transe e os transportavam daquele terreno baldio e fétido para um palco bem iluminado. Acendiam neles a luz da beleza ofuscada pela pobreza. Faziam com que encontrassem seus ancestrais nas tribos africanas e/ou indígenas — nos seus dias mais belos de agradecimento. Rapidamente os projetavam para o futuro, para uma sociedade igualitária, humanista e com uma percepção jamais imaginada, na qual os seres humanos teriam a consciência bem desperta em relação ao nosso ecossistema.

Numa dessas observações, eu, que já estava encantado com os sonhos deles, com sua capacidade lúdica de ter tantos sonhos em meio a tanta pobreza material, fui tocado pela força da percussão. O som também me fez transcender e fui abduzido para dentro daquele sonho de menino, vestido de branco, com aqueles “êres-tata” e seus ancestrais (que vieram da África, de Cuba, do Haiti, de todos os lugares para onde os negros foram levados como escravos) que ali foram festejar e me passar o Decá. Da mesma forma que era costume nos terreiros um(a) filho(a) de santo ser escolhido(a) e emancipado(a) por pai ou mãe de santo e assim sair para criar seu próprio terreiro, ou como numa colmeia, que, ao crescer, precisa deixar nascer outra rainha para dividir o enxame e dar continuidade ao ciclo da vida.

O envolvimento, ou melhor, o encontro entre essas duas (do Crispim e os meninos) sensações e emoções, vai se traduzir para além de simples batucadas e latas, revela talvez, essa sensibilidade que o autor teve em olhar e se identificar com aquele universo difícil de explicar, porém afetivamente fácil de sentir.

O processo de desconstrução de estereótipos e preconceitos, parte a princípio por um olhar, menos discriminatório e mais afetivo, o que até então, como vimos não acontecia em momento algum, nem com aqueles que achavam que aquele movimento no mínimo serviria para entretê-los.

Ainda nessa mesma linha, SARMENTO (2010, p.17) vai dizer é que:

O sujeito constrói-se a partir das relações entre um mundo externo, estruturado pela cultura e pelas condições históricas, e por um mundo interno, não somente no aspecto cognitivo, mas afetivo, que envolve desejos, pulsões, sentimentos, emoções, portanto, é extremamente importante essas relações na prática educativa.

São muitas as questões que vai colocar, mas pra nossa proposta, cabe analisar, somente ao que se refere á questão do afetivo, que é justamente esse elemento que vai melhor descrever de forma minuciosa e resumida esse encontro e o despertar desses sentimentos e sensações que não caberiam aqui nas entrelinhas descrever.

Pois são de uma grandeza única, de alguém que mergulhou numa linguagem, que quase ninguém se despertou, acaba que a linguagem se torna no elemento central nas relações que vão se construir, pois ela permite com que haja uma correspondência biunívoca, entre o que se diz e o que se faz, portanto seria essa linguagem “codificada” que fez com que houvesse essa interação.

A seguir vamos tentar perceber como foi esse primeiro momento, de interação entre o Crispim e os meninos, suas impressões e convicções.

#### 2.4 ERA UMA VEZ UM SONHO QUE VEIO DAS LATAS

No princípio era apenas mais um alvoroço que se debruçava entre expectativas e realidade, e se antes nutridos de boas intenções e inocência, agora era preciso conhecer a estrada e os passos que os guiaria para sua fantasia de viver os seus toques com toda intimidade firmado entre esse **casamento de latas e dos meninos**.

O *xitimela*<sup>9</sup> estava bem ali a sua frente como um comandante recém chegado, esperando somente, seus jovens navegantes embarcarem rumo a um horizonte. CRISPIM (2010, p.116) conta que: [...], ao atravessar a rua, soube que meu (dele) pai **Ogum** me pegara pela mão e me levava até aquelas pequenas criaturas encantadas, maltrapilhas e bagunceiras. E naquele momento eu soube que, como irmãos, deveríamos cuidar uns dos outros.

Seria então o autor uma espécie de um enviado, e quando falo aqui do enviado, busco aqui me amparar e me apropriar do discurso do próprio autor, que de uma forma nada discreta, nos apresenta essa posição, nota-se que essa questão do **cuidar do outro**, não está distante da ideia, por exemplo, de uma educação coletiva.

Na qual, qualquer membro da comunidade pode e deve ser chamada a responsabilidade de dar a sua contribuição, de modo a amparar e contribuir para formação daqueles meninos que até então só conhecia a face da desconfiança e da insatisfação, que causavam para a comunidade, e que essa mesma comunidade que os rotulava de barulhentas, não teve essa sensibilidade de se aproximar e ver de perto e que por conta disso viviam em um clima de medo tal como vai mostrar CRISPIM (2010, p.116)

Porém, os olhos comuns naquele entardecer de verão iriam narrar que, após observá-los por alguns minutos, eu simplesmente atravessei a rua, e que, ao me ver, os meninos pararam de tocar, engoliram a saliva e pensaram: “Reformatório, aí vamos nós.”

<sup>9</sup> Barco a vapor ou então Trem no vocabulário Xi Ronga.

O interesse por aquele movimento de latas, ele pode ser interpretado como desafiador na medida, o autor vai nos mostrar que se esperava de si uma postura mais profissional (do juizado de menor) e menos humana, tendo mais adiante com ele próprio vai nos relatar, causado um desagrado, para aqueles que esperavam uma atitude profissional e não humana, no sentido de um envolvimento afetivo, que é o que se sucedeu. Sendo que segundo (RIBEIRO e JUTRAS 2006 Apud BRUST 2009) vão defender que:

Os resultados positivos de uma relação educativa movida pela afetividade opõem-se àqueles apresentados em situações em que existe carência desse componente. Assim, num ambiente afetivo, seguro, os alunos mostram-se calmos e tranqüilos, constroem uma auto-imagem positiva, participam efetivamente das atividades propostas e contribuem para o atendimento dos objetivos educativos. No caso contrário, o aluno rejeita o professor e a disciplina por ele ministrada, perde o interesse em frequentar a escola, contribuindo para seu fracasso escolar. O professor que possui a competência afetiva é humano, percebe seu aluno em suas múltiplas dimensões, complexidade e totalidade.

E é a partir dessa luz, que conseguimos perceber, que de tantos serem oprimidos e perseguidos, os meninos desconheciam essa face, digamos mais sensata, na medida em que propõe a conhecer um pouco mais o seu íntimo. O que nos leva a concluir que só o simples fato de o autor ter se aproximado junto daquela realidade, ele estava sim embalado desse afeto, que eles desconheciam, pois nunca os fora mostrado.

A seguir vamos ver de forma minuciosa como foram ou como foi articulado os primeiros passos dessa caminhada do movimento rumo a um novo modelo de organização.

## 2.5 OS PRIMEIROS PASSOS DE UMA CAMINHADA

Parecia o desfecho final, daquela aventura tumultuosa, o medo desabrochou fazendo encolher as frenéticas batidas das latas, acelerando as batidas dos seus corações meninos, a valentia que antes tinham de sobra, haverá sido num piscar de olhos arrastada para distante dali pelo vento.

Enquanto isso a imagem do homem da lei causara um furdunço instantâneo, e agora, só restava certeza de que ali era o fim da linha, e rapidamente as cenas de medo e desconfiança navegaram impiedosamente na geografia dos seus sistemas nervosos, onde o medo formava um esquema de dilemas e frotas. O bloco do medo estava formado. Crispim (2010, p.116) recorda que:

Enquanto isso eu, que não tinha tempo a perder, tratei de me apresentar, quebrar a tensão, explicar que, embora fosse do juizado, não havia problemas, pois o nosso trabalho, longe de ser caçar menino, era proteger. Na verdade, eu estava ali como vizinho, queria me reunir com eles para explicar melhor e deixei escapulir que sabia que Bira, meu irmão, também andava com eles. Nós precisávamos de um local para uma reunião, mas quando as pessoas ficavam sabendo que seriam **os meninos da batucada**, educadamente arranjavam uma atividade para a mesma data que eu estava solicitando.

Essa tensão é na verdade o tempero que haverá sido espalhado anteriormente pela comunidade, à luz da sua insatisfação, com aquele “obá-obá”. PEIXOTO (2012, p.10) vai considerar que o professor ou o educador ele deve se atentar a trabalhar do aprender e do não aprender, levando em consideração o limite, o ritmo de cada sujeito envolvido nesse processo, sem se esquecer de enfatizar o funcionamento do cognitivo de cada um, levando em consideração suas emoções.

Ela conclui dizendo que a aprendizagem em momento algum deve ser considerada isolada, pois esta faz parte na verdade antes de tudo, de um contexto familiar, que é social e afetivo, onde essa criança ou adolescente esta inserida.

Do que ela vai nos apresentar aqui, vale ressaltar, a questão da afetividade que ela é antes de tudo construída no seio da família, que é o primeiro escalão de socialização, que a criança tem contato ao nascer, daí que no caso dos meninos do Bagunção, vai nos parecer que não existiam esses laços afetivos por parte das suas famílias, ate para a compreensão e interpretação daquele momento que eles protagonizavam, que também se constituía enquanto um momento de socialização, entre aquelas crianças, que provavelmente vinham de diferentes famílias e situações distintas, tornando importante o encontro e a percepção do autor com os meninos, pois é a partir daí que eles não somente vão ter noção de que aquela mobilização valeria alguma coisa, como também vão começar a desenvolver uma autoestima, a luz da chegada daquele “homem da lei” que iria agregar. CRISPIM (2010, p. 116)

Qual não foi a decepção do povo do dominó e das varredoras de varandas, que davam sorrisinhos agradáveis e acenos gentis e que por um tempo guardaram em absoluto segredo as minhas observações discretas atrás do poste de iluminação apagado da Escola Santa Bárbara. De certa forma, foram traídos ao ver a lei, ou melhor, o homem da lei, passando acompanhado daquela pivetada barulhenta, com uma lata e uma descarga plástica de banheiro, procurando um lugar para se reunir. Acredito que o alívio imediato de não acontecerem mais os ensaios das 18h até altas horas me livrou de uma incredibilidade irreversível. Foi aí que eu lembrei da paróquia de São Jorge, do padre Clóvis, e o procurei. Posso dizer que a recepção não foi muito empolgada, pois padre Clóvis estava ocupado escrevendo um documento importante e teve de fazer uma pequena concessão para me receber, embora continuasse a escrever seu documento e só depois de me ouvir explicar tudo tenha levantado a cabeça, olhado fixo nos meus olhos e dito:

— *Tudo bem, desde que não seja na hora da missa, pode trazê-los.*

Dois momentos a destacar. Primeiro as expectativas frustradas, dos que, ao ver que o então homem da lei ao qual depositaram as esperanças de ver restaurada a calma no horário da novela, quase que aos prantos de felicidade, com aqueles “barulhentos”, afinal ele haverá se bandeado para o lado de lá.

E o outro momento dos contatos necessários que o então “homem da lei” vai fazer para, efetivamente começar a pensar numa forma de uma nova reformulação e consequente organização daquele movimento, o qual vai sofrer uma transformação significativa, como varemos no capítulo seguinte.

## 3 CAPÍTULO II: DA BAGUNÇA AO BAGUNÇAÇO

### 3.1 PREÂMBULO

No presente capítulo anseio em trazer possíveis mares navegáveis para o leitor se sentir parte dessa viagem pela história que se construiu e foi construída a custo de ingenuidade e sonhos, nas surpreendentes narrativas e memórias, do “parto” do nosso objeto em estudo, pretendesse a partir daqui fazer uma gradação sobre os caminhos construídos e consolidados desse movimento, e é através de um encontro de sotaques, vocabulários, e palavreados que vamos poder nos sentir, dentro das narrativas e das reflexões que a partir delas serão gerado, de modo que cuidadosamente, iremos buscar outras visões e reflexões, que juntos nos darão e permitirão a consistência dessas narrativas, que vão privilegiar se que possível outras contribuições que possam enriquecer ainda mais o trabalho.

Um barulho ensurdecedor se ouvia lá bem do alto da *Cidade Baixa*, e que a cada momento em que se propagava, o lugar se agiganteava a altura desse som que havia sido parido no ventre do lixão, escorrendo seus ritmos nada sinfônicos, mas contagiante para os ouvidos de quem parou e os sentiu afetivamente, entre aqueles modestos corredores da noite, suas batucadas deixavam ao alto do vento, o tempero alucinante daquele lugar, ouvia-se o grito da promissora percussão que alagaria ainda mais os Alagados, mas não de água, e sim de sonhos e emoções que colorariam de inocência e boas intenções suas palafitas.

Ninguém sabia ao certo o que estava por vir, mas nasceriam bem ali no coração daquele lugar (dos Alagados) pulsações, vibrações, ou melhor, batucadas que com seu grito nada melódico dariam vida ao lixo, que em suas mãos já não era lixo e sim arte e cultura, aos sonhos que repousavam no fundo de cada olhar radiante e inocente daqueles *Vha pfhamas*<sup>10</sup>, que por si só, não conseguiam transmitir para os provedores daquele lugar, a emoção que as latas lhes fizera sentir em forma de percussão.

De dia viam-se pipas voando ao alto até onde a força do vento permitia e, por vezes, num balançar contagiante e alegre coloriam os céus daquele lugar, cheio de sorrisos e olhares inocentes, aquele lugar que haverá sido presenteado pelos sons das latas que voltaram a se sentir com vida em suas mãos.

---

<sup>10</sup> Significa rapazes na língua Xi Ronga (o que vai aproximar as crianças de Ka Tembe com as crianças dos Alagados são as condições sócias e econômicas, que vão de certa forma contribuir na maneira como muitas dessas crianças, vão buscar através das suas realidades, incrementar formas de organização/brincadeiras.)

Os *Vha pfanas* erguia-se perante qualquer obstáculo, que ousasse em atravessar seu caminho, lá do alto das palafitas via-se bem no fundo das águas as pernas que valentemente mantinham suas casas de pé, o sol e céu todo azul juntaram-se aquele espetáculo que a natureza lhes brindara.

Para uns o lugar é uma parte da identidade cultural sua, já para outros o lugar é o orgulho e a vergonha da cidade.

### 3.2 AS LATAS GANHARAM UMA IDENTIDADE

Havia uma extrema necessidade do *movimento* se auto-organizar a fim de possibilitar com que as latas, que até então, não tinham um nome pudessem ganhar uma identidade. Identidade essa que serviria de acesso para interação e o convívio menos tumultuoso com a comunidade e não só, como também conquistar a simpatia da vizinhança, que não via com bons olhos, toda aquela “bagunça”.

A luz desses fatores que Crispim vai reocupar na sua memória do exato dia 20 de dezembro de 1991, quando na paróquia São Jorge reuniu-se junto com os meninos em uma das salas a fim de junto com estes, batizarem aquele movimento. Crispim (2010, p. 117), nos diz que:

A reunião transcorreu normalmente. Bem, é melhor falar a verdade: os meninos, embora respeitassem a minha posição como comissário de menores, acho que já sentiam que na verdade estavam diante de um irmão mais velho, de um vizinho comum ou de um colega dos irmãos mais velhos deles. Eles estavam muito á vontade — á vontade demais, para ser claro —, faziam brincadeiras e muita gozação.

Existia na verdade no seio daqueles meninos certa carência de atenção e acompanhamento, compreender, que as diferentes manifestações do universo infanto-juvenil, eles na verdade nos reporta para a necessidade de nos atentar para as mesmas como sendo parte de um processo de transformação, a que o sujeito deve passar. CUNHA *apud*, SIQUEIRA, SILVA NETO (2011, p.13) fala que:

É importante que o professor conheça os estágios do desenvolvimento cognitivo do seu aluno, para utilizar os mecanismos educativos apropriados que promovam praticas pedagógicas estimulativas, não restritivas, adequadas ao período de amadurecimento de cada idade.

Por outro lado, isso é uma amostra de que para se compreender o múltiplo universo de um adolescente ou de uma criança é preciso que tenhamos a sensibilidade de se colocar no seu lugar, mas, mais do que isso, nos dispormos a falar a sua língua, claro sem perder de vista o respeito que devesse se conquistar a fruto não de opressão, e sim dessa troca que se constitui quando saímos do lugar ou deixamos de seguir os velhos modelos preconcebidos e que, por vezes, deixam de acompanhar essas dinâmicas sociais que se materializam ao passar do tempo, de que os mais novos devem obediência ao mais velho sem nenhum questionamento.

O fato do CRISPIM ter estado a trabalhar no “juizado de menor” e através de sua experiência profissional, nos mostra que isso contribuiu para que pudesse ter certa tranquilidade e serenidade diante dos sobre os meninos, dado que este convivia quase cotidianamente com experiências (quais?) iguais a aquelas e até bem piores.

CRISPIM (2010) “Acostumado com essas atividades com crianças chamadas “difíceis”, não me incomodei com a desordem e consegui administrar bem a reunião”. Portanto, o difícil só é quando na verdade nós não fazemos esforço algum para compreendê-lo. Mobilizados pela possibilidade de finalmente poder batizar aqueles sons ou aquelas latas, que no mesmo instante que fazia com que os seus olhos ficassem iriados de alegria, enfureciam parte da comunidade que não aguentava mais, dividir a novela com o som destemido, e cada vez mais ousado (efervescente) daquelas latas sem nome, e que só cabia dentro do peito de cada um daqueles *Vha pfanas*.

Enfim, esses puderam mesmo que ao ritmo das vozes e opiniões que se congestionavam entre si, nessa busca de quererem ser ouvidos, ou melhor, de quererem ser os protagonistas daquele momento que iria entrar para história do movimento, finalmente apelidaram suas latas, seus ritmos, suas batucadas como aponta o CRISPIM, de **Bagunção**.

Conforme explica, esse nome surgiu por meio de uma votação, após sucessivas discursões, e várias sugestões e que todas as sugestões que os meninos davam eram uma espécie de consequência das repressões e perseguições que estes tiveram que conviver, bem como dos adjetivos que estes receberam por parte da comunidade por de uma forma estes disputar destemidamente o horário com a “sagrada novela”.

Dentre eles o autor vai recuperar algumas sugestões que melhor ilustram esse cenário, são eles: o **Bagulhaço**, **Badamaço** e o **Morre de fome, mas não trabalha**, nomes esses que de certa forma buscavam traduzir o que verdadeiramente constituía pra eles aquelas repressões, tendo sido, por fim, eleito o **Bagunção**, que teria sido sugerido por ele (CRISPIM).

Para o CRISPIM, o nome **Bagunção** tem tudo a ver com aquela pequena legião de amantes da percussão e dos ritmos “rebeldes” que assolavam a cidade da bahia de forma mais visível nestes tempos.

Estes não obedeciam a nenhum compasso e, muito menos, á nenhuma Sinfonia do Beethoven. Mas nem por isso deixaram de ser clássicos **à moda periférica** (produzido com a cara do seu lugar de origem). Esse nome foi como uma resposta à altura para a forma como eram vistos e tratados pela vizinhança.

Isso parte da ideia de tomar o “marginalizado” para afirmar e ou reafirmar esse lugar que lhes fora “jogado” e as suas ideologias destemidas, buscando contextualizar esse lugar, uma leitura, um tanto quanto que distorcida ou até completamente equivocada do que é o real, e conseqüentemente arrastava-os para esse lugar de subalternizados, fazendo por vez com que o sujeito busque ir por esse segmento (marginalizado) o qual a sociedade lhe empurra, por vezes, tornando-se agressivo, insensíveis e extremamente rudes e de atitudes ingratas.

Maldonado trabalhou essa questão da ira e da “rebeldia” dos adolescentes, mostrando que, o comportamento um tanto quanto que agressivo e inquieto das crianças e adolescentes era na verdade resultado da falta de atenção e incapacidade do educador em enxergar isso como algo que se materializa pela ausência, ausência social, ausência afetiva e do cuidado, muitas vezes. Sendo necessário pensar estas atitudes como estratégias para se protegerem da rejeição que sofrida por parte da sociedade. MALDONADO *apud*, Brust (2009, p.24).

Atitudes ríspidas, grosseiras e agressivas expressam, com frequência, a necessidade de formar uma carapaça protetora contra o medo de ser rejeitado, contra sentimentos de inadequação (“já que sou mesmo incompetente para tantas coisas, por aí eu me destaco”) e contra a dor do desamor (“ninguém gosta de mim mesmo, quero mais é explodir o mundo”).

Observa-se que o MALDONADO ele vai justamente apontar para o fato de nos atentarmos para os diferentes comportamentos que os adolescentes vão apresentar, como resultado de algo que eles queiram esconder ou se proteger ou ate denunciar a ausência expressa dessa interação afetiva, bem lá em seu intimo.

Percebe-se também a capacidade que o grupo teve em usar dos adjetivos que ate então eram usados para qualificá-los, nessa caminhada de somente ansiarem uma forma um pouco menos convencional para aquele lugar para transformar como algo benéfico pra si, mas, mais do que isso, para mais uma vez reafirmar o seu lugar.

É sem dúvida de uma riqueza enorme a capacidade que algumas comunidades, extremamente necessitadas, buscam para contornar a situação de extrema precariedade e

vulnerabilidade que estão sujeitos, conseqüentemente se possibilitar uma oportunidade, não somente de mostrar a riqueza cultural que o lugar esconde como oferecer alternativas, para que estes (adolescentes e jovens) não optem pelo caminho mais fácil de ganhar a vida.

Percebe-se que as condições de precariedade, de certa forma são os principais motivos para que, por exemplo, boa parte dos adolescentes acabem por seguir caminhos sem volta, como é o de tráfico e consumo de drogas.

Já com um nome, para referenciá-los, o movimento e as latas foram de forma sistemática conquistando não somente um lugar no coração dos Alagados, como igualmente novos seguidores que se encantavam pelas batucadas, que até “ontem” só queriam batucar e bailar ao silêncio da noite, estando ela vestida ou não de prata (noite de luar).

Movidos pela força dos seus sonhos, superaram entre outros obstáculos o financeiro, que a princípio os impossibilitou com que pudessem adquirir instrumentos convencionais, como é descrito no capítulo anterior.

A possibilidade de confeccionar seus próprios instrumentos e mais do que isso, de devolver vida às latas que repousavam ao som do silêncio do lixão, se tornou numa alternativa mais rentável, só que agora com um diferencial, já com um responsável adulto do lado, já que anteriormente os meninos o faziam sós isso foi, mesmo que de forma tímida uma maneira de mobilização dos adolescentes e da comunidade mesmo que dividida (uns apoiando, pois acreditavam que só assim aqueles meninos teriam uma ocupação e outros que vinham na contramão, acreditando que aquilo seria mais uma propagação da desordem e do caos e que as latas marginalizariam ainda mais aquele bonde de artistas das palafitas).

Essa nova fase permitiu com que o Bagunção pudesse começar a definir estratégias para sua consolidação enquanto um movimento que vinha para se manter. CRISPIM (2010), “Já havia uma aceitação da vizinhança, pois era mais que notável a mudança. Eles só tocavam na rua com hora marcada, geralmente entre as 17 e as 18”.

Podemos entender essa fase como esse momento de se conscientizar enquanto um movimento novo, regido por normas e princípios, mas que, acima de tudo, contava com um adulto responsável, que a partir daí, já respondia por eles.

Segundo MELO (2012), todas as atividades de aprendizagem sejam elas ou não nos espaços institucionais, desenvolvidas pelos educadores visando no sucesso dos seus educandos, devem ser norteados pela afetividade e que, por conseguinte de proporcionando boa relação entre o sujeito e objeto do conhecimento.

Podemos ver que no caso do Bagunção, pensando numa perspectiva de educação comunitária, fazendo uma ponte até as minhas origens (Moçambicanas) onde a educação é um

direito de toda a criança e o dever de todo o pai, podendo esse pai ser ou não o progenitor da criança, a partir do momento em que esses foram, segundo CRISPIM (2010), conseguindo mobilizar uma pequena parcela da comunidade para ajudá-los na coleta de objetos e na atuação administrativa, isso mostrou que alguns já estavam não só atentados com a possibilidade de verem seus filhos ou os filhos de comunidade, que em termos de lazer e diversão não oferecia muitas alternativas para as crianças ocupadas em algo que gostavam de fato, afastando desse modo, quaisquer chances de estes seguirem por corredores veementemente estreitos e sem volta, e por outro lado à possibilidade de igualmente aprender a reutilizar alguns objetos que até então estiveram destinados ao lixão e que, em suas mãos, virariam fogosos instrumentos de percussão.

### 3.3 EM BUSCA DE UM LAR

A união entre as latas e os meninos já estava consumada, restando somente com que encontrassem um teto para se abrigar, e lá foram em busca desse lugar que pudesse servi-los de cantinho de refugio, para suas latas que até então não conheciam o seio de um lar e que viviam no lixão sob o sol causticante do verão.

Embalados de sonhos e energias positivas, estavam dispostos a tudo para acharem o seu “lugar encantado”, o pudesse servir de fortaleza contra qualquer ataque enfurecido da “legião de noveleiros” que da noite para noite, viu assaltada o seu direito de, entre outras coisas, acompanhar sua sagrada novela no silêncio repousante da noite, que já era de costume.

No ditado popular diz-se que: “quem casa, quer casa pra viver”, após esse matrimônio que se materializou com o batizado dos seus tambores, descargas de banheiros usados, entre outros objetos, que juntos formavam uma orquestra quase que sinfônica.

Era urgente que se conseguisse um lugar ou melhor um lar que pudesse abraça-los para se ensaiar e para, inclusive, dar sustentação aquele sonho, que ainda buscava por uma consolidação. E se antes, os meninos se reuniam em meio ao nada, entre ruas e ruelas, becos e favelas, dilemas e frotas constituíram na busca desse lugar.

CRISPIM (2010), “como não havia sede e a casa de Bia era uma das poucas de alvenaria e de dois pavimentos, no andar de cima fazíamos reforço escolar e guardávamos os instrumentos” era uma questão de necessidade achar um lugar onde pudessem se abrigar, pois com a movimentação e a mobilização do Bagunço, a tendência do movimento era crescer ainda mais, atraindo mais crianças e adolescentes que ao se envolverem com as latas ficavam muito frenéticos.

Conforme SOUZA (2002, p.98), A “casa”, ela é muito mais que uma estrutura edificada, ela constitui uma ligação afetiva com o lugar (espaço físico), é um lugar acima de tudo que possibilita a sociabilidade do homem com o seu meio social.

Em meio, ao início frenético de shows que a então recém-banda promovida, o *Bagunção*, conseguiu garantir a título de empréstimo sua primeira sede. Tal como relata CRISPIM (2010) “Um tio de Leilson, que era amigo meu, cedeu o barraco-palafita onde instalamos nossa primeira sede.” Passado algum tempo, na medida em que a banda foi crescendo, o barraco-palafita foi afunilando-se, do modo que urgentemente houve a necessidade de se encontrar um novo lar.

CRISPIM (2010, p.158), “Como não tínhamos mais o barraco-palafita, tivemos uma reunião no Espaço Cultural de Alagados...”, que era um anexo, segundo o autor, do antigo Cine-Teatro Alagados, que depois foi abandonado à própria sorte do tempo, envolta em ruínas, ao que no fim de uma reunião entre a banda e o gestor cultural (Isael Barros, indicado pela comunidade), ficou decidido que os exatos 70 integrantes do *Bagunção* sendo dois deles maiores de idade (Joselito e a Bia que era a pedagoga que era responsável pela parte do reforço escolar dos meninos) e as demais 68 crianças e adolescentes, iriam devolver aquele lugar o brilho que perderá e que se esconderá por detrás da mata que com a cumplicidade da chuva que cairá irregularmente, florescerá naquele lugar.

CRISPIM (2010, p.158), “[...]estava ensaiando lá dentro. O lugar era insalubre. Não tinha telhado, era cheio de lixo, e o mato era uma espécie de banheiro público. Não sei como aqueles meninos conseguiram tocar ali.”. Entre tantas dificuldades que passaram até então, essa era de longe, sem dúvidas, a que mais constitui um enorme desafio para o projeto, demandando dos integrantes que houvesse uma união de forças para poder limpar o lugar e transformá-lo em sua casa.

Para tal, recorreram à ajuda da Limpurb (empresa de limpeza pública da cidade), que se solidarizou com os meninos e com o trabalho já iniciado em, prontamente, limpar o local, conforme lembra CRISPIM.

Em duas semanas os trabalhadores da Limpurb deixaram o local com um novo rosto, ao qual foi efusivamente comemorado pelos meninos, com direito a uma reinauguração ao som das suas latas.

Nesta primeira casa o *Bagunção* ficou por lá somente um ano. CRISPIM lembra que o lugar não era seguro, servindo de point para ensaios e reuniões, e que os materiais e instrumentos ficavam na casa da Bia.

Crispim (2010), após uma visita da renomada televisão Inglesa BBC, e que, ao fim da entrevista, que concederá para incorporação no documentário que produzirá sobre os Alagados, estes mesmos que não estivessem nos planos, receberam uma ajuda de custo que possibilitou com que pudessem, dentre outras aquisições, pudessem alugar um espaço para armazenar os instrumentos que compraram.

CRISPIM (2010, p.159), “[...]alugamos um espaço mais perto do jardim cruzeiro, pois não podíamos guardar coisas de valor no Cine, mesmo depois que, com esse mesmo dinheiro, colocamos portões.”

A solidariedade e a boa ação de uma parcela da comunidade que dera um voto de confiança ao projeto, e que esse, por sua vez, ansiava em caminhar mesmo que sem pressa nenhuma em busca da sua autonomia, mas, mais do que autonomia, buscava se firmar enquanto uma instituição, o que possibilitaria aos seus participantes outras experiências de educação muito mais ligadas a sua realidade social e muito mais contempladora da realidade de cada um deles.

Um dos diferenciais e referências do movimento foi essa capacidade de mesmo que com áreas específicas de atuação que a princípio constituíram seu pilar e nortearam a sua fundação, isto é, a percussão e a música, soube em vários momentos aplicar em meio a essas atividades uma pedagogia transformadora do sujeito e conseqüentemente, uma intervenção social, não permitindo com que esses meninos que nasceram em um lugar tão vulnerável as drogas e a outros tantos retratos de uma comunidade com o mínimo de condições de sobrevivência, mas não o necessário.

[...] Certo dia, encontramos padre Clóvis na rua, e ele, ao ver uma carreata de quatro carrinhos de mão, perguntou se estávamos nos mudando [...], e ele foi informado de que fazíamos essa viagem quase todo dia, [...] disse que achava aquilo uma *via crucis* e que se talvez, se quiséssemos, ele pode arrumar um lugar na paróquia. Não uma sala do centro social, como era antes, disponibilizada só para reuniões, mas um cantinho no novo auditório. Ficamos empolgados, mas quando fomos lá olhar vimos que não dava, pois era apenas um dos camarins do auditório. Não cabiam nem os instrumentos e o resto de toda nossa tralha. (CRISPIM, 2010, p. 162)

A casa pode ser considerada um ponto de equilíbrio, é nela onde o corpo e alma repousam, possibilitando inclusive com que o corpo tenha mais energia e disposição para as suas atividades diárias. Percebe-se que, mais uma vez, houve quem bondosamente cruzou o caminho do Bagunçado.

Uma forte demonstração de que, mais uma vez, existiam pessoas que acreditavam no papel transformador do projeto, no que tange a intervenção social nos Alagados. Segundo CRISPIM (2010, p.163),

Uma vez no espaço, a Paróquia foi reformando o local, chamado de Casa do Bagunção. O espaço em forma de L se dividia em cinco pequenos cômodos: um escritório, uma sala de convivência, um banheiro, uma cozinha e um estúdio. Exceto o banheiro, que era bem menor, cada cômodo não excedia 18 metros quadrados. Era uma ONG quitinete ou ongnete, como chamávamos.

Como bem coloca BARBOSA (2007), a identificação com o território significa, entre outras coisas, que o ser humano sente-se como uma parte do lugar onde esta, resultado da sua contínua interação com o lugar (território), porém mediado pelo contexto histórico, social, econômico e cultural, ou seja, no caso do Bagunção, podemos ver que, quando se criava o vínculo, ele rompia madrugadamente, faltava esse encontro entre o lugar e a ONG.

CRISPIM (2010), conta que o grupo, cresceu demasiado (13 de fevereiro de 2001), passado dos 70 para 350 componentes, e que o espaço então cedido pelo padre Clovis na paróquia já não era suficiente para abrigar tamanha quantidade de gente.

Além disso, com a movimentação dos ensaios e da percussão que comandada sobre a pressão nada discreta e muito contagiante dos Vha pfanas ecoava os quatro cantos daquela paróquia.

Este crescimento foi impulsionado, sobretudo, pela quantidade de apresentações que o projeto fizera e de suas saídas para o exterior, ao que o autor vai concluir, afirmando que isso, gerou mais uma vez, uma série de conflitos, entre os fies da igreja, os moradores da comunidade dos Alagados e os meninos, que, por vezes, segundo Crispim , chegaram por chamar o órgão da prefeitura responsável pela poluição sonora.

Percebe-se então, que isso inclusive representaria um enorme declínio desse processo de ensino e aprendizado ao qual esses meninos estavam inseridos, se formos analisar esse processo, ao qual os meninos do projeto estavam expostos podemos, se não concluir, notar que, segundo PEIXOTO (2012, p.11), que:

a criança deve ser educada em casa e na escola simultaneamente, e ambas com a mesma finalidade: a formação de ser integral, ético, autônomo e feliz. Que seja capaz de pensar, compreender, aprender, descobrir, criticar, opinar, tomar decisões, agir, buscar soluções, enfrentar as dificuldades da vida, dialogar e conviver.

O impasse entre o Bagunção e a comunidade, a luz da reflexão que a Peixoto faz, fica claro que, a comunidade ela não entendia o papel pedagógico daquelas ações, e que é também, segundo esta, um papel da própria comunidade (Família) educar e formar aquelas crianças e adolescentes, não pode haver a educação de uma criança só por parte da escola, ou seja, seja lá de qual instituição for sem a cooperação da família e da comunidade na qual ele se encontra inserido. CRISPIM (2010, p.198),

Então o IV **Bagunfestlata**<sup>11</sup> aconteceu tão animado que os meninos nem perceberam que era despedida da paróquia (...). Após o Bagunfestlata, o grupo deu uma parada de quinze dias para as festas de fim de ano e, quando retornou, em meado de janeiro, eu não sabia o que fazer, pois tinha que cumprir o acordo com a comunidade. Era triste ver aqueles meninos e meninas perambulando pela sede, proibidos de tocar seus instrumentos.

Evidentemente mais um caso de rompimento da identificação que os meninos tinham com o lugar, se constitui uma relação com o lugar, e da noite para o dia, tudo virou do avesso.

BARBOSA (2007) sugere que o pertencimento ele esta ligado às impressões que permitem com que as capacidades dos indivíduos de construir reflexões sobre o que ele vai chamar de principais valores, podendo ser eles históricos, econômicos, educacionais, etc. fazem parte da vida do indivíduo, portanto não era só o rompimento dos meninos com o lugar só em si, dos valores e virtudes que eles aprenderam naquele lugar.

O conflito entre a parte da comunidade e o projeto, desencadearia uma espécie de “**depressão na Banda**”, isolados e impossibilitados de fazer o que gostavam. Os meninos e as meninas que compunham a banda, como vai descrever o CRISPIM (2010), ocioso apenas com olhares sedentos e entristecidos cercavam os seus instrumentos com uma vontade quase que incontrolável de romper com os embargos que lhes foram imposto pela comunidade. CRISPIM, (2010, p.203)

[...]foi decido que deveríamos sair, mas manter a relação com padre Clóvis. Depois a sugestão sobre locais abandonados: em primeiro lugar veio à creche, depois a ruína do cine teatro, o estaleiro Mario Backer e a antiga fábrica Toster, perto da igreja do Bonfim (assim quase íamos para área nobre da península Itapagipana). Claro o lugar mais votado foi à creche ao lado, mais perto da paróquia e da casa da maioria deles.

---

<sup>11</sup> É um festival que nasceu da ideia de mostrar o trabalho desenvolvido durante o ano com as bandas de lata e ao mesmo tempo comemorar o aniversário do grupo. É uma grande comemoração que existe há mais de 15 anos onde as bandas confeccionam o próprio figurino com a ajuda dos familiares, compõe as músicas que irão apresentar e fazem um novo instrumento idealizado pela banda feito de material reciclado. Na semana do evento, são realizados vários cursos e palestras. É um momento único para os atendidos. Os mesmos tem a oportunidade de mostrar seu talento para amigos, familiares, pessoas da comunidade e de outras localidades.

Tornava-se urgente a resolução sobre o impasse da nova casa, ao que foram buscadas as alternativas para encerrar esse ciclo que perdurará desde meados dos anos 1993 até 2001. Era uma questão de necessidade, achar um abrigo, sob pena, de ficarem desalojados, pois o braço-de-ferro que a comunidade fizera mantinha-se firme.

Crispim (2010), lembra que a ocupação do espaço escolhido não poderia falhar em nada, pois aquilo tudo significava a sobrevivência do movimento que não tinham mais para onde ir.

Dai que não se pouparam esforços para concluir o trabalho, tendo trabalhado até durante as noites para garantir que a ocupação acontecesse. O que o autor lembra o exato momento da ocupação. CRISPIM (2010, p.208)

Tudo estava planeado para começar às 14h, [...], Já eram 14h50! [...] Sabe como são jovens, querem ação. Já estavam impacientes! As pessoas da rua da paróquia não entendiam o que estava acontecendo, acho que no máximo acreditavam que estávamos voltando para a ruína do Cine Teatro Alagados.

A mobilização e a união nortearam os jovens percussionistas que estavam demasiados ansiosos pela ocupação, mas mais do que isso, mobilizados pela possibilidade de terem, enfim, um lar, do qual não sofreriam mais desalojações relâmpagos, como houvera acontecido nos momentos anteriores.

CRISPIM (2010) prossegue afirmando que tal atitude por parte dos meninos era, sobretudo, uma maneira de aquelas crianças e adolescentes reivindicarem o direito de acesso básico á lazer e cultura.

Podendo concluir que, o fato dos meninos terem tido um envolvimento afetivo enorme com a percussão e com o projeto contribuiu para que esses pudessem se mobilizado e enfrentar mais um obstáculo que o autor mais adiante vai nos mostrar. CRISPIM (2010, p.211),

Então corri até lá e, ao chegar, uma senhora meia descabelada apontou na minha direção e disse:  
— É aquele ali!  
Três mulheres bem arrumadas olharam para mim e uma delas veio com o dedo em riste perguntando:  
— quem o autorizou a entrar aqui?  
Eu respondi que ninguém, que estava ali á revelia, pois era um espaço publico e abandonado. A mulher se indignou e, bem irônica, gritou no meio da sala que o marido dela era comandante da policia e que eu ia ver uma coisa já, já. E saiu falando ao celular.

CRISPIM continua sua narrar sobre a ocupação conflituosa do espaço, que viria a ser a então sede do projeto. E descreve que a situação ficou ainda mais apimentada com a chegada da polícia, uns vinte minutos depois do início da arrumação dos materiais do projeto, quando o som amedrontador da sirene da polícia bruscamente se jogou arranhando o som da percussão que comandou aquele momento efusivo da apropriação do espaço.

Mesmo com presença dos homens de lei, gerando um dissonante com suas sirenes na melodia que vinha envolvendo o ambiente, os meninos não pararam de tocar suas latas, seus atabaques continuaram a ecoar os cantos daquele lugar.

Talvez o desgaste das sucessivas mudanças de lugares os deram força para enfrentar a polícia, afinal a força de vontade rompe obstáculos, uma maneira de mostrar que já estavam no limite de suas paciências, e que o “pedaço do céu” era exatamente aquele lugar. Conforme lembra CRISPIM (2010, p. 221), no trecho a seguir:

[...] Três meninos saíram correndo e foram até a outra extremidade dos alagados, lá no Uruguai, no módulo policial perto da igreja Nossa senhora dos Alagados, e pediram ajuda. [...] os policiais chegaram na mesma forma espalhados. [...] os policiais chegaram e começou uma discussão entre as duas viaturas. Os policiais que chegaram acharam que a iniciativa era boa, porque aquele local era usado para o consumo de drogas e prostituição e eles conheciam o trabalho do Bagunção.

Terminaria assim o ciclo iniciado há anos atrás de fracassadas tentativas de uma busca de um espaço onde o projeto, enfim, pudesse se instalar. Com esse desfecho, percebe-se que o mais interessante dessa ocupação, foi à intervenção do segundo grupo policial, que reconheceu o importante papel que o projeto tinha para aquela comunidade, pois era uma ação que possibilitaria não somente, um destino melhor para o espaço físico, bem como com que centenas de crianças da aquela comunidade tivessem outro futuro amparado à luz das ações que o projeto desencadeava.

Vale destacar que, no mínimo já estava acontecendo uma mudança de percepção sobre as ações do projeto, também por parte da comunidade e, de certa forma, isso viria para fortalecer ainda mais as ações e o próprio projeto dentro da comunidade, tendo mais aceitação por parte da comunidade.

### 3.4 AS ORIGENS QUE NOS GUIAM

Olha o Erê que caminha sobre a estrada de terra abatida, gingando ao bailado da sucata eletrizante, seus sonhos são palmeiras que sedentas de um sol se bronzeiam. Nada

segura seus passos que anseiam por um caminhar em outras terras, longe do seu umbigo do mundo, ele brinca e aprende brincadeiras novas, de outros Erês, de outros lugares.

Na ânsia da descoberta de novos lugares, ele ostenta no seu olhar infinito de Erê, terras que o viram nascer, terras que o viram dar seus primeiros tapas no *xigubo*<sup>12</sup>.

Em outras terras quase distantes das suas, ele descobre que o *xigubo* fala em sotaques diferentes, mas nunca distantes do seu sotaque.

Sua terra é feita de toda matéria que ele carrega em seus *xigubos*, *xitendes*, atabaques, Sempre campeão da humildade, nunca recusa na sua inocência de Erê, um sorriso sincero e um olhar inocente a quem o peça, alegrando corações e emoções na companhia dos seus *xigubos*, marcará sempre pelas terras onde passar. Seus caminhos, seus passos, seus tons, suas batucadas, suas descobertas e invenções, são feitos e efeitos de memórias que ontem foram alegria ou tristeza e hoje fazem novas alegrias e ilusões emergirem nesse solo ainda fértil e sedenta de novos desafios, enfrentando obstáculos e transpondo barreiras.

O Erê que aprendeu a ser ágil, ao ritmo dos obstáculos que a vida lhe trouxera, pois aprenderá desde cedo que a glória é um viajante do tempo, e que nunca chega por um caminho banhado de pétalas de rosas, a glória se benze do suor que jorra no rosto do Erê que desafia o sol, tocando o *xigubo* bem de cara para o astro rei.

Ao partir para outros impérios, a fim de agracia-los dos seus suaves toques, podem ser que não lhe restem mais forças em suas mãos para tocar, mas lhe restará sempre a certeza de que a sua casa, o seu destino, será aquele que o viu dar seus primeiros tapas nada sincronizados, mas sempre contagiantes no *xigubo* que se tornou nessas suas voltas pelas terras distantes ou próximas das suas, no seu mais fiel amigo.

Em um canteiro de desafios e obstáculos de quem iniciava uma caminhada, se fez emergir as primeiras atuações da banda de latas que se sendo recentemente promovida a um grupo sólido com nome e rosto, “consistente” ainda que sem estruturas necessárias, mas, porém as mínimas para a prática das suas atividades que inicialmente limitavam-se a percussão e reforço escolar, que ansiava acima de tudo em dar os seus primeiros passos, ou melhor, em mostrar a sua cara para o micromundo (Alagados), aconteceram as primeiras atuações do Bagunção.

CRISPIM (2010, p.131), registra o momento no trecho que segue abaixo:

---

<sup>12</sup> Instrumento musical tocado geralmente na região sul de Moçambique e alguns países vizinhos, que é tocado, sobretudo, com as palmas das mãos (em momentos de festividades, religiosos e em cerimônias). O nome também é usado para designar a dança que os guerrilheiros Moçambicanos e Sul Africanos ensaiavam antes e depois do combate a ocupação colonial.

Aconteceria em Salvador um congresso internacional da Igreja Anglicana, Alagados foram colocados como pauta para o turismo social. Parte dos congressistas faria uma visita aos Alagados e algumas entidades locais se organizaram para recebê-los. [...] a comissão organizadora sugeriu que a nossa bandinha fizesse uma recepção para eles. Apesar do entusiasmo, percebemos que não tínhamos figurino e que as nossas latas estavam muito velhas. [...] tratamos de buscar latas e descargas sanitárias plásticas mais novas, mas, como tudo vinha do lixo, o aspecto ainda não era dos melhor.

A preocupação com a estética do grupo, bem como com os instrumentos para suas atuações continuo constituindo um enorme desafio, mas não um impedimento que, como descreve o autor, a vontade era enorme de modo que mesmo com as presentes dificuldades, buscaram-se meios para que pudesse realizar esse sonho de poder atuar em público sem nenhuma opressão, e mais ainda, poder mostrar as suas origens para o mundo, visto que a banda buscava dentro do contexto social em que se encontrava evidenciar sempre as suas raízes.

Como bem nos lembra MORIN (2000), é necessário o reconhecimento como parte da humanidade, independentemente do lugar onde estamos, entender que fazemos parte de um coletivo e que esse mesmo coletivo faz uma produção artístico-cultural diversificada, na medida em que se faz necessário até para a distinção das classes sociais e culturais.

No contexto do Bagunção, observo que através dessa ânsia de querer atuar mesmo não dispondo de meios digamos um tanto quanto convencionais e que em nada influencia na sua produção artística cultural, faz parte desse processo de diversificação tanto cultural que quanto o social, que vai mostrar que sim existe certa desigualdade social naquele grupo, mas que em nada impossibilita ou limita na produção cultural, muito pelo contrário, isso serve de estímulo ate para mostrar a importância do lugar para a sua produção cultural. MORIN (2000, p. 47)

[...]. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua Humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a todo que é humano.

Ou como nos diz de CRISPIM (2010, p.131),

Fizemos uma reunião e chegamos à conclusão de que tínhamos que pintar os instrumentos e inventar um figurino. Logo veio a ideia de todos usarem bermuda jeans, pois todo mundo tinha uma calca jeans velha em casa, e conseguir uma camisa branca velha (geralmente de propaganda política). [...] já com as bermudas e camisas velhas, pois íamos fazer uma fogueira com madeira velha e tinturar tudo.

A discrição do que era o retrato da realidade daqueles meninos que tinham a sede de atuar, independentemente das dificuldades que estes tinham ao final, mas do que atuar seria uma maneira de representar suas origens em suas vestes e em seus instrumentos percussivos. CRISPIM ( 2010, p.131)

[...] ciente da minha pouca desenvoltura em artes plásticas, fui procurar um antigo parceiro da época do CEAMAC, José Carlos Pimentel, mais conhecido como Pimentel, que morava nas adjacências e era uma espécie de Professor Pardal, um mestre em criatividade. Ele, quando menino, fora aprendiz de seu Nelson Maleiro, grande carnavalesco da Bahia. Expliquei tudo ao Pimentel e pedi para ele ver se era possível fazer alguma coisa pelas latas e descargas.

Em meio a tantas dificuldades, á quem através das suas especialidades e habilidades artísticas ou não, deu o seu contributo no desenvolvimento das atividades primarias do projeto, mesmo sem ter ou até tendo essa noção de que o papel do projeto mais do que tocar latas, visava educar e transformar aquelas crianças e adolescentes, possibilitando com que esses encontrassem um novo rumo para a construção do seu próprio futuro, o que nos remete a importância da participação da comunidade num todo no processo integral ou não da formação e, sobretudo, da educação das crianças e dos adolescentes, para que esses possam ter outras experiências.

Conforme nos diz MORIN (2000), conhecer o ser humano é, antes de tudo, situá-lo no universo e não separá-lo do mesmo, com isso ele vai nos dizer que em nada adianta afastarmos as pessoas para as conhecê-las, que o conhecer parte de antes de qualquer coisa em você ter a capacidade de aproximar as pessoas e fazer com que estes se sintam parte da sociedade em que se encontram independentemente da sua esfera social e cultural.

A produção cultural ela não pode e não deve servir de determinante para a exclusão do ser humano no meio social, até porque ele só é distinto dos outros tantos que também são distintos entre si, justamente pelas suas capacidades de produzir culturas diferentes umas das outras. CRISPIM (2010, p.131), vai mostrando como, em meio á tanta “pobreza” material, sobrava muita criatividade, a qual os meninos se socorriam, para superar aquelas condições.

Na manhã seguinte, todos nos reunimos na frente da casa de Jorginho, mais conhecido como Tripa, por causa da magreza gritante, e ótimo tocador de repelique (lata de manteiga). Cada um levou suas ex-calças já abermudadas e com toques de criatividade que deixariam mortos de inveja os rapazes da Avenue des Champs-Élysées, em Paris. Camisetas de toda sorte de candidatos e partidos políticos, madeiras velhas para fazer o fogo já recolhidas e tinturas baratas compradas no armazinho, notou-se a falta de Jorginho, que já havia colocado a cabeça na janela umas duas vezes e, lá de dentro, repetia a batida da sua lata. Alguns dos meninos já

resmungavam que Tripa era fominha por tocar em vez de ir logo se juntar à turma, estava na fome, tocando dentro de casa.

Quando a insatisfação pela demora de Jorginho se acentuou e suas frases na lata já eram um desaforo, ele apontou na porta com um sorriso de uma ponta da orelha à outra. O mais estranho era que enquanto sua silhueta se definia na mudança de luz da escuridão da casa para a luz estourada do sol de verão das 10h, o som de seu repique- lata não parava. Assim, quando ele se fez brilhar ao sol, foi um zum-zum-zum, pois o danado do Tripa trazia consigo uma novidade que mudaria a performance da banda daquele dia em diante: sua lata estava amarrada na cintura e ele vinha tocando sorridente e andarilho. O sabido usara as sobras da calça para fazer um cinto e amarrar o instrumento na cintura. Logo, todos debandaram correndo para casa atrás das sobras de suas respectivas calças para fazer o mesmo.

Em 1975, filósofo Francês WALLON (*apud* SEGUNDO, 2007, p.38) afirmou que:

“A sociedade coloca o homem em presença de novos ambientes, de novas necessidades e de novos meios que aumentam as suas possibilidades de evolução e de diferenciação individual”. As dificuldades as quais a sociedade diariamente nos coloca, são as mesmas que vão permitir com que nos possamos evoluir a nível individual como também no coletivo, na medida em que buscamos meios de resolução dos mesmos e que conseqüentemente isso permite a distinção dos seres humanos, pensando na inovação do Jorginho, para superar as suas dificuldades que não eram só suas na verdade e sim do coletivo num todo.

O que demonstra também que em meio às dificuldades e as origens raízes humildades (Alagados) dos meninos, fizeram com que esses pudessem em meio á tantas necessidades, criar, inovar e superar as dificuldades que vinham, acerando as oportunidades que os meninos queriam para poder demonstrar as habilidades e talentos, que assim como os Alagados.

Que é o que, SARMENTO (2010, p.14), vai mostrar que: “Os conhecimentos são construídos por meio da ação e da interação. O sujeito aprende quando se envolve ativamente no processo da produção do conhecimento, através da mobilização de suas atividades mentais e na interação com o outro.”

CRISPIM (2010) defende que, na época, não estavam nessa montra da produção cultural, portanto a possibilidade de poder tocar pela primeira vez em publico a luz do sol do dia, isso permitiu com que houvesse mais uma vez uma superação da realidade que os confrontará, mas porem não os limitava a criar e a produzir.

FREIRE (1981), defende que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, nos mostra ainda que só é possível lermos a palavra formal, através de uma prévia leitura e minuciosa do que nos rodeia ou dos elementos que contribuem para a construção do nosso ser, no caso do Bagunção essa ânsia de buscar a todos meios atuar, é exatamente um dos processos dessa leitura a que o FREIRE vai se referir. CRISPIM (2010, p. 134), nos diz ainda que:

Pimentel fez sua parte, pintou e fez retoques que deixaram nossas latas elegantes. Assim, no sábado pela manhã, partimos para nossa primeira apresentação, na Igreja Nossa Senhora dos Alagados, [...]. Apresentação foi maravilhosa e as anglicanas até se balançaram desengonçadamente, e eu, com a minha imaginação fértil, digo que elas estavam dançando. Provavelmente era isso. [...] Aquilo era alegria, sim! Mas a única mulher negra do grupo ficou parada olhando. Havia um misto de admiração e certa tristeza nela. No final da atividade, ela procurou um dos meninos e disse:

— Congratulation!

Mas ele não entendeu nada do que ela disse e ainda gritou para os outros:

— Xi, ela é gringa também!

Importante que aparece neste relato é espanto que os meninos então tiveram com essa mulher negra estrangeira e que fala Inglês, isso mostra o quão o micromundo dos Alagados não possibilitava com que esses meninos pudessem ter esse contato com pessoas com as quais se identificassem, e que fossem de outros lugares e de outras culturas.

Sobre este momento CRISPIM (2010, p.135) continua seu relato:

[...] Enquanto falava, ela também escrevia num pedaço de papel. Depois meteu a mão no bolso e, muito emocionada, me entregou o bilhete com uma nota de dinheiro verde e saiu enxugando as lágrimas em direção ao ônibus da excursão. [...] Pelo sim, pelo não, abri logo o papel e me deparei com uma pequena carta na qual as palavras congratulations e thank you very much se repetiam e com uma nota de 100 dólares.

Ai, ai, ai! Ao ver os 100 dólares, os meninos se precipitaram na minha direção. Todos admiravam aquele dinheiro tão raro nos Alagados. (Por essa via, claro. Muitas vezes já tinham chegado a ver, mas de forma, digamos, alternativa... Espero que vocês me entendam.) Foi a maior confusão! A banda quase terminou no seu primeiro show com plateia amistosa, pois a ideia de receber para parar de tocar já nos era familiar, mas dinheiro para tocar nos pegou de surpresa. Os meninos, que não conheciam o valor real da moeda americana, começaram a fazer seu câmbio por conta própria e valorizaram o dólar, que já era forte, uns mil por cento; acreditavam ser muito dinheiro. Na verdade, era mais do que seus pais poderiam ganhar em um árduo mês de trabalho, mas eles imaginavam muito mais do que isso. Alguns queriam construir suas casas, outros, comprar uma bicicleta, alguns pensavam em viajar para o exterior. [...] Toda a carência e expectativa de nosso povo simples afloraram nesse momento e os companheiros mais fortes se enfureceram pela ignorância. [...] Pensei em desistir, pois pareciam por um momento não confiar em mim, afinal, era muito dinheiro para uma pessoa só dos Alagados.

Por de trás do ataque “fulminante” a que o CRISPIM se refere, escondesse a condição precária, aqui, por vezes, os meninos pouco se interessavam ou melhor se importavam com a tal condição mas, porém, eles eram confrontados diariamente com essa realidade gritante.

A possibilidade de ter uma nota de 100 dólares outros tantos sonhos e fantasias realizadas gritou, de um modo que fez com que esses esquecessem de lado as latas, os seus sonhos que até então era tocar e alegrar os seus dias, que permitiam e ofereciam devido o

lugar, apenas condições de sobrevivência calaram-se por instantes, os 100 dólares haviam conseguido numa língua diferente (inglês norte-americano), sem muito esforço ecoar seu sotaque “intruso” naquele lugar, silenciando as latas que naquele instante foram deixadas para trás. Como podemos ver nas palavras do CRISPIM (2010, p.136) abaixo:

[...] mas ao final acabaram chegando a um consenso: o dinheiro seria socializado de forma que todos, incluindo as meninas, fossem beneficiados. Uma parte do dinheiro seria usada para fazer um grande e delicioso bolo acompanhado de refrigerante, outra parte para alugar os instrumentos da banda de sucesso no momento na Cidade Baixa, a Bandaço (para realizar o sonho deles de tocar com instrumentos convencionais). Todos eles sonhavam em crescer e tocar na Bandaço, que por sua vez sonhava entrar pro Olodum.

Os sonhos e as referências berraram mais alto, acima de tudo, o sonho de tocar em uma banda que era referência para estes, o sonho de viajar, comprar isto e aquilo, havia sido engolido por aquele projeto inicial que os moviam até ali.

Havia outras possibilidades tão importantes e interessantes tanto quanto viajar, construir casa, que era realizar outro sonho, o de tocar com instrumentos convencionais, e o braço dos 100 dólares só poderia atingir a distância o sonho que estes tiveram em comum e que os movia (tocar com instrumentos convencionais) CRISPIM (2010, p.137).

Em abril, na Avenida Tiradentes, faz-se uma grande festa (Festa do Herói Nacional Tiradentes). A banda de lata Bagunção já tinha um release razoável para se candidatar a tocar naquele evento, afinal, tinha tocado para gringos e recebido em dólares, alugado instrumentos da Bandaço e tocado na laje da Leide numa festa privada de alto nível. Tinham seu próprio grito de carnaval, figurino... Agora iríamos ao topo tentando nos apresentar na Lavagem do Tiradentes.

Esse momento é crucial para compreender-se a expansão e a conseqüente e as conquistas de outros espaços e muito mais além das fronteiras do olhar alagado de esperança e expectativas dos Alagados.

Em seu ato de produção cultural, mas também político na medida em que buscava transpor ou mostrar a tamanhas desigualdades sócias e econômicas aqui os Alagados estavam atravessando, não é difícil perceber que meio ao orgulho de viver ou até de se sentir como parte das Barracas-palafitas, escondia-se, o tenebroso retrato da tremenda violência que as desigualdades sócias produziram.

Mais adiante CRISPIM, (2010, p.137) lembra que:

Chegara o período eleitoral e, como político precisa de miséria para vender seu peixe, procurei os cabos eleitorais da comunidade ofereci a banda de lata. Claro que

eles rejeitaram a ideia imediatamente, pois ganhariam a eleição os candidatos a vereador e prefeito que apresentassem as melhores atrações musicais em seus showmícios. Então, usei um argumento muito sedutor:

— Eu acho que seu candidato vai poder falar que crianças tão pobres e talentosas vão ter instrumentos quando ele for eleito. Claro que os políticos acrescentavam que dariam alimentação e aulas de música para aqueles meninos tão magrinhos.

As condições socioeconômicas dos Alagados obrigaram com que houvesse e se usassem de todos os instrumentos e artifícios para poder garantir as condições mínimas para que continuasse as suas apresentações bem como, da sobrevivência do próprio movimento, tal fato por si só, acaba por ser uma caricatura para descrição dos problemas sociais nos Alagados e também uma representação do que eram as desigualdades socioeconômicas, naquele período, e que mesmo até os dias de hoje, passando pelos becos e vielas da comunidade remanescente daquele lugar, os resquícios de uma comunidade assolada pela precariedade e (des)saneamento continuam destemidamente visíveis. Segundo CRISPIM, (2010, p.138),

o Bagunção tocou para todas as inclinações políticas, realizando uma grande turnê interna nos Alagados. Não havia bairro, praça, beco, ponte ou bar por onde eles não houvessem passado. Todos sabiam da banda de lata, e logo outras crianças resolveram imitar a receita tão fácil: lixo + crianças pobres.

A partir dessa experiência desse viver em um lugar que não oferecia o mínimo para poder se manter, o grupo pode não somente difundir os seus valores, ritmos e princípios, como também pode inspirar a outras tantas crianças, que desde então tomar a banda de latas oriunda dos barracos-palafitas como sua referencia mãe, rompendo dessa forma dos murros dos barracos-palafitas, que os cercavam, sem deixar do lado as suas origens que os servia de alicerce nas atuações, a difusão das origens é que permitiu com que o grupo viesse a ser reconhecido e ainda por cima pudesse atrair mais crianças e adolescentes.

Qualquer prática pedagógica que for, seja de que natureza for, mas que cujo seu objetivo se centra em educar e contribuir na formação integral e solidificada do sujeito, ela deve ter em conta primeiro as especificidades do sujeito que se quer educar, e em seguida buscar através de metodologias eficaz e que não entrem em colisão com as expetativas que aquele sujeito vai trazer ou criar em torno daquele processo, é preciso que ele se sinta importante nesse processo da sua formação, o educador é quem deve buscar mostrar que ele (o educando) é um dos pilares dessa construção da sua formação e que ela somente se dará com a sua participação. CRISPIM, (2010, p.138) conta que,

Não foi difícil conseguir espaço na prestigiosa Lavagem de Tiradentes, na qual os grupos mais bem apadrinhados podiam tocar. Era a maior festa das adjacências, e o

Bagunção tocaria num sábado às 17h. No dia da abertura do evento, chegamos às 15h já de figurino para saborear a popularidade, que não faz mal a ninguém. Nosso figurino amarelo e aquela meninada inquieta com suas latas foram o centro das atenções. [...]

Deu 17h, 18h, 19h, 20h e o evento não começava; os grupos mais importantes começavam a chegar, ficando claro que a tão sonhada grande estreia talvez não acontecesse. Havia impaciência e decepção nos rostos dos meninos.

O envolvimento afetivo do educando nas atividades pedagógicas sejam elas de que natureza for, que quando permitem com que seja despertado esse envolvimento por parte da criança, torna-se num forte aliado, sobretudo na garantia de resultados positivos, na medida em que a criança ela não vai medir esforços, para permitir com que a ação que o deixa alegre se concretize, daí sem dúvida a necessidade dos educadores adotarem, meios para poder falarem a mesma língua com os seus educandos, permitindo não somente a sua participação como cumplicidade. CRISPIM, (2010, p.138)

Eu estava um pouco mais distante, tentando resolver a questão com um dos organizadores do evento. Eu tentava sem muito sucesso convencê-lo de sermos encaixados na programação do domingo, [...] E, mesmo de longe, avistei um senhor branco e alto se acercando dos meninos; parecia que ele tomava informações e verificava cada instrumento. [...] um dos meninos apontou para a minha direção, veio acompanhando o senhor e logo me disse:

— Esse gringo tá perguntando de onde somos.

[...] fiz uma pequena pausa para me apresentar ao senhor, que ao falar confirmou a afirmação do menino, era um gringo chamado Dimitri. [...] Seus elogios imediatos ao trabalho dos meninos fizeram o organizador mudar de forma rápida, inédita e inexplicável de atitude, afinal, aquele mesmo que nos descartara havia pouco instantes, agora era só elogios. Porém, não dirigia a palavra a mim e, sim, ao gringo.

O olhar externo virilizou a posição anterior do organizador, numa clara demonstração de uma cena, onde só se valoriza e se dá credibilidade à opinião de quem vem de fora para dentro.

A invisibilidade ela era construída de dentro (Casa) para fora, ao Crispim segue narrando o quão os elogios do “estranho-gringo” fizeram toda diferença, CRISPIM, (2010, p.139), “[...] tive notícia de que a banda era maravilhosa e umas das coisas mais criativas das adjacências, e que ele, o organizador, estava exatamente naquele momento se desculpendo pelo atraso na programação.”

Esses primeiros passos que foram sendo construídos em vários momentos tiveram aprovações e reprovações, sendo um dos objetivos do projeto a educação e a inclusão social através da arte, talvez ainda não estivesse tão claro, naquele momento, para alguns que na

verdade aquela percussão que tanto se apagaram era na verdade sua *práxis*<sup>13</sup>. CRISPIM, (2010, p.138)

Nada como um observador internacional; não me esqueceria daquela velha expressão “para inglês ver”. O senhor gringo voltou no domingo e de fato assistiu a uma apresentação descontraída, que enfatizou a música e a empatia da banda de lata da comunidade. Ele pegou meu endereço e sumiu na multidão.

Sempre conduzidos, pelas suas origens, os meninos, seguiram tocando em beco e vielas, ruelas e favelas na certeza de que a distancia entre o que se busca e o que se tinha, era só o tempo, aqueles *Vha pfanas* conheceriam em breve o momento mais reluzente da sua caminhada, que historicamente era feita de muitas dificuldades. E mais, conforme descreve abaixo CRISPIM, (2010, p.141),

Então veio o maior convite que a banda sonhara em receber. O Olodum, a mais famosa e mais admirada banda afro-percussiva do Brasil, nos convidou para seu festival, o Femadum<sup>14</sup>, no qual estariam presentes cantores e compositores como Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Nem os pais acreditavam nisso, e os meninos, embora felizes, estavam meio nervosos e até desanimados, pois achavam que as descargas sanitárias plásticas e as latas não dariam conta.

O momento significou e representou a exceção do sonho que meninos tinham desde cedo, lá atrás quando há semanas anteriores ousadamente “perturbavam” os noveleiros da comunidade dos Alagados, e que ao som das suas latas nada eletrizantes, mas contagiantes, balançavam a barraca-palafita.

Ao mesmo tempo, o desânimo hasteou a sua bandeira no rosto daqueles meninos, já que as suas latas e descargas sanitárias plásticas como descreve o autor, pareciam pouco energéticas para juntos mais uma vez caminharem com os meninos até a calçada dos seus sonhos, que igualmente tomará de surpresa aos pais que pouca credibilidade davam ao movimento.

É de longe incontestável, o papel e a importância que os blocos afros da Bahia de Todos os Santos, sobretudo os pioneiros que é o caso do Afoxé Filhos de Gandhy (1949), Ilê-Aiyê (1974) e o próprio Olodum (1979), tiveram mais do que a missão, a responsabilidade de

<sup>13</sup> Segundo o dicionário online de português é a prática; atividade ou situação concreta que se opõe à teórica. Filosofia. Marxismo. Atividade humana concreta que, contrária à teórica, possibilita que alguém trabalhe no cultural, política e socialmente, alterando e modificando as relações entre indivíduos e grupos. <https://www.dicio.com.br/praxis/> 02/10/2016

<sup>14</sup> É o principal evento cultural do Olodum, antes do carnaval. Criado pelo Bloco Afro Olodum nos anos 1980, o festival divulga a diversidade da cultura afro-baiana e brasileira, além de dar oportunidade e visibilidade a talentos populares que buscam na cultura afro uma fonte de inspiração e de desenvolvimento de ações.

inspirar e influenciar novos movimentos de latas, a exemplo próprio do Bagunção (1991), bem como outros blocos e movimentos que foram nascendo em decorrência das referências que os mais experientes passavam e estimulavam.

Permitindo com que houvesse esse ciclo de reinvenções e rejuvenescimento dos ritmos e dos estilos produzido, que serviram e serve até os dias de hoje como uma forma de demonstração ao mundo lá fora, essa riquíssima produção cultural que não só representa a Bahia, mas como também representa o Brasil num todo.

Esses blocos e outros tantos, eles cumpriram e cumprem um papel de ativismo social, em prol da luta dos direitos cívicos dos povos negros no Brasil, que com a sua militância artística, junto com outros tantos movimentos, formam essa onda de luta e resistência. CRISPIM (2010) conta que achou que os meninos, na primeira oportunidade de se apresentarem em um enorme concerto, o qual eles sonharam até então, já estavam querendo se livrar da originalidade, colocando em causa a o envelhecimento das latas.

CRISPIM (2010), fala que com o apoio do Jaquinho, jovem de 14 anos que conheceu quando da sua passagem em Candeias<sup>15</sup>, um jovem que possuía enormes habilidades com instrumentos musicais as quais ele não tinha, mas que com a chegada do Jaquinho pode começar a ter uma noção do que eram, sobretudo, de guitarra elétrica que é o instrumento que o jovem possuía e que mais tarde se unira a banda. Pôde, em mercado informal, providenciar alguns acessórios para retocar e dar um ar de novo nas latas.

Na arte de educar, o mestre ele não está ineto de se tornar num aprendiz do seu aprendiz, e que o seu aprendiz pode se tornar um mestre do seu mestre, rompendo dessa forma com as estruturas herdadas, que tendem em hierarquizar da forma mais persistente (não provocando uma colisão nas estruturas herdadas) o processo educativo, onde não existe esse exercício ou se existe é unilateral e não bilateral, de deslocamento dos papéis que representamos.

O processo de crescimento e de expansão do movimento de latas (Bagunção) foi marcado nos seus primeiros anos (1993-2003) por solidariedades e parcerias, elementos essenciais para educação e formação do sujeito, uma vez que o processo educativo não deve ser construído a partir de uma única visão ou ideal.

É um processo que não deve ser monopolizado sob pena de cerrar as outras possibilidades e oportunidades do sujeito, se encontrar em meio aos vários conceitos e experiências que vão permitir com que esse não tenha somente uma única visão ou um único

---

<sup>15</sup> Município do Recôncavo Da Bahia.

caminho para construir a sua identidade e formação, que deve ser resultante da decorrência das múltiplas experiências que vão marcá-lo e que acumuladas gerem esse baú de riquezas sejam elas vividas ou não, é preciso que se faça necessário à participação de todos, para uma construção mais solidificada, pois se suponha que a multiplicidade das experiências e saberes ela poderá enriquecer ainda mais o processo de formação na qual o sujeito se encontra.

Nesse caso é preciso que haja uma mobilização, primeiro por parte da família, que na verdade deve servir como a primeira instituição de educação formal ou não do sujeito, que desde o seu nascimento é marcado e cercado pelo afeto da família que o embala e, num segundo momento, é preciso que haja o estabelecimento não de murros e sim de pontes, e quando falo de pontes me refiro ao estabelecimento de parcerias entre casa e escola, assim como isso pode igualmente se estender e se aplicar aos projetos e ações sócias e vice-versa, e cujo sua missão ou finalidade é contribuir na educação e formação do sujeito que se encontra inserido naquele processo de transformação.

Entende-se que através de tal parceria entre as instituições acima mencionadas, possa gerar uma troca de experiências e resultados, decorrentes da formação do mesmo sujeito. Mais adiante vai descrever como foi esse momento tão esperado pelos meninos. Como nos conta CRISPIM (2010, p. 145),

O Olodum mandou um ônibus nos buscar, os caras da Bandaço estavam até nos admirando, e lá fomos em direção ao Pelourinho. Foi um momento muito especial. O palco, tudo de primeira linha, todos os instrumentos foram amplificados e equalizados enquanto o locutor falava um pouco da história do projeto, e na hora dos meninos entrarem, fui chamado para explicar um pouco mais sobre o projeto. Eu estava muito nervoso, pois, mesmo com a experiência do teatro, falar para 60 mil pessoas era algo que eu nunca tinha imaginado. Os aplausos, a banda tocando com guitarra elétrica... Só o Araketu havia feito essa proeza, tanto Olodum como Timbalada eram só percussão. Além disso, o Bagunção era autodidata, pois minha musicalidade era duvidosa. Mas, o entrosamento no baba havia se estendido para a música e eles deram show. Aplausos e surpresa do público. Foi extasiante ver a negrada bailando ao nosso som, no mesmo lugar que antes era destinado a nos castigar. [...]Ao final do show, a produção do Olodum queria nos colocar numa espécie de camarote, onde também estariam mais tarde Caetano e Gil. Eu queria muito, mas as crianças preferiam ficar em frente ao palco, pois queriam assistir a banda das bandas: o Olodum.

É como diria KIMBALL (19-?), “á humildade é a realeza sem coroa”. Se por um lado a banda inicialmente se via banalizado em meio a tantas incertezas, sobre o que seria e como seria a sua atuação em um evento tão sonhado, com toda inexperiência, humildade e muita vontade eles surpreenderam não somente ao público que os ovacionou, como também ficaram supressos consigo mesmo.

A discrição que o autor faz do espaço físico da atuação, a admiração, o encantamento e o nervosismo que o autor vai trazer, são na verdade reflexos desse descobrimento que os meninos da banda e tanto o Crispim, estavam a presenciar naquele momento, afinal de contas era um acordar para um mundo maior que os Alagados, o qual de esquina em esquina, conseguiram ecoar com as suas atuações, mas que ali já era diferente, pois estes foram subitamente envolvidos e igualmente envolveram o lugar e o ambiente.

O apogeu dos meninos do Bagunção ela foi construída, muito antes da atuação no show do Olodum, ela foi construída quando, por exemplo, lá atrás, eles lutaram pelo direito de poder tocar e serem tocados por suas latas, quando a comunidade os renegou em detrimento da novela, portanto essa chamada do Oludum ela pode ser interpretada na verdade como uma consequência e não meta, pois a meta era o direito conquistado de poder tocar.

Dentre as proezas e os efeitos, o referencial e diferencial da Banda Bagunção foi também a questão de que a mesma em momento algum deixou de lado, mesmo após a situação melhor, o autodidatismo que o autor vai sinalizar, pois os ritmos, as batucadas, os toques, tudo isso nascia em decorrência não de um aprendizado técnico, e sim dessa vontade daqueles adolescentes e jovens, que em meio aqueles sonhos e desafios, foram aprendendo fazendo as coisas e se ensinando umas as outras. E sem esquecer que a autocriação, ou melhor, as habilidades individuais dos educandos eles só podem ser canalizadas pelos educadores, como forma de auxilia-los.

Compreender que o educando pode e deve participar do processo (educativo) é a cima de tudo, ensiná-lo que afluência do saber só se dá com a participação de todos que estejam envolvidos no processo. Sobre aspectos que demonstram isso CRISPIM, (2010, p.146) continua a narrar sobre o show com o Olodum, conforme destaque abaixo:

Ao final do show, a produção do Olodum queria nos colocar numa espécie de camarote, onde também estariam mais tarde Caetano e Gil. Eu queria muito, mas as crianças preferiam ficar em frente ao palco, pois queriam assistir a banda das bandas: o Olodum. Então, ficamos num espaço bem em frente do palco, isolados por seguranças do Olodum. [...] Num determinado momento, me afastei para fazer uma foto das crianças tendo o palco com a banda Olodum como fundo, e para isso fui até bem próximo do cordão d isolamento, chegando bem perto do público. Victor, apelidado de Buiú e o mais novinho da banda, deveriam ficar com Claudia (Bia, minha namoradinha e irmã de um dos meninos), mas ele era muito apegado a mim e veio meio que segurando nas minhas calças. Eu andava de costas para pegar o melhor ângulo e Buiú vinha de frente segurando minha calça na altura do joelho, mas de repente ele soltou minha calça e se afastou assustado com algo atrás de mim. Eu não tive tempo de saber o que o assustara, pois alguém puxou com muita força minha pequena mochila, me fazendo desequilibrar. Para não cair, girei de frente como qualquer um que já tenha feito capoeira. Para meu espanto, era um policial enorme que, para tirar a bolsa de mim, me deu um empurrão ao mesmo tempo que calçava com um dos pés meu calcanhar. [...] Logo voltei a ficar em pé e ele olhou

para mim com raiva, perguntando de quem eram a mochila e a máquina que estava na minha mão. Eu respondi que eram minhas essas coisas, e ele com truculência novamente me segurou pela camisa e chutou com muita força meus dois tornozelos [...] e nesse instante a população se precipitou, gritando para o policial parar, e os meninos que estavam de costas para a cena se viraram e correram em meu auxílio. O mais curioso é que eles não se intimidaram com o policial e tentavam me tomar da mão dele. [...] Logo chegou o restante da patrulha com mais uns cinco policiais, e a essa altura a população, que me identificava como o rapaz da banda de lata, xingava e jogava latinhas de cerveja no policial. Quando a patrulha chegou, as crianças do Bagunção recuaram um pouco, esperando o desfecho, [...] Estava tonto, mas vi que, quando o sargento mandou me algemar, a banda Olodum parou de tocar. O vocalista foi enfático com os policiais e as crianças começaram a arrancar o calçamento do Pelourinho e partir para cima da guarnição; [...] o espírito de grupo e as leis duras de um bairro violentado já tinham temperado a natureza daqueles meninos. Eles estavam prontos para a paz e era isso que reafirmávamos no Bagunção, mas guerrear era exatamente no que eram melhores. Foi um deus-nos-acuda, as pedras eram lançadas sem pudor na direção dos policiais, que já estavam de armas em punho. [...] Assim, algemado com as mãos para trás e preso pelas calças, fui arrastado ladeira abaixo. Os meninos a essa altura já berravam e choravam, minha namorada tentava segurá-los e ao mesmo tempo me seguir, [...] No meio da ladeira, minha carteira, não suportando a pressão do policial que me levava dependurado pelas calças, caiu aberta e lá estava minha identidade funcional do Poder Judiciário — meu distintivo do Juizado de Menores da comarca de Salvador. [...] Uma guarnição da Polícia Civil, vendo a confusão, veio dar apoio aos PMs, mas ao averiguarem meus documentos, atestaram sua autenticidade e começou uma nova confusão, pois eles reclamavam a minha guarda, e o sargento negava. Não sei de onde, mas o Olodum arranhou um advogado. [...] Logo, foi dada a ordem para me desalgemar, e eu saí para acalmar os meninos. O ônibus já nos esperava e durante todo o trajeto até o Alagados eles não disseram uma só palavra. [...] Naqueles três dias de Femadum, eu não fui o único a apanhar. Outros policiais civis e militares apanharam, e a população, mais ainda. Toda essa pancadaria no Pelourinho deu na música “Haiti”, de Caetano e Gil.

Não podemos perder de vista atitude dos meninos que em meio a um ataque fulminante da polícia, eles invocaram coletivamente um *modus operandi*, na ânsia de proteger o seu educador, por outro lado, podemos analisar no presente ocorrido, que mesmo de tal forma, existe aí na verdade uma retribuição de afeto, por parte de quem recebeu para quem deu.

A “rebeldia” e a “valentia” dos meninos ela revela, o quão estes na verdade já estavam envolvidos afetivamente com o seu educador.

O choro dos meninos representou nesse sentido, por exemplo, uma demonstração de afeto, percebe-se que existe aí um grande envolvimento emocional afetivo entre os educadores e o seu educando, o que inclusive nos remete a concluir que em meio a manifestações do afeto, tem espaço tanto para demonstração deste em forma de amor e carinho, como também de modo um tanto quanto “radical” a exemplo do que podemos perceber na memória acima.

É importante recuperar o momento acima descrito, para mostrar que o contexto de violência social, no qual esses meninos se encontravam inseridos, e ele provavelmente seja o

principal responsável pelo o que era o comportamento desses adolescentes e jovens, na verdade por de trás da postura defensiva por estes adotados, podemos constatar que essa postura, ela servia como um manto protetor em resposta a qualquer gesto malicioso.

Na verdade nada mais era que uma reprodução sintética de uma violência que era extremamente alarmante.

Ao fim e ao cabo, em *offside* Crispim conta que o fruto desse encontro com o Olodum, Narcizinho que era um dos integrantes da primeira Banda do Bagunção conseguiu chegar a tão sonhada banda e que até nos dias de hoje continua por lá, conforme podemos ver CRISPIM, (2010, p.150)

Passados o susto e a depressão [...]. A notícia era de que haveria um encontro de meninos e meninas de rua e de que o MNMMR (Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua) tinha convidado a comunidade para participar. Iriam crianças da Escola Luiza Mahim, da Associação de Moradores da Mangueira e do Bagunção. [...] Essa notícia chegou a nós com uns oito meses de antecedência, pois a comissão de crianças e adolescentes do Alagados que fazia parte do encontro nacional deveria ser escolhida pela comunidade e, ao final, seriam só cinco meninos do Bagunção. Fomos escolhidos eu, Adson na caixa e no vocal, Jaquinho na guitarra e no vocal, Bira no repique, Nido na marcação de frente e Bobo na marcação de fundo. Eles eram bons no que faziam, e a meninada queria estar bem representada, então não foi difícil escolher, havia um consenso entre eles. Era a primeira vez que eu e os meninos saíamos do estado. (...) Foram cinco dias de encontro, e nós só nos apresentáramos no terceiro dia, porém, logo no primeiro, um grupo de Recife não chegou e fomos chamados para substituí-los.

É importante trazer a presente narrativa para mostrar como foram acontecendo e se costurando esses primeiros momentos, rumo a essa difusão das origens do movimento das latas recicladas, ate as apresentações e representações fora das fronteiras dos Alagados desde a consagração da Banda, que tivera o seu ponto mais alto na atuação no FEMADUM que é representada por este momento que vai inclusive culminar com uma acerta aderência por parte da comunidade que aos poucos foi se aproximando e abraçando o projeto, representando esse momento da virada das relações sócias da banda com a comunidade e vice-versa, a luz do que o autor nos fala, podemos inclusive visualizar o contexto, social e econômico em que o grupo mesmo com tais dificuldades conseguiu superar e mais do que isso se impor como vai mostrar o autor. CRISPIM, (2010, p.151)

[...]. Nós já não tínhamos mais aquele figurino e usamos a camiseta recebida no evento. Fomos levados por uma van e quando vimos estávamos na Esplanada dos Ministérios, e um trio elétrico nos esperava. Ironia da vida, era a primeira vez que aqueles baianos subiam num trio elétrico. Fomos apresentados como meninos da delegação da Bahia, e o locutor ainda explicou que estávamos ali para ajudar, pois a banda que estava prevista para o trio não chegara de Recife; ele mal sabia que aquele quinteto estava mais que preparado. Após afinação e equalização, Adson explicou

que éramos dos Alagados e que o Grupo Cultural Bagunçaço, [...] Assim, Jaquinho soltou os acordes e cantaram Abolição, uma música gravada por Margareth Menezes e Elba Ramalho que falava do povo pobre e negro da cidade. Depois improvisaram a canção tema do encontro, e a Esplanada inteira cantou com eles. Estava tudo bem organizadinho, deveríamos cantar três músicas, os adultos faziam os discursos e talvez no final mais uma música. Mas onde já se viu dar um trio elétrico a um baiano e tentar ter algum controle sobre o que acontece? Os meninos e o público se empolgaram e fizemos uma minimicareta. As letras eram sempre engajadas, e daquele dia em diante eles ficaram conhecidos como “meninos da Bahia”. Eram chamados para tudo que tinha música no meio.

Fora o papel cultural que o movimento difundia existia por de trás desse todo processo, a questão política, a percussão só em si ela conseguiu e serviu também como um método de reivindicação política, mas pensar primeiro as referências desses grupos emergentes de percussão da Bahia, que vão buscar em meio a esse caminho a exceção, beber da mesma fonte dos seus percursos que é o caso anteriormente descrito do Ilê Aiyê e o Olodum, nos ajuda, sobretudo, a pensar no impacto e nas transformações sócias-políticas, mesmo que distante do desejado não deixaram de apresentar alguns resultados, dentre eles a visibilidade dos negros e da produção cultural no mundo negro (música, teatro, e.t.c).

E que a partir desses contatos com outras realidades, mostraram também, que a produção cultural na Bahia, ela não está congelada aos tradicionais Blocos afros, e que esses mesmos blocos eles estavam cumprindo um papel que acarretava mais responsabilidade social ainda, que era de formar, reformar e servir de referências musicais, artísticas e políticas para as novas gerações.

Essas que por sua vez essas novas gerações elas buscariam, reforçar a necessidade de se continuar a manter esse ciclo de formação-transformação, para que os movimentos eles mais do que se extinguir, eles não se enfraquecessem esse movimento que cujo seu papel cultural é tão importante quanto o político e social, na medida em que vão buscar através da arte, denunciar a pior das desigualdades que pode existir a social-racial.

### 3.5 O SOL BRILHA PARA TODOS

Era chegado o momento do sol despontar entre os olhares e saberes de todos, a verdade é que nem as latas e muito menos as batucadas conheciam os sexos das mãos que as tocava. Para estes tudo era igual, e sem nenhuma distinção ou “preconceito”. A verdade é que na arena das artes & cultura, se desconhecem os gêneros.

O Bagunção, na medida em que cresceu e se estendeu para outros bairros de novos Alagados, começou a atrair atenção de muitas crianças, que vendo aquela movimentação de latas para lá e pra cá, decidiram se juntar ao grupo.

Importa referir que em parte, a também ausência de espaços e de atividades de lazer, produção artística-cultura, é que esteve por de trás dessa aderência, já que em meio aquela carência fabricada pela estrutura capitalista hegemônica, fazia com que a procura por essas ações fosse maior.

Muitas dessas crianças, vão se juntar ao Bagunção em parte na busca por esses momentos de trocas de experiências e aprendizado, bem como de diversão, como também o projeto viria a se tronar num refugio para muitas delas, pois como sabemos é nas comunidades mais carentes, que as drogas e outras tantas substâncias prejudiciais para saúde, encontram um fácil acesso, e conseqüentemente percebemos que pela carência as crianças se tornam em pressas fáceis para o mundo das drogas.

Como nos mostra CRISPIM (2010, p.118): “Naquela reunião, entre uma brincadeira e outra, fiquei conhecendo mais ou menos a vida deles, pois costumam debochar da família uns dos outros: tinha pai alcoólatra, mãe solteira amasiada com vizinho já casado, pai preso... Tudo vinha à tona nas brincadeiras.”

Ou seja, muitos dos problemas que vão assolar essas crianças e adolescentes, eles na verdade são ruínas do processo histórico da formação do próprio Alagados, todos os problemas sócias, acabem que sendo um forte condutor, as drogas. E isso vai de certo modo não só afetar a formação da criança, mas como também vai abalar a sua autoestima ou o seu psicológico.

A alta taxa de falta de emprego, também vai se configurar como uma das causas da manutenção das drogas, pois o sujeito acaba que ficando mais tempo nas ruas, do que no trabalho, e isso vai trazer consigo conseqüências nefastas para as crianças que vivem nesses ambientes, pois fora os pais ou parentes mais velhos que são dependentes, a maior vítima acaba que sendo a criança, esse deu em decorrência daquele processo que o acompanha no seu crescimento, nutrir-se daquele ambiente totalmente nefasto.

Além da percussão, criou-se um grupo de dança, virado mais para o público feminino, mas que nas primeiras apresentações, não se apresentava, pois os pais não permitiam muita das vezes com que essas (meninas) saíssem da comunidade e longe dos seus olhos tal como vai nos mostrar, CRISPIM (2010, p.130) “O grupo de dança das meninas ainda não se apresentava conosco; elas até ensaiavam com os meninos, mas as famílias não deixariam que apresentassem em outra localidade, longe de seus olhos.”

Vale ressaltar, que houve também a preocupação desde o início, de se fazer um acompanhamento pedagógico para as crianças, após uma das irmãs (Bia), mais velha de um dos integrantes do grupo, formada em pedagogia, oferecer-se para ajudar na organização pedagógica dos meninos, como relata o CRISPIM (2010, p.124) “[...]. Ela, sem dúvida, trouxe a organização pedagógica de que precisávamos! Agora, com uma mocinha formada professora, as famílias deixavam as meninas participarem mais das atividades.”, percebe que em vários momentos essa lógica comunitária de ajuda, é que vai cercar o projeto, permitindo com que ele se projete pra frente.

As meninas começam a fazer parte do projeto efetivamente na decorrência de um “incidente”, segundo CRISPIM (2010, p. 121)

[...], mas a banda sofria uma dura implicância das meninas da mesma faixa etária. Elas chamavam eles de bagulhaço e eram muito boas em desviar dos objetos arremessados por eles, acho que por conta de jogarem baliô<sup>16</sup>. [...], os próprios meninos me informaram da guerra de xingamentos e pedras que causou baixas em ambos os lados. Reuni a banda e soube da insatisfação deles em relação à forma jocosa com que as meninas tratavam a banda. Depois falei com algumas meninas. Thyá, irmã de Mar (seu nome verdadeiro era Eunice), e Leide, que chamávamos de Dengo, eram as lideranças femininas. Embora não tivessem uma explicação para tratar daquele jeito a banda, disseram que o som até era bom, mas que eles eram muito chatos. Então marquei uma reunião entre todos. Inicialmente, os meninos resistiram muito, e quando, ao final da reunião, as meninas foram admitidas como dançarinas da banda, alguns ameaçaram sair do grupo. A chegada das meninas, embora a contragosto de alguns, foi muito importante, pois trouxe mais candura às nossas reuniões. Os meninos deixaram de brigar entre si, pois tinham que se unir contra as meninas, tentavam ter o mesmo nível de concentração que elas, passaram a tentar cuidar mais dos instrumentos... Virou uma espécie de gincana para ver quem era mais organizado. De início, elas ensaiavam secretamente na casa de uma delas e não iam muito às reuniões que não fossem ali mesmo na rua, às vistas da família. Os meninos tinham a vantagem de estarem soltos e poderem ir aonde queriam.

Importante analisar essa mudança que vai ocorrer na banda com a chegada das meninas, que na verdade serve para “disciplinar” a conduta dos meninos, as meninas não só conseguiram “disciplinar” os meninos, como também conseguiram com que se incorporasse a dança, no projeto, uma vez que as latas eram a ala hegemônica que os meninos não abriam a mão de maneira alguma.

CRISPIM (2016) defende que a tônica do projeto Bagunçaço é nesse sentido de ocupar o tempo ocioso dessas crianças, para que dessa forma se retire elas das ruas, pois somente a arte-educação, aquele que nasci a partir da realidade das próprias crianças, e que

---

<sup>16</sup> Segundo CRISPIM, baliô consiste em ter dois times que tentam acertar uma bolada no adversário, e os meninos, de baragandão, que consiste em uma pedra presa a uma linha. O jogo pode ter dois ou mais participantes, que atiram suas pedras no ar simultaneamente e tentam cortar a linha do adversário quando esticam suas linhas novamente, usando para isso a força do esticão e o peso da pedra.

com isso faz com que não haja nenhum tipo de discriminação ou segregação das mesmas, e que vai ajudar a transformar aquela criança, num adulto melhor, e fazendo com que esse seja o sujeito da sua própria história, da sua comunidade e do seu grupo étnico. Isso ira não só permitir novas oportunidades, como ira tirar estes da rota do crime, da marginalidade.

#### 4 CAPÍTULO III: O ATLÂNTICO É PEQUENO DEMAIS PARA NOS SEPARAR

Era precisamente Fevereiro (2003), em meio aquele frenético calor colossal da cidade das acácias (Maputo), bem mais para o seu interior, á sensivelmente uns 15 á 20 minutos de travessia de *ferry boat* ou *Mapapaia*<sup>17</sup>, tanto faz da baía de Maputo, onde se encontra a pequena Katembe que ontem era um gigante místico, mas que hoje em dia somente veste esse mito e já não mais ninguém o sente e muito menos se enverga diante dele, quando no encontro de olhares reverberavam-se entre si.

Acontecia em Maputo, capital moçambicana, um intercâmbio promovido pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em parceria com á Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID), que contou com a participação de jovens brasileiros, mais concretamente oriundos da capital baiana (Salvador).

Cujo objetivo central foi de resgatar a cultura afro-brasileira e em especial, contribuir na disseminação de informações sobre o HIV/SIDA. Fruto de um projeto denominado **“Intercâmbio de jovens entre Brasil e Moçambique de arte-educação e educação preventiva para HIV/Aids”**.<sup>18</sup>

Durante o período em curso o intercambio pode promover a difusão de práticas arte-educativas fomentadas por jovens e pode gerar desse modo uma resposta para á questão do HIV/SIDA que, naquele mesmo período (2003), havia atingido o percentual de cerca de 16% da população moçambicana, entre os quais as mulheres e as crianças eram as maiores vítimas.

CRISPIM conta que ao todo estiveram envolvidos quinze (15) jovens, que representavam três (3) instituições, que são: o projeto Axé, o Centro de Referência Integral ao adolescente (CRIA) e o Grupo Cultural Bagunçação, todos estes oriundos de Salvador, capital baiana, que desenvolviam através dos seus projetos e ONG’S, trabalhos de prevenção do HIV/SIDA, com a arte-educação.

---

<sup>17</sup>Embarcação marítima de pequeno porte que auxilia no escoamento de bens e na travessia dos municípios da Ka Tembe para cidade (Maputo) e vice-versa, chegando a ser mais hábil que o *ferry boat*.

<sup>18</sup>Um projeto que visava entre outras ações, compartilhar experiências de prevenção ao HIV/SIDA e Saúde Reprodutiva entre Brasil e Moçambique, recebeu financiamento das Nações Unidas. Teve uma duração de três (3) anos, onde durante esse período pode contemplar outras regiões (províncias) de Moçambique, a fim de fortalecer a capacidade das organizações da sociedade civil voltadas ao atendimento da juventude de Moçambique, onde sua proposta passava sempre em abordar temas ligados à saúde produtiva e HIV/SIDA.

Durante o “Intercambio de Jovens” as instituições envolvidas através de ações de intercâmbio promoveram plenárias de discussão sobre gênero, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Aids, Direitos Humanos, bem como oficinas de dança, teatro e educação.

CRISPIM que até então não conhecia o continente africano, porem-se via encantado com a possibilidade de conhecer á Pérola do Índico<sup>19</sup>, ao referir que, CRISPIM, (Entrevista, 23/10/2016):

[...], eu não conhecia Moçambique até então, mas algumas pessoas conhecidas, dizia que Moçambique era muito rico em tradições, na própria questão da dança, e tudo, mas que ainda não tinha sido uma ideia muito forte lá, usar isso como um fator de luta contra o HIV. E talvez levar jovens negros que faziam da dança, da música, do teatro, [...], uma ação de libertação poderia ser uma adaptação para a luta contra o HIV. [...], então nisso foi convidado o AXE, CRIA e o Bagunção, e eu fui né, [...], o AXE mandou um educador, o CRIA mandou um educador também, e eu claro, apto de conhecer a África, decide que do Bagunção não iria nenhum educador, iria eu mesmo. Fui o único criador, representante da instituição a ir pessoalmente, a não mandar ninguém.

A luz do relato que CRISPIM nos trazer aqui, podemos destacar um ponto de extrema importância que justamente vai de acordo com a tese de uma educação social, no caso específico que aqui proponho analisar, aquela que vai, sobretudo, primar por trabalhar com ações concretas, de uma educação cívica mais humanizada, na qual, através das artes e da cultura é possível sim, se passar uma mensagem, como também gerar grandes reflexões acerca da realidade, bem como também buscar estratégias que visam auxiliar de forma teórica ou prática, a mudar a realidade.

Dai que podemos á partir desse momento que junta as três (3) referidas organizações não-governamentais, nos sustentar na tese de que os projetos sociais, sobretudo quando apoiados (financeiramente ou de outras formas que garantam a efetivação de suas ações), podem sim, ser agentes transformadores sociais, fazendo a diferença. E também transformar-se em potenciais fontes de inspiração e implementação de políticas melhoradas, sejam na saúde, segurança, educação, etc.

Dai que, se faz necessário, toda uma rede de parcerias que possam de um jeito ou do outro, ajudar instâncias como o Bagunção e todas outras que vão operar no sentido de ajudar a transformar não somente a cultura em um instrumento de transformação social, mas outras todas as ações cujo objetivo central seja á formação do sujeito. Inclusive, muitas dessas ações acabam fechando as portas, justamente por falta de incentivo. Em sumo diria que apoiar

---

<sup>19</sup> Forma carinhosa que é conhecido Moçambique, isto porque o país é banhado no sentido Norte/Sul por cerca de 2.750 km de águas do Oceano Índico.

projetos sociais e ONG's é de longe uma contribuição na formação de novos cidadãos mais humanos.

Já por outro lado, CRISPIM nos relata que, só conseguiu chegar á Moçambique com uma semana de atraso. Sobre o seu primeiro momento em Moçambique nos fala que, CRISPIM, (Entrevista 23/10/2016)

[...], eu tava curioso com essa minha África imaginária *versus* a África real, fui muito bem recebido pelos estudantes, eu acho que também o fato [...] de ser um negro e o único dirigente, já que os outros que estavam ali eram educadores das organizações e brancos, e eu era o próprio fundador da organização, então isso, criou uma certa curiosidade nos jovens Moçambicanos e um certo apreço por mim, [...], discutimos muito isso, porque as crianças eram negras, atendidas nos projetos e os educadores eram brancos, e seus criadores eram brancos? Questões aqui (no Brasil), talvez não muito discutidas, mas é algo pra se pensar. [...], naqueles dias conversamos muitos, [...] tudo que era fora o currículo que foi planejado pela UNESCO, era esses jovens indagando um pouco do Brasil, [...], e eu indagando de África.

A partir das conversas preliminares foi que se construíram os primeiros momentos de uma amizade e que delas (conversas) nasceram, se é que assim pode se dizer, os laços de afetividade que mais a frente vamos ver que veriam a resultar em uma parceria norteada, sobretudo, pelos seguintes valores da solidariedade e ética.

Entre outras questões importantes vale destacar a curiosidade mútua que vai proceder esse primeiro momento, movido pelas inquietações, que cada um trazia consigo, possibilitando com que questões meramente passivas de ser colocadas não passassem despercebidas.

O exemplo da questão racial que foi levantado durante as conversas, como aponta Crispim, pelos jovens moçambicanos, na verdade reflete o que era e ainda é a sociedade moçambicana, que não está acostumada ainda com a ideia de ver brancos em ações sociais em benefício dos negros. Isso em parte é o fruto da herança colonial portuguesa, que até os dias de hoje está presente não só em Moçambique, mas também em outros países de África, onde se tem muita resistência em lidar com as questões raciais.

E foi no meio dessas conversas que, segundo CRISPIM, estiveram fora dos temas pensado pela UNESCO, onde os jovens moçambicanos puderam ter um pouco mais de contato com a realidade de Crispim e vice-versa.

Foram nestes encontros e conversas neles geradas que CRISPIM vai conhecer BENJAMIM NHUMAIO, um jovem proveniente da pequena comunidade de

*Xicuandarinha*<sup>20</sup>, no interior da capital, mas precisamente no distrito municipal de Ka Tembe, que igualmente na ocasião participava do intercâmbio e que o convida a conhecer a sua comunidade e as ações que desenvolvia por lá, com as crianças da sua comunidade. Sobre este encontro NHUMAIO (Entrevista, 22/10/2016) nos conta que:

Neste intercâmbio fiquei impressionado com o trabalho desenvolvido pelo Bagunção (embora já conhecesse o CRIA, desde 2001) e tinha algo que eu já desenvolvia na comunidade que é o reforço escolar. Daí conheci o coordenador geral do Bagunção, Joselito Crispim, um homem de visão e de causa, o qual convidei para que visitasse Ka Tembe afim de conhecer a comunidade e ver as ações de reforço escolar que eu implementava e que, de forma voluntária, oferecia às crianças.

Existia um trabalho a ser desenvolvido na comunidade de Ka Tembe, de modo a garantir que as crianças pudessem ter no mínimo o direito e a oportunidade de, através do reforço escolar que era garantido de modo voluntário pelo jovem NHUMAIO, escolher o rumo pra seguir na vida.

Escolha essa, que muito dos pais e encarregados de educação, não puderam ter, devido a vários fatores sociais, econômicos e políticos, que marcaram o passado daquela *Pérola do Índico*, e que por conta disso não permitiu com que houvesse essa possibilidade.

NHUMAIO, por sua vez, por ser até aquele período (2003), um dos poucos jovens da comunidade a conseguir adentrar no ensino superior, conta que se sentiu na responsabilidade e na obrigação de gerar algum retorno para comunidade. Já que, como vimos, muitos dos pais não tinham sequer o ensino primário, cenário esse que até então se verifica, claro que com alguns avanços.

Essa realidade na educação, sobretudo em Moçambique, se dão em parte, por alguns fatores, dentre eles um modelo em que a escola fechou as portas a ferro e aço para a realidade dos seus educandos. Acerca desta relação LOBO e NHÊZE *Apud* Viega Simão (2008, p.8) defendem que:

Numa sociedade cada vez mais aberta e complexa, existe uma insistência crescente para que a educação deva estar orientada para promover aptidões e competências e não só conhecimentos fechados ou técnicas programadas. Deste ponto de vista, ou seja, ao defender a necessidade de desenvolver essas competências e/ou capacidades abertas, temos de situar a aprendizagem estratégica que implica consciência, intencionalidade e controlo cognitivo no centro de todo o projeto educativo

---

<sup>20</sup> Pequena comunidade, situada no distrito municipal Ka Tembe.

Uma reestruturação ou reformulação no sistema educacional pode ser operado através de iniciativas como a do jovem NHUMAIO, através dessa construção e desconstrução, que se dão ao mesmo tempo, uma vez que, se geram reflexões a partir de dentro da própria comunidade para atender as necessidades e as demandas da comunidade e gerar maiores reflexões sobre os processos globais que começam pelo local, construindo de baixo para cima, pois esse mesmo processo, se mostra aberto, sobretudo na medida em que acompanha de perto as dinâmicas sociais que são produzidas no âmbito daquele meio social.

O exercício que estava acontecendo em *Xicuandarinha*, na verdade nos remete a voltar um pouco no tempo (1991), momento em que nasce o Bagunção em Salvador da Bahia (conforme dito em outra oportunidade neste trabalho), num contexto social-econômico muito crítico, mas que mesmo assim se propositou em possibilitar a inclusão e fazer com que o sujeito se encontre e encontre o seu caminho, através da música, dança, etc.

Enquanto que em *Xicuandarinha*, não muito diferente também, com seus problemas, sócio-econômicos, onde as condições de moradia eram quase semelhantes. Lembro-me que a única luz que chegava “pra todos” era da cidade das acácias que de noite refletiam as águas do Índico atravessando as mesmas para nos emprestar o seu clarear, mesmo que atarefado.

Lembro que saíamos ao pântano quando crianças, provavelmente entre os 8 á 9 anos de idade, admirávamos com a emoção de quem estava a ver as luzes pela primeira vez e sonhando com aquelas luzes multicoloridas dentro das nossas casas.

E da mesma forma, como nos Alagados, *Xicuandarinha* estava á margem do processo que acontecia na cidade das acácias, uma comunidade que sempre se sustentou através da pesca e da agricultura e que, por conta disso, muitos pais não conseguiam colocar seus filhos nas escolas.

#### 4.1 AS NOSSAS GENTES NO FUNDO SÃO TODAS PARENTES

Antes de começarmos aqui o nosso enredo é preciso que clarifiquemos á compreensão que temos e busquemos trabalhar acerca da categoria “parenta”, que acima nomeamos. Entendemos que parente diferente do que se limita a ligação por laços de consanguinidade ou de aliança pode também servir para classificar outras estruturas arranjadas e forjadas ou até que foram historicamente forçados á se desencontrar dos seus “familiares”.

Cabe ressaltar que para o presente estudo a categoria é usada para mostrar que através de alguns elementos e práticas culturais, religiosas, dentre outras aproximam esses

dois mundos, distantes geograficamente, mas próximos afetivamente Salvador e Ka Tembe, que são bastante próximas. Nesta perspectiva pode sim se servir dessa categoria instituída para justamente estreitar ainda mais essas duas realidades que, como veremos, em termos a culturais e religiões já tem a proximidade.

Existe em Moçambique, tal como na Bahia, uma riqueza cultural incomensurável, a qual vai se descobrindo aos poucos, sobretudo nesse processo recente de (re)escrita e re(construção) de uma história que á muito vestia trajes ocidentalizados.

Um aspecto em comum é fato de que, Ka Tembe, assim como Alagados que esteve ao longo da sua história á margem da metrópole, se encontrava á margem da capital Maputo, sendo que isso vai servir como um meio para que essas comunidades produzissem dinâmicas sociais, econômicas, culturais e políticas diferentes das cidades em que se encontram inseridas. Chegado um dado momento em que Ka Tembe, inclusive num ato “estranho” de autodefesa e de defesa dos seus direitos constituídos (saúde, educação, assistência social, emprego, etc.), se auto caricatura nessa sua ânsia de ser reconhecida e de reivindicar seus direitos.

Lembro-me que quando criança, entre 8(oito) á 10 (dez ) anos, ouvia muito as pessoas brincando, por exemplo, com á péssima qualidade do ensino que conta somente com uma única escola secundária (ensino médio, I e II grau) e uma escola técnica onde, até anos de 2005, muitas das crianças sentavam no chão para ter aulas, pois não haviam carteiras para sentarem-se, e eu fui uma delas.

Lembro-me que por volta de 2002,2003, logo após as cheias de 2000 que assolaram de forma devastadora a comunidade, e também o país num todo, boa parte das famílias foram abrigas na única escola que se encontrava dentro da comunidade, á **Escola Primária Completa do I e II Grau de Guaxene**. Por conta disso, tivemos que estudar, por um tempo, debaixo das árvores, com o quadro pregado sobre a frondosa mangueira. Quando chovia não tínhamos aulas.

A saúde também apresentava uma situação muito precária, já que somente se possuía até então um posto de saúde que fica muito distante da população, obrigando os moradores a percorrerem quilômetros e quilômetros de distância. Um único posto de saúde não consegue, nem se quer por vezes, atender o mínimo, das demandas apresentadas por uma comunidade com pouco mais de 30 mil habitantes.

E os mais velhos “brincavam” com tudo isso que acontecia, dizendo que “Ka Tembe se encontrava atrás do sol”, porque lá era o único lugar onde tudo chegava por último e,

geralmente, com menos qualidade se comparado a cidade, á saúde, educação, emprego, moradia, tudo que não se tinha e quando se tinha não eram de qualidade.

Essas e outras tantas questões vão servir para produzir uma dinâmica social diferente da cidade, assim como vimos anteriormente que se deu em Alagados.

Ka Tembe, assim como os Alagados, experimentou o processo de emigração, só que no caso concreto da Ka Tembe, essa emigração ultrapassava as fronteiras moçambicanas, visto que essa comunidade está localizada em um dos pontos estratégicos que facilita uma emigração ilegal, que tem seduzido, ao longo dos anos até os dias de hoje, muitos jovens a saírem em busca de melhores condições de vida na vizinha terra do rand<sup>21</sup>.

Alagados foi fruto desse processo também, da emigração de gerações de pessoas vindas de diferentes lugares do interior da Bahia em busca de melhores condições de vida na capital baiana, conforme destaca SOUZA (2013).

Outro aspecto que essas duas realidades distantes (geograficamente) vai compartilhar é essa marginalização e rotulação dos seus habitantes que tanto os moradores dos Alagados quanto os de Ka Tembe vivenciam. A sua estética era vinculada á estética do lugar, ao que o lugar era.

A preservação dos costumes da cultura africana, mesmo que em menor percentual, (embora ultimamente esteja a desaparecer com a morte das bibliotecas, entendidas aqui como as pessoas mais velhas que ensinavam aos mais novos).

Alguns vocábulos são compartilhados, comuns, no que se refere ao campo linguístico tradicional, a exemplo de: Tatana (em ronga, língua predominante na Ka Tembe) para se referir ao ancião, senhor, que também na Bahia (Tata, numa certa tradição... no caso na tradição religiosa Angola... e outra é Baba) é bastante usada, mais no contexto das religiões de matrizes africanas.

Ainda pensando na esfera cultural, maneira de se saudar/cumprimentar os mais velhos, que tradicionalmente (na zona sul de Maputo, incluindo Ka Tembe tradicional): ajoelhar e bater as palmas como que a invocar os espíritos dos antepassados, o vulgo *Thokosa*. Na Bahia (em particular em Salvador), chama-se *Paó*, também no âmbito de algumas religiões de matrizes africanas.

E, por fim, e não menos importante, as semelhanças culturais e sociais, desde aquelas que desvendam os problemas enfrentados nesses locais (Ka Tembe e Alagados/Salvador),

---

<sup>21</sup> Forma com á qual é chamada África do Sul, país vizinho de Moçambique que partilha inúmeras fronteiras terrestres (uma das quais fica a sensivelmente cerca de 85km da Ka Tembe) e que, por conta disso, a emigração ilegal tem sido muito forte entre esses dois países.

onde a maioria da população é desfavorecida, de baixa renda, com sérios problemas de alcoolismo, drogas, em suma, a delinquência juvenil é extremamente séria. Percebemos que existe um universo cheio de sonhos e que independentemente das condições que dispõem a busca de uma dignidade, é, sobretudo, construída através da produção das dinâmicas sociais, as quais continuam se sobressaindo, à medida que o tempo avança e as conquistas chegam.

#### 4.2 DE MÃOS DADAS PERCORRENDO A MESMA ESTRADA, GUIADOS POR DESEJOS/SONHOS COMUNS

O reforço escolar que vinha sendo garantido, por uma iniciativa voluntária, foi a forma mais eficaz achada por Benjamim para mudar um pouco a realidade de Ka Tembe, que deixava muito a desejar, conforme evidencia NHUMAIO, (Entrevista, 22/10/2016) no trecho abaixo:

Quando decidi dar o reforço escolar as crianças havia uma manifesta exclusão social às crianças da comunidade dado que a maioria dos jovens da minha geração desistiram muito cedo de estudar devido a diversos fatores: falta de condições, recurso ao trabalho infantil na pesca, imigração ilegal para a África do Sul, casamentos prematuros. Há que fazer menção que a comunidade sempre foi problemática, sendo que em toda a Ka Tembe poucos viam com bons olhos ou falavam bem da comunidade.

Os fatores econômicos e sociais são os que vão marcar o processo de exclusão e de consequente imigração, em busca de melhores condições de vida. Como estratégia, para reverter esse cenário, a adoção da prática pedagógica, a qual FREIRE (1967), defende que é capaz de libertar os homens, foi o caminho achado para propiciar uma visão de mundo, que ia muito além daquele lugar.

Sem políticas públicas que garantissem condições mínimas de sobrevivência, por parte do estado, percebemos, então, a não capacidade da comunidade em resolver os problemas de gravidez precoce, casamentos precoces, trabalhos infantis, isso tudo que vem se atrelando aos problemas de saúde, emprego, educação, etc.

Portanto, historicamente, alguns dos problemas recentes são frutos dos problemas que já vinham decorrendo há anos atrás. E isso contribuiu para criação dos estereótipos que Ka Tembe passou a enfrentar, ao longo desses anos.

NHUMAIO vai nos contar que somente através da educação seria possível, não de resolver os problemas de todas as crianças da comunidade, mas poderia dar a sua contribuição e garantir com que estas crianças, das quais faço parte, pois sou o filho dessa comunidade que

conviveu durante anos com muitos dos problemas que fora aqui em diferentes momentos citados, pudessem ter uma oportunidade de escolher ou construir o seu próprio destino. Ao que esse vai buscar destacar que:

Portanto, sempre acreditei desde o ensino primário (onde estudei com outros adolescentes com a condição social aceitável e em termos de aproveitamento pedagógico eu era bem melhor que eles) que era possível também que as crianças da minha comunidade se tivessem acompanhamento escolar poderiam triunfar, no entanto, eu devia servir como referência. Daí que “deixei” de cuidar de mim para partilhar e incentivar voluntariamente essa visão com as crianças proporcionando-lhes o reforço escolar numa perspectiva que chamaria de *brincando e aprendendo*. NHUMAIO (22/10/2016)

Na Ka Tembe a educação é da responsabilidade da comunidade num todo (coletivo), importa referir que essa lógica comunitária de mobilização e organização vai isentar pessoas (no singular), de um possível processo fracassado de educação. É uma lógica organizacional em que as pessoas são chamadas a dar sua contribuição em benefício de todos.

Mas foi a partir do retorno do intercâmbio que aconteceu em novembro do mesmo ano (2003) que NHUMAIO pode visitar o Bagunção na Bahia, onde pode ter um contato presencial com as ações desenvolvidas pelo Bagunção/BA.

Esse momento, que, segundo conta NHUMAIO, o inspira á articular uma possível parceria com o Bagunção/BA, no sentido de dá luz à experiência das ações desenvolvidas em Salvador, trabalhar no sentido de implementar uma estrutura igual, na Ka Tembe (Moçambique), conforme aparece no trecho que destaco abaixo:

O encontro com o Bagunção Brasil serviu como referência para a replicação do **Instituto Juvenil Bagunção** na medida em que o Bagunção Brasil era e é uma organização com créditos firmado e que o seu historial, principalmente o seu surgimento e o grupo alvo de beneficiários (crianças desfavorecidas) se assemelhava com a realidade das crianças que eu assistia na comunidade (Ka Tembe) que sofriam a exclusão social. Embora o ponto mais forte do Instituto Juvenil Bagunção fosse o reforço escolar aliado ao facto da comunidade se localizar numa **zona pantanosa**, oque permitiu que se explorasse esse fator, ocupando as crianças com a produção de objetos de barro, o que fez com fossemos convidados em várias ocasiões pelas estruturas administrativas locais. NHUMAIO (Entrevista, 22/10/2016)

A parceria afirmada gerou um impacto positivo nas ações desenvolvidas junto às crianças da comunidade. Em parte, essas ações despertaram atenção das estruturas do poder local, sendo que o reforço escolar só por si já apresentava resultados animadores, pois no início contava com cerca de 30 (trinta) crianças e adolescentes dentre 7 (sete) e 16 (dezesseis) anos. Após esse novo momento, em que acontecia essa abertura com outros enfoques, a

exemplo da produção de objetos com barro, outras crianças começaram de forma tímida aproximar-se do IJB, chegando a contabilizar cerca de 80 (oitenta) crianças e adolescentes, que buscavam as ações oferecidas pelo IJB, conforme os relatos de NHUMAIO.

A parceria inicial, portanto, permitiu com que houvesse essa expansão, sobretudo, entre as próprias crianças que engrossaram expressivamente as fileiras do IJB, dando dessa forma significado àquele trabalho de educação social. NHUMAIO nos fala que:

Depois de estabelecer a parceria, operaram-se várias transformações no projeto em Moçambique, na medida em que inicialmente, o projeto que desenvolvia tinha como foco o reforço escolar, sendo que ajudava algumas crianças na aquisição do material escolar, mas era algo insignificante e com a parceria conseguimos providenciar algumas peças de roupas, material escolar, livros infantis. Frequentar a escola passou a ser quase que obrigatória para todas as crianças, houve maior interação com os pais e encarregados de educação, ou seja, o projeto ganhou visibilidade e credibilidade. Tivemos acesso a título individual ou institucional participar em diversos fóruns. Contudo, o ponto mais alto foi a inspiração que tive para registrar formal e juridicamente o Instituto Juvenil Bagunção e posterior publicação no Boletim da República (BR), como forma de homenagear, ainda em vida, o fundador do Bagunção Brasil, Joselito Crispim. NHUMAIO (Entrevista, 22/10/2016)

As ações que até ontem aconteciam somente no quintal da casa do jovem NHUMAIO, que fica no interior *Xicuandarinha*, conquistaram certa visibilidade, sobretudo quando se falava que aquele projeto era uma extensão de outro que vinha acontecendo há 12 anos no Brasil, isso de certa forma contribuiu e muito para dá reconhecimento à promoção das ações do IJB, bem como, projetaram o próprio IJB.

A conexão com a comunidade revela a ânsia que esta tinha em ver, mesmo que muitos pais não tivessem, muito dos seus filhos com uma formação escolar, porém a falta de informação e instrução, dificultava a maioria dos casos, que esses pais e encarregados de educação pudessem conseguir tal feito. Portanto, com a chegada do IJB houve uma reviravolta, pois contribuindo de forma efetiva para a formação destas crianças e adolescentes, mudando aos poucos o cenário das altas taxas de “analfabetismo”.

O registro do IJB se deu, após uma longa e exaustiva luta contra a burocracia, que saiu cara nos primeiros anos para o IJB. Benjamim conta que depois de muito correr atrás só pode sair quatro (4) anos depois. Foi por volta de 2007 que finalmente se conseguiu o feito único e inédito de legalizar e conseguir com que fosse publicado no principal anal do país (BR). Isso seria impossível se não tivesse firmado essa parceria com o Bagunção/BA.

NHUMAIO sinaliza, no trecho a seguir, para algumas transformações que aconteceram, através dessa parceria:

Depois com a chegada do Bagunção houve viragem total. Primeiro, há que referir que coincidiu com a minha entrada para a faculdade, tendo sido o primeiro na comunidade a ingressar no ensino superior (mesmo sendo desfavorecido e não tendo condições) e em toda a Ka Tembe não passava de 7 pessoas com esse feito. Portanto, o Bagunção trouxe a visibilidade das ações que desenvolvíamos na comunidade, ou seja, a comunidade passou a ser visitada por pessoas que supostamente não mereciam entrar lá. NHUMAIO (Entrevista, 22/10/2016)

A chegada do Bagunção/BA serviu para projetar á comunidade e fez com que essa fosse vista (sendo que ao longo dos anos era muito invisibilizada), com um olhar diferente (mais positiva).

#### 4.3 DO GRITO FERVOROSO DAS LATAS, AO SILÊNCIO CONTAGIANTE DOS LIVROS

Diferente da configuração do Bagunção/BA o IJB centrou seus esforços para garantir que as crianças de *Xicuandarinha* que não conseguiam acender á escola pudessem fazer. E foi com esse papel de intervenção social junto à comunidade que vai alavancar ainda mais o IJB, como aponta NHUMAIO:

O Bagunção Moçambique, é a primeira organização juvenil a ser registada legalmente na Ka Tembe, do reforço escolar conseguimos com que quase a totalidade das crianças da comunidade tivessem acesso à escola; reconhecimento da importância escola pelos pais (antes era vista como perda de tempo, o melhor seria casar para menina e trabalhar para os rapazes); melhora significativamente a capacidade de leitura. Neste contexto, o ponto mais alto do reforço escolar é termos um beneficiário do projeto que hoje está a estudar fora do país, o que enche de orgulho o projeto em particular e a comunidade em geral. No que diz respeito à Saúde Sexual e Reprodutiva, houve redução ou quase eliminação de gravidezes e casamentos prematuros (quase que nenhuma criança do projeto ficou grávida) sendo que anteriormente as adolescentes até aos 14 anos, ou estavam casadas ou estavam grávidas. Através das ações do projeto neste âmbito, permitiu que cada criança desenhasse o seu projeto de vida, ou seja, sonhar com um futuro brilhante. No que diz respeito às TIC's, a maioria das crianças do projeto têm endereço electrónico e conta, maioritariamente no Facebook. NHUMAIO (Entrevista, 22/10/2016)

A grande conquista é com certeza á mudança que ocorre, sobretudo no que diz respeito á opinião que muitos pais (encarregados de educação) tinham acerca da escola, que é fruto por parte do processo histórico, que impossibilitou que a maioria deles (pais), não conseguisse estudar e por conta disso, não vinham relevância alguma em estudar, ou mandar os filhos á escola.

A também questão da pobreza que era muito marcante, pois muitos vão acreditar que a escola não iria fazer muita diferença nas suas vidas, enfim o destino foi muito cruel com boa

parte habitantes de *Xicuandarinha*, sobretudo logo após as cheias (2000), que mudariam, ainda mais o destino de muitos habitantes, pois boa parte deles, cerca de 2 (dois) anos depois ou mais, vão ganhar “moradias”, acerca de mais de 30km da comunidade, ficando longe da cidade e do mar (que é de onde, a maioria dos moradores tiravam o sustento diária, através da pesca artesanal).

A agricultura é uma prática bastante comum na Ka Tembe, sendo que cerca de 70% da população têm nela (agricultura familiar) e na pesca artesanal, o sustento das suas famílias, sendo também que, algumas mães solteiras ou viúvas, desempregadas, geram com a venda de verduras e hortaliças uma pequena renda que tem servido para o sustento dos seus filhos.

Tem garantido, no início de todos os anos letivos, a compra de uniformes e matérias escolares para os seus filhos, o mesmo acontece na pesca, que é uma atividade que normalmente envolve os esforços de todos (homens e mulheres – e crianças também), sendo que enquanto os homens vão ao mar buscar o pescado, as mulheres por sua vez comercializam. Portanto, essas dinâmicas e configuração social serão mais afetadas com as cheias e com ausência de políticas públicas, tal como apresentamos no caso dos Alagados.

Os casos de gravidez e casamentos precoces eram bastante elevados, a comunidade não tinha suporte social e metodológico para trabalhar com essas questões. O IJB vai nesse sentido, através de palestras e rodas de conversas (algo pouco comum por ali), internas e externas, fazer a conscientização no sentido de reverter os assustadores índices de casamentos e grávidas precoces, onde em média de meninas dentre 14 á 16 anos engravidavam e eram obrigadas a renunciar uma infância pouco e mal vivida, em detrimento de um lar, que para muitas das famílias era tido como uma “benção”, ou seja, ter uma filha casada.

Essa questão foi bastante problemática de se abordar, conforme lembra NHUMAIO, pois na medida em que buscávamos trabalhar com essas questões da sexualidade, que pela tradição local não são abordados abertamente, pois entendesse que se trata de algo íntimo e que deve ser preservado entre quatro paredes. Portanto, com um trabalho intenso e árduo, foi possível ao passar dos anos romper com alguns tabus.

No que refere-se à educação, os resultados foram e são mais marcantes. Afinal, o IJB conseguiu através de suas ações educacionais com que mais de 50 (cinquenta) crianças, num intervalo de dois (2) anos, entre 2007 a 2009, conseguissem ingressar na escola, e com mínimas condições para estudar. Tal como conta NHUMAIO, ao resgatar em sua memória, foi um feito grandioso, sobretudo para a imagem que IJB ganha com esses resultados, transpondo as fronteiras da nossa *Xicuandarinha*.

Lembro-me que com muito esforço e sacrifício sempre no início de todo ano letivo (entre janeiro e fevereiro), alguns pais (dos quais os meus fazem parte) conseguiam garantir, mesmo que muito caro, uma caixa de lápis de carvão, onde cada lápis era quebrado ao meio para gerar uma reserva em caso de perda ou mesmo de acabar antes do tempo, uma caixinha de lápis de cor (pra quem tinha condições um pouco melhor), e embalagem de até cadernos pequenos (cada um dos cadernos tinha até 80 páginas). Aprendemos desde cedo a fazer uma gestão equilibrada de modo a garantir que conseguíssemos no mínimo suportar o primeiro semestre.

Mochilas para botar os cadernos? Nem pensar, ia tudo nas mãos mesmo, correndo o risco de os cadernos caírem na lama (já que morava perto de uma zona muito pantanosa) e ou molhar em dias de chuva, fatos que vez ou outra aconteciam.

O interessante nisso tudo é que chegado à escola nós, mesmo tendo pouco material, compartilhávamos com os demais coleguinhas da turma, afinal era isso que o Benjamim vivia nos ensinando, que como ele mesmo dizia: “quem pouco reparte, sempre fica com a melhor parte”.

Já em fevereiro de 2009, em parceria com o Bagunçação/BA, o IJB conseguiu instalar a primeira internet aberta na comunidade, acompanhada com 2 (dois) computadores, inaugurando dessa forma a era digital naquele lugar, para que tivéssemos como acessar a uma série de notícias que estavam decorrendo em redor do mundo, bem como também, manter conectadas as crianças do IJB com as do Bagunçação/BA. Esse momento calhou com a oficina de filmagem e produção de vídeos no âmbito da TV Lata<sup>22</sup>, que foram em seguida amplamente divulgados na mídia nacional (moçambicana), como pontua NHUMAIO:

[...] na comunidade quando o Bagunçação implementou a TV Lata e toda a comunidade se fez presente e diversos convidados extra comunitários para assistirem os vídeos produzidos pelas crianças na oficina de vídeo. Também pela primeira a comunidade foi notícia porque algumas crianças saíram no jornal O País (o segundo jornal de maior circulação no país). Com o Bagunçação as crianças da comunidade se beneficiaram de diversos passeios e recepções de figuras públicas de Moçambique, presentes vindos do Brasil, o que crianças com condições sociais aceitáveis nunca tiveram. Ou seja, as crianças da comunidade fizeram uma ponte com crianças as crianças do Bahia. NHUMAIO (Entrevista, 22/10/2016)

---

<sup>22</sup> É uma experiência educativa, criativa e de comunicação com os jovens da comunidade de Alagados em Salvador de Bahia, Brasil. Os conteúdos publicados nessa televisão experimental – os textos, imagens, músicas e filmes- forma são criados pelos adolescentes e pelos colaboradores do projeto. O uso deste material é restringido aos alvos da educação. É um projeto desenvolvido pelo Bagunçação junto a Neokinok.tv, financiado pela Agência Espanhola de cooperação Internacional (Subvenção CAP) e com apoio da Embaixada Espanhola no Brasil.

**Imagem 3 - Oficina de filmagem****Imagem 4 - Oficina de filmagem com material reciclável**

Fonte: [http://www.tvlata.org/imprensa\\_o\\_pais\\_mz](http://www.tvlata.org/imprensa_o_pais_mz). Fonte: Arquivo pessoal de Joselito Crispim, 2016.

E foi sobre as lentes de uma câmera de lata que conseguimos (IJB) enxergar e nos aproximar um pouco mais da Bahia e do Bagunçação/BA.

Num segundo momento (2012), o IJB iria ganhar finalmente a menina dos seus/nossos olhos. Foi o momento em que a comunidade foi presenteada por uma Biblioteca apelidada de *Kaya Ka Mabuku*<sup>23</sup>, alias a primeira biblioteca aberta para comunidade toda, que funcionou a princípio numa das salas da casa do Benjamin.

Foi um dos momentos mais marcantes para todos (em particular pra mim), pois era o que nos faltava. Vale destacar aqui que já existia um centro no distrito (Ka Tembe), de biblioteca e internet, chamado Telecentro municipal de Ka Tembe, que era operado pelo conselho municipal de Maputo (o que seria prefeitura municipal aqui), mas que o acesso e os serviços eram destinados aos estudantes do Distrito como um todo, até que oferecia seus serviços como (xerox, impressão, encadernação, digitação, etc) à comunidade externa, mas a primazia era só para os que estudavam.

Esse foi sem dúvida um dos diferenciais da nossa biblioteca, que estava totalmente de portas abertas para receber a todos (crianças, jovens, adolescentes, adultos, enfim, todo mundo), quem se aproximava da nossa biblioteca encontrava ali algum livro para passar o tempo.

Joselito Crispim, Mariana Mello e Goli Guerreiro foram os que chegaram com a proposta de implantar a biblioteca dentro da comunidade, no âmbito de um projeto que havia

<sup>23</sup> Em português significa “Em casa dos Livros”.

sido aprovado através de um edital do Fundo de Cultura da Secretaria Estadual de Cultura do Estado da Bahia, o projeto, que foi apelidado de No Quintal de Vó Tembe<sup>24</sup>.

Dentre outras ações, o projeto também organizou intercâmbio sobre a produção cultural contemporânea entre os diferentes públicos do estado da Bahia e Moçambique. O projeto conseguiu oferecer palestras e oficinas que mostraram as experiências no âmbito da produção cultural contemporânea da Bahia e em Maputo.

JOSELITO CRISPIM nos contar a seguir como foi articulado esse momento que culminou na criação da biblioteca:

[...] uma receita fácil repetida, crianças negras, inquietas, cheias de curiosidades, vamos repetir a mesma receita, percussão! Não era, ate porque á história era outra, o menino já esta inserido na sua comunidade, seu contexto histórico esta completamente contado, na língua que ele fala, á língua dele é o grande tradutor da sua historia, [...] o menino do Bagunção/BA as vezes, [...] não se enxerga negro, não se enxerga índio, nem se enxerga favelado nem pobre, porque sua historia não foi contada, [...] e ele nem fala á língua, nem dele, nem do lugar que ele esta, [...], os meninos de Moçambique estavam anos luzes nesse sentido de dignidade ser, de individuo que é e que pertence, [...] de pertencimento e de seu lugar no mundo, e agente via que a grande busca daquela comunidade (*Xicuandarinha*), era conhecer um pouco mais do mundo (através da escola). Já que tava tudo resolvido, do ponto de vista do seu pertencimento, [...], da sua autoestima como ser. [...], então agente achava que ajudando na melhoria dessa relação, desse mundo local e tradicional com o mundo, [...], para que oportunizasse para aqueles meninos um aprendizado, [...] mesmo que ele viesse á ser um pescador como todos os outros foram da comunidade, mas ele entender o mundo e ate estar pronto para ter uma certa relação com o mundo, e alguns como exemplo do aluno que hoje temos em uma universidade federal Brasileira, vindo dessa comunidade pudessem extrapolar essa situação e adentrar no mundo profundo e vim estudar e seguir o seu caminho, [...], essa é uma escolha que cada um vai fazer, a partir das ferramentas que forma colocadas perto deles. (Joselito Crispim, Entrevista, 23/11/2016)

A projeção da biblioteca foi pensada justamente para propiciar aos meninos da comunidade que tivessem um contato mais profundo com outras realidades, outras culturas e acima de tudo, para que eles se encontrassem nesse mundo que não se limitava àquela pequena comunidade.

Inicialmente á biblioteca recebeu uma doação de um acervo de cerca de 40 (quarenta) títulos, dos quais á maioria abordava temáticas voltadas para a literatura e produção cultural Afro-brasileira.

---

<sup>24</sup> Em homenagem á avo do Benjamim e matriarca da casa, onde foi instalada a biblioteca e que, ao longo de quase 12 anos, vinha recebendo em sua casa (quintal), crianças da comunidade que buscavam ter o reforço escolar.

**Imagem 5** - Atividades das crianças no Kaya Kamabuku, Bagunção



Fonte: Arquivo pessoal de Joselito Crispim, 2016.

Isso foi muito importante para que muitas das crianças e, sobretudo, os adolescentes pudessem ter uma visão diferente, de outro Brasil, que geralmente não passava na TV.

Isso foi importante, na medida que serviu para romper esses estereótipos e estruturas hegemônicas que eram reproduzidas pelas novelas e os seriados “brasileiros”.

Foi através de ações como **Literatura com Guaraná** que conseguíamos estimular as crianças a lerem, já que a cultura da leitura não era bastante estimulada ali. **Literatura com Guaraná** funcionava mais ou menos assim: as crianças e os adolescentes pegavam um livro, o qual ficava em suas mãos durante um período de até uma semana e toda sexta feira aconteciam rodas de conversas com distribuição de guaraná no final para crianças e adolescentes, para compartilhar o que eles haviam entendido das leituras. Obtiveram-se resultados bastante animadores e isso serviu de estímulo para continuar, afinal: “Aqueles que não conhecem a história estão fadados a repeti-la.” Edmund Burke, ano.

## 5 CAPÍTULO IV: PEDAGOGIA DA AFETIVIDADE: CUIDAR DO OUTRO É CUIDAR DE MIM, CUIDAR DE MIM É CUIDAR DO MUNDO<sup>25</sup>

*Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos. (Paulo Freire)*

**Imagem 6 - Apresentação da Banda Bagunçaço/BA**



Fonte: Arquivo do Bagunçaço

O processo educacional é resultado de experiências vividas ou transmitidas entre diferentes gerações. Servindo de alicerce para a socialização e ambientação do sujeito enquanto um ser social.

PAULO FREIRE na reflexão acima que tomo de empréstimo para epigrafe deste capítulo aponta para o fato de que a educação é igualmente uma forma que permite com que haja uma desalienação do homem. Dentre outras questões, ele vai apontar para a necessidade da não conformidade por parte dos sujeitos com o sistema que, ao invés dos libertar, pode igualmente os aprisionar.

Viver em uma democracia em si, essa que, por sua vez, nos permite com que haja “liberdade” de “ir e vir”, num circular de ideias e construções de novos conceitos e que se espera, por conseguinte, que por outro lado, possa vir a garantir á liberdade e a criatividade

<sup>25</sup> Extraído da música *Ainda há tempo*, composição de Ray Lima.

propriamente dita ao homem. O conformismo tem que padecer da inquietação que gera ou que é gerada, pela busca da compressão do homem enquanto sujeito-autor da sua própria história, construindo-a por si só, e para si.

De certo modo a busca pela construção da sua identidade é que vai nortear não somente a sua liberdade, que se encontra condicionada a uma visão unitária, totalitarista, restrita e limitadora de um único sujeito, que é apresentado por esse modelo (democrático) já carcomido, mas como também vai gerar a força motriz para a não alienação do homem para homem.

Conforme BISCARRA (2012, P. 8), atribui à sociedade num todo, o caráter de um dos principais agentes no que se refere ao equilíbrio afetivo do sujeito, sobretudo da criança. E não menos importante, a escola como sendo essa o principal espaço que deve gerar uma força maior na vida dos seus educandos.

As crianças que são em parte, quando inseridos nesse contexto (escolar), potenciais agentes da construção de uma estrutura que os permite, dentre outras coisas, questionar o “dado”, bem como também a desconstrução de uma estrutura que, muitas das vezes, é socialmente herdada, na medida em que limita o poder crítico dos seus aprendizes.

É possível através da própria realidade social do sujeito desconstruir essa estrutura de ensino “congelada no tempo”, que não permite muitas vezes que haja uma mobilidade no sentido de abrir novos horizontes. Isso pode ser percebido isso, sobretudo, quando vamos enxergar para as ações sociais, os projetos sociais, suas ações, suas práticas, que buscam trabalhar e se reinventar no sentido de acompanhar as dinâmicas sociais que estão diretamente ligadas ao sujeito no seu dia-a-dia.

Para tal é preciso que os educadores sociais, possam abrir mão do seu *status quo*, e permitir com que haja uma “apropriação” por parte dos seus educandos do protagonismo, que deve ser compartilhado entre ambos os lados (educadores e educandos), isso numa lógica de reaproveitamento, ou seja, readaptação dos distintos e potenciais capitais que cada um traz consigo.

E é justamente a partir da própria realidade do sujeito que não somente vai se garantir uma maior geração da interação com os métodos pedagógicos aplicados nas escolas e nos projetos e ações sociais, como também vai se permitir uma massiva intervenção ou participação direta dos educandos, através de suas experiências, e que não devem sob hipótese alguma serem descartadas.

Pois é a partir destas que os educadores vão não somente garantir a apreensão da atenção dos seus educandos pra si, como também, através desse método, ser bastante eficaz,

buscar romper essa estrutura que há muito vem sendo reproduzida nos espaços de produção do conhecimento seja ele qual for. E vamos ver que isso também configura-se enquanto uma educação e formação mais humana e humanizadora.

Ainda em diálogo com os ensinamentos de FREIRE (1994, p. 26), que nos diz que “quanto mais controlam os oprimidos, mais os transformam em ‘coisas’, em algo que é como se fosse inanimado”. A luz dessa concepção Freiriana, que nos mostra que cerar a oportunidade dos educandos de se sentirem emponderados em gerar reflexões e igualmente, de poderem compartilhar e trocarem suas experiências com seus educadores é oprimi-los, é, sobretudo, ao invés de criar um campo de diálogo construtivo e enriquecedor, de criarem postos fronteiriços. E que, ao invés de agregar, irão segregar, menosprezando o potencial intelectual dos educandos.

FREIRE (1994, p. 26) segue afirmando que, “Os oprimidos, como objetos, como quase “coisas”, não têm finalidades. As suas, são as finalidades que lhes prescrevem os opressores”. Portanto, fora a propagação de uma única visão totalitarista e universalista, ocorre como podemos constatar essa exclusão, ao qual podemos aqui chamar de **morte dos saberes**, na medida em que, reduz, ou melhor, anula a contribuição destes, ou pior ainda provoca uma depreciação sistemática do conhecimento que estes (educandos) têm.

Isso que pode vir a afetar a autoestima dos educandos, na medida em que este vai internalizar que ele é apenas um mero espectador e não colaborador na produção dessa dinâmica de aprendizagem. O que vai fazer com que, inclusive exista certo desinteresse por parte destes (educandos), em aprender.

A importância da sociedade nesse aspecto é de longe indispensável para que junto com a escola e outros espaços, que cujo, sua missão é de educar e contribuir na formação de uma sociedade mais humanizada, aperfeiçoarem mutuamente, os métodos que garantam resultados satisfatórios, e também, para que justamente seja capaz de nortear os caminhos que á escola, e outros múltiplos espaços fora dessa estrutura tradicional de formação do sujeito, também através de suas *práxis*, buscam garantir, a sua contribuição na implementação de uma educação e formação mais humana.

Conforme BISCARRA (2012, p.8) “Muitas vezes, crianças que apresentam distúrbios ou reações inadequadas têm origem na severidade ou rudez do professor.” Existe uma contradição, no que a autora vai nos apresentar, pois se de um lado, ela vai defender que á sociedade é num todo um dos principais responsáveis, pelo equilíbrio afetivo do sujeito (adulto) e também da criança, aqui ela mostra que, no contexto escolar, os distúrbios são frutos de posturas severas do (a) professor (ra).

A partir dessas duas colocações que a autora faz, podemos abrir um campo para justamente tentar mostrar que a sociedade muito antes da escola é a responsável pela educação dos sujeitos e que a educação dela diretamente vai ter certa repercussão na aplicada na escola. Um exemplo banal disso são os episódios de violência que ocorreram nas escolas públicas em Moçambique, mas que também poderiam ter ocorrido em qualquer outro lugar, onde a história desses lugares está ou foi ligada a todo processo de guerras e resistências.

Segundo CIPRIANO (2016), em uma reportagem concedida ao jornal Moçambicano, **O País**<sup>26</sup>, aonde este vai dizer que:

Que tipo de sociedade nós temos? A nossa sociedade é melhor que a nossa escola? Se for melhor, temos razão de reclamar da escola, mas se não for, então primeiro deve ser feito um trabalho de educação social nas comunidades. (...) uma sociedade violenta não pode gerar pessoas menos violentas. A violência nas escolas é reflexo da sociedade em que vivemos. (...) A lógica mercadológica que orienta os processos escolares deveria ser substituída por uma lógica de cidadania. As nossas escolas estão a formar as pessoas apenas para uma cidadania mercadológica e isto é muito perigoso. Daqui a 10, 15 anos vamos olhar para trás e perceber que apenas formamos pessoas competitivas, mas não formamos pessoas solidárias.

A questão da violência nas escolas, a qual vem se fazendo alusão é muito seria. Ela é um fenômeno que vem massivamente preocupando as comunidades escolares, sobretudo naqueles países que tem um passado de conflitos político-militar, guerras étnicas, guerras civis, enfim, altos índices de criminalidade, tráfico e consumo de drogas.

Porem, por outro lado, se a sociedade ela é a principal responsável pela efetivação de uma educação social mais humanizada, vemos também a necessidade de chamarmos a responsabilidade do papel do estado para com a sociedade, que vai passar por, salvaguardar e garantir o bem estar social. Entendemos aqui que esse bem estar social significa entre outras tantas coisas garantir uma educação social dos homens e mulheres crianças e jovens. A partir daí, podemos já com um olhar minucioso analisar ao fundo as responsabilidades e atribuições de cada um.

A família e a sociedade no geral têm por obrigação garantir uma educação mais humanizada, e que a escola e outras instituições do estado, cujo objetivo seja igualmente esse (educar) por sua vez, tem por obrigação como legítima representante do estado e das suas políticas públicas para o melhoramento da vida da sociedade, garantir a continuidade desse processo, que ao nosso entender começa, bem antes do contato do sujeito com esses lugares de educação formal.

---

<sup>26</sup> Disponível em: <http://opais.sapo.mz/index.php/sociedade/45-sociedade/41967-violencia-nas-escolas-e-reflexo-da-sociedade-em-que-vivemos-antonio-cipriano.html>. Acessado em, 26/10 /2016.

A vulnerabilidade social das comunidades marginalizadas é o reflexo da ausência e ou da omissão deletéria<sup>27</sup> de políticas de estado, para com a população, no sentido de reverter tal cenário, assim sendo, podemos afirmar que o problema, por exemplo, de crianças nas ruas é do Estado. Pois quando o estado é omissor, quanto às políticas de amparo social, vai gerar uma crise social, em todas as esferas públicas, e de prestação de serviços básicos (educação, saúde, segurança, etc.).

Inclusive impactando na educação social, pois primeiro somente ao estado cabe ou pelo menos, assim deveria ser, salvaguardar os direitos de todas as pessoas.

Visto que muitas das crianças, adolescentes e jovens dessas comunidades acabam sendo seduzidos pelo caminho “fácil” de se conseguir, aquilo que eles tanto anseiam, mas que devido às condições precárias, não podem ter.

Importante neste caso, destacar o papel que as ONG's, assim como os projetos de intervenção social, nas variadas esferas da vida social, criadas e geridas por agentes dessas mesmas comunidades ou não, vão ter, no sentido de dar, não somente uma oportunidade de estas crianças, adolescentes e jovens, de poder fazer uma nova escolha, de um novo rumo com menos percalços a seguir em suas vidas. Assim como, devolver á esperança de uma vida melhor á muitas dessas crianças, adolescentes e jovens que são apenas mais vítimas das desigualdades sociais.

O projeto Bagunção se encaixa exatamente nesse perfil, pois através das suas múltiplas ações de intervenção social direta busca junto à comunidade, tendo como seu potencial público, as crianças, os adolescentes e jovens que, através dessas mesmas ações, conseguem gerar análises e reflexões críticas dos inúmeros problemas sociais que afetam aquele bairro, que como demostrei no capítulo inicial, são frutos de um processo histórico que vem se estendendo por longos períodos.

O projeto se sustenta acreditando que é sim possível, em meio a tantas dificuldades, ajudar muitas crianças, adolescentes e jovens a achar, ou melhor, a construir seu próprio caminho, uma caminho de maiores oportunidades, realizações e bem estar.

CRISPIM (2011) em uma reportagem à Onda Cidadã<sup>28</sup> afirma que: “nunca você esta ajudando ninguém, nem fazendo nada por ninguém, sempre você esta fazendo algo por você.”

Para FREIRE (1996), por exemplo:

---

<sup>27</sup> Segundo o dicionário informal significa Aquele que é prejudicial ou danifica. <http://www.dicionarioinformal.com.br/delet%C3%A9ria/> Acessado em 06/11/2016

<sup>28</sup> Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/explore/canal/detalhe/videocast-onda-cidada-joselito-crispim-grupo-cultural-baguncaco/>. Acessado em 26/10/ 2016.

Não há docência sem deiscência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto.

Por uma educação mais humana e humanizadora, FREIRE propôs que não se deixem de lado as subjetividades, visto que elas é que vão constituir essa riqueza que só acontece, justamente com a interação, de ideias e conceitos que são construídos através, de trocas recíprocas de experiências, sem se estabelecer relações de hierarquias.

A maior riqueza do processo educativo é o seu caráter de construção contínua. Com isso percebemos então que esse processo vai se constituir, primeiro de uma visão crítica aos modelos “acabados”, que vão exatamente no sentido de consolidar a hegemonia de um único pensamento tido como hegemônico e superior em detrimento dos outros. Daí que se deve atentar ao fato de cuidadosamente ter certa sensibilidade para construir coletivamente metodologias ou conhecimentos que vão também servir para tirar o “outro” dessa condição de objeto, que também é uma construção desse sistema opressor e hegemônico.

FREIRE (1996), vai defender que: “Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar.” O ensinamento é fruto do aprendizado, logo sem o aprendizado não pode existir o ensinamento, até porque a pessoa só ensina o que aprende.

Assim sendo, enxergamos aqui a necessidade inclusive de se reconhecer que as dinâmicas do ensino e aprendizagem não podem estar fechadas nas mentes dos mesmos sujeitos, sob pena, destes não acompanharem, sobretudo as mudanças dos processos sócias, históricos e culturais que são construídos justamente através dessas experiências e narrativas que, por vezes, são engolidas por um sistema que só almeja se manter hegemônico, sem dar espaço á essas vozes que querem dizer e querem ouvir.

ALVES (2004) defende que:

O aluno é, assim, o verdadeiro sujeito do currículo - não um instrumento ou um mero destinatário do currículo. Os professores não estão no centro da vida escolar, não são o sol do sistema curricular. Estão, relativamente às crianças, em permanente movimento de translação e circunvolução, procurando acompanhar, orientar e reforçar o percurso de aprendizagem e de desenvolvimento pessoal e social de cada aluno.

O alvo do educador é o educando. O educador deve ser capaz de auxiliar o educando na busca pela construção do seu próprio currículo, daí que, verifica-se a importância da construção mútua entre as duas partes.

A importância da construção coletiva de um currículo pode trazer resultados imediatos ou não. Tudo depende da medida em que se estimula a produção coletiva, sobretudo, por parte dos educadores que neste processo devem ser os protagonistas na articulação como mediadores dessa dinâmica construtiva a se estabelecer entre os educadores e educandos.

A partir daí, pode-se inclusive, a depender do grau do estímulo, verem-se precisamente a partir dessa construção coletiva, que o educando será capaz de por si só gerar novas análises e reflexões, produzindo novos conhecimentos e superando dificuldades e adversidades, mesmo sem o educador por perto, para auxiliá-lo.

Portanto, é como uma espécie de preparo do qual o educando vai adquirindo para transformar ainda sua realidade, em seu contexto social, seja qual for este.

O Bagunço e tantos outros projetos sociais implantados em Alagados, vão buscar, através de diferentes metodologias de trabalho, conscientizar e estimular a reflexão sobre o seu contexto social, em que muitos (as) desses/as jovens e crianças se encontravam.

Geralmente muitas das propostas pedagógicas dos projetos sociais buscam através de certa apropriação tirar muitas crianças da margem da sociedade e reinseri-los. Tal como vai defender, BARBOSA (2007, p.47),

a educação está sempre ligada a um determinado projeto político e a uma concepção de vida. Logo a educação é um dos meios para levar os indivíduos a conhecer sua realidade e a transformá-la. A proposta pedagógica dos projetos demonstra claramente que educar se constitui em uma busca a partir da 'apropriação de saberes', socialmente acumulados por uma determinada comunidade.

Potencializar muitas dessas práticas de educação comunitária e ações pedagógicas concretas é talvez de longe a melhor estratégia de emancipação e capacitação dos novos agentes transformadores.

Pensar uma metodologia de agregar e trabalhar conjuntamente os saberes construídos localmente com outros saberes produzidos em outros espaços torna-se talvez num novo modelo de transformação que construído poderá ajudar não somente a transformar a realidade local, como também ajudar as escolas públicas que como aponta BARBOSA (2007, p.47),

enquanto formação humana capaz de alimentar as necessidades da realidade de cada sujeito, visto que a escola pública não consegue atender as principais demandas presentes dentro e fora do contexto escolar. Para que a escola consiga dar conta dessas necessidades é preciso levar em consideração as percepções e aspectos culturais, sócias, históricos e educacionais que estão presente dentro e fora do contexto escolar. Daí a necessidade da criação de uma pratica pedagógica fundamentada nos diversos valores étnicos presentes na comunidade.

As escolas públicas ou de “formação formal” começam de um tempo pra cá (2001-2012), que é período em que frequentei em Moçambique, e por isso testemunho que tem demonstrar as suas fragilidades ao não conseguirem trabalhar, em suas metodologias pedagógicas com os valores comunitários que muitos dos seus educandos carregam para as salas de aulas.

Existe um perigo em uma escola “jogar pra o alto”, um todo capital cultural, social, intelectual e simbólico que os educandos geralmente carregam de dentro das suas comunidades para dentro das salas de aulas.

O papel da escola ou de qualquer instituição cujo objetivo é formar e transformar, e BARBOSA (2007, p.47) aponta ainda para essa direção também que é de justamente ser capaz em meio a essa capacitação e ou formação, alimentar as necessidades da realidade de cada sujeito. E que, por conseguinte, para que as escolas sejam capazes de lidar com essas necessidades precisam criar práticas pedagógicas fundamentadas nos múltiplos valores étnicos, presentes nas comunidades.

É nas propostas pedagógicas dos projetos de intervenção social, onde observamos uma maior preocupação em se trabalhar a partir da realidade dos educandos, por isso, inclusive, muita das vezes, esses projetos se encontram situados (localizados) dentro das próprias comunidades, isso para acompanhar, de perto o dia-a-dia dessas crianças, adolescentes e jovens.

Mais a frente, notamos a menção que Barbosa busca mostrar sobre o impacto dos resultados gerados pelos projetos sociais em Novos Alagados, quando, por exemplo, BARBOSA (2007, p.55) destaca que:

A prática pedagógica dos projetos sociais tem levado os jovens a enxergar regiões como o Boiadeiro, Cabrito de Baixo, São Bartolomeu, etc., lugares sempre estigmatizadas como locais de violência e criminalidade de forma mais crítica. Os projetos sociais [...] deram prioridade nas práticas adotadas com os jovens na construção de estímulos e reflexões sobre suas vidas. A grande descoberta na vida desses jovens é poder re-construir suas vidas e pensar nas possibilidades de um futuro melhor.

Sendo ações que visam formar recursos humanos capazes de contribuir positivamente na transformação de suas localidades, vemos, portanto, uma necessidade de se construir afetivamente métodos capazes de gerar um impacto imediato aos jovens e que esse impacto possa surtir efeitos na própria comunidade a pertencem esses jovens.

Não só como uma forma de retorno á comunidade, mas como mais uma forma também de amadurecimento dos próprios jovens como futuros potenciais, recursos humanos que vão reconstruir também o futuro de muitos outros adolescentes que também nascem ou nascerão na mesma comunidade.

Dai inclusive a necessidade de levar em consideração nos projetos educativos e produção do conhecimento as dimensões do espaço físico, do território como um potencial construtor de uma identidade que, ao passar dos anos, torna-se afetivamente e efetivamente em um lugar de pertencimento e não mais de moradia, fazendo com que muitos dos jovens possam aprender a partir de dentro da própria comunidade.

Por ora, vale reafirmar o que estamos traçando até o momento nas linhas deste capítulo, de que muitos dos projetos sociais buscam cumprir o papel de contribuir para uma educação social mais humana.

Os projetos sociais são eles que, a partir de dentro da própria comunidade, melhor desempenham e desempenham esse papel de contribuir para uma educação mais ampla dos sujeitos sociais, no sentido de transformar o contexto social local em que se inserem, a despeito dos muitos obstáculos que vivenciam para se manterem atuantes.

## 5.1 O QUE SE CONTA É O QUE SE VIVE

Apostar em uma educação e formação afetiva e norteada pela realidade dos próprios educandos é o que os (educandos) dá maior liberdade de circular entre esse ciclo de autoprodução de suas próprias ideias e reflexões, é também uma forma de garantir, não somente uma maior interação entre os educandos e o educador, mas como também, assegurar resultados satisfatórios que são fruto desse vínculo afetiva, estabelecido entre ambos.

Durante as entrevistas realizadas para o presente trabalho foi possível através dos relatos percebe que os educandos, sobretudo os mais novos, sentem e tem falta do afeto e atenção dos seus pais e professores, e que por consequência disso, eles buscam refúgio no Bagunçação, sendo que esse “refúgio” poderia ser em qualquer outro lugar, onde eles fossem tratados como prioridade e não como mais um, sem a devida atenção e acompanhamento.

A ausência ou fraca demonstração do afeto e do carinho gera comportamentos, um tanto quanto, preocupantes, sobretudo, quando muitos deles, não recebem esse amparo afetivo em suas famílias, que é no mínimo algo que se espera dessa estrutura primaria para a materialização e demonstração do afeto. Isso acaba que impactando diretamente no cognitivo e no aprendizado de muitos.

Importa destacar aqui a importância desse momento do trabalho (pesquisa) no campo, pois é através dele que pude construir uma ponte entre os conhecimentos teóricos e práticos, ajudando a gerar reflexões que apontem para outras perspectivas de mudança do modelo de ensino engessado, com o qual temos nos confrontados.

Um pouco nessa linha que vamos ver e perceber a importância que algumas das narrativas coletadas, que são na verdade histórias de vidas que, segundo SILVA *Apud* ANTONIO (2013, p.40) aponta para o fato de a história de vida ser uma narrativa produzida pelo sujeito que vivencia a história que é onde, segundo a autora, através de múltiplos fatores, desde os de ordem pessoal, familiar, cultural e social, construir uma história que também constituir a identidade que se forja através das experiências do vivido.

Conforme defende SOUZA (2013, p. 2), “a importância da narrativa oral nascida dos relatos de vida ganhou lugar; ocorrendo o mesmo, posteriormente, com aquelas narrativas constituídas através de outras formas de relatos, dentre os quais os visuais.” As dimensões das narrativas na construção de um enredo de memórias é extremamente vital, sobretudo para acompanhar os processos de transformação que ocorrem com o uso da memória tanto a visual como oral.

Ainda nas linhas das reflexões de SOUZA (2013, p. 3), “A memória de uma pessoa, por mais individual que seja, perpassa diferentes lugares e memórias que são construídas a partir de vivências semelhantes e ou partilhadas, porém com perspectivas diferenciadas.”. A memória pode ser coletiva ou individual, tudo depende da construção da mesma, sendo que ela se torna coletiva, quando, sobretudo é compartilhada tanto com quem a viveu individualmente como pelos quais a compartilham coletivamente.

Nas entrevistas feitas com os educandos do Bagunção foi possível entre outras questões pontuar e fazer uma ponte entre os seus discursos, suas experiências de vida e também suas memórias com as minhas experiências de vidas ou vividas.

Isso que serviu para revelar que o discurso que se produz ou a história que geralmente se conta a partir de um lugar só é possível em parte por causa dos variados fatores naturais, sociais, culturais, políticos e econômicos. Exemplo disso foi quando em dado momento Maguiguana<sup>29</sup>, quando perguntado, na entrevista ocorrida no dia 10/10/2016, disse:

---

<sup>29</sup> No lugar dos nomes verídicos dos entrevistados, usamos nomes de alguns dos heróis dos antigos impérios Moçambicanos, visto que alguns, por alguma razão que não cabe discursão aqui, optaram por não referir seus nomes.

**Eu:** porque, você passa mais tempo no Bagunção e não em casa?

**Maguiguana:** porque em casa, em casa não tem computador, aqui tem! Em casa não tem parque pra brincar, aqui tem! Em casa não pode jogar bola, aqui pode! Bucado de coisa que em casa não pode fazer, mas que aqui pode fazer, entendeu!? [...] E também aqui agente acha alguém para jogar a bola e brincar, em casa não.

Muitos adolescentes e crianças buscam esses espaços (Bagunção) para poder não somente ter uma atenção e um processo de educação que não os exclua, enquanto alvos dessa construção, como também, para poder ter acesso alguns serviços e bens, que por um motivo ou por outro em suas casas não tem.

Não distante do que era minha realidade há sensivelmente sete anos atrás, quando, por exemplo, tive o primeiro contato com um computador, uma bicicleta, oferecidos pelo Bagunção, que nos ensinou que aqueles bens eram do uso coletivo, assim como o cuidado dos mesmos, plantando em nós desde cedo o espírito de solidariedade e de responsabilidade, ou seja, as virtudes e os valores, que geralmente aprendemos em casa, nos eram reforçados no Bagunção.

Voltando um pouco ainda na questão que se refere á memória, onde podemos pontuar outro aspecto que é o uso da memória para construção de um discurso que, segundo SILVA (2013, p. 40) nos possibilita enxergar a importância do relato de vida como sendo uma técnica que permite a qualquer pesquisador trabalhar na produção de um discurso.

Saber trabalhar com a especificidade de cada sujeito, em um lugar de múltiplas personalidades, é de longe um obstáculo, que vem se colocando á muitos educadores. Pois, na maioria das vezes, o que essas crianças, adolescentes e jovens, buscam em espaços como o Bagunção são essa atenção e compreensão que eles não têm em casa e muito menos na escola. Muitas dos adolescentes e jovens entrevistados, durante á pesquisa, contam que chegaram ao projeto através de amigos e ou parentes, sobretudo irmãos mais velhos que já frequentavam.

O mais curioso a destacar nesse fato é, por exemplo, como muitos dos projetos sociais por vezes conseguem atrair diferentes gerações das mesmas famílias, onde irmãos, tios, sobrinhos, primos se cruzam nesses lugares, partilhando o mesmo espaço, as mesmas construções e desconstruções e fortalecendo ainda mais a imagem desses espaços, que dessa forma selam á sua parceria com a própria comunidade. Este é um indicador do potencial transformador que os projetos sociais e ONG'S têm exercido.

Vemos também, por outro lado, que muitos pais e mães acabam que confiando ainda mais á educação cívica e a formação dos seus filhos a estes espaços alternativos de produção do saber e de uma formação mais humana, que se constrói a partir das próprias ideias de

mundo, de quem se pretende formar. Até por conta do próprio diálogo entre esses lugares e as famílias que geralmente tem sido um pouco mais prático, comparado com a escola.

No entanto, percebemos que ainda é um enorme desafio, por exemplo, a instituição de um modelo de educação ou de aprendizagem mais humanizado quando se tem modelos acabados.

Isso não passa do que Freire aponta quando nos diz que: “O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca.”. (FREIRE, 1994, p.34)

Durante as entrevistas a questão do pertencimento e apropriação do espaço e das ações do Bagunção foi um tema bastante evidenciado, nos revelando em parte as inúmeras restrições que muitos dos adolescentes, sobretudo, tinham tanto em casa como na escola.

Tanto os educandos que participam atualmente das ações do Bagunção quanto os que por lá passaram um dia afirmaram se sentir mais a vontade no Bagunção do que na escola. Cujo motivo seria, entre outras questões o *bullying* e todos os tipos de preconceitos que ocorrem, sobretudo em escolas pública que é onde muitas dessas crianças e adolescentes frequentam. Mas, se comparado com o Bagunção, a situação era diferente, pois ali, todos eram ensinados, como podemos ver destacado no relato do *Mudungazi*: “todos os dias á respeitar o outro, suas diferenças e conviver harmoniosamente sem chacota, diferente da escola onde nem sempre o professor está por perto para reprimir, entendeu?”. (Entrevista realizada em 10/10/2016)

A construção dos valores morais e éticos é uma aposta, a fim de garantir, com que na re(inserção) ou re(integração) social dessas crianças, adolescentes e jovens, eles sejam norteados por esses valores, que são essências, para uma sociedade mais humana.

Nem sempre a escola consegue acompanhar de perto, situações de conflitos entre os próprios educandos, pois muitos desses, por vezes não falam, eles se fecham, por algum medo e ou vergonha, suponho que com um acompanhamento mais afetivo isso talvez superado.

A análise das entrevistas foi possível ver também que, por de trás do discurso de pertencimento e do protagonismo, que muitos entrevistados evocavam, escondiam na realidade certa ausência de protagonismo, sobretudo na participação na produção de dinâmicas pedagógicas que aconteciam no Bagunção, mas, por exemplo, não aconteciam em casa e muito menos na escola, onde as regras são fixas e um tanto quanto rígidas, por esse lado, na medida em que eles não vão primar em dar essa liberdade, e ou assumir esse “risco”,

em deixar sob a responsabilidade de um adolescente ou de uma criança a criação da sua própria dinâmica pedagógica por exemplo.

FREIRE (1994, p. 35) defende, por exemplo, que:

Um educador humanista, [...] deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido da doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença dos homens. Crença no seu poder criador. Isto tudo exige dele que seja um companheiro dos educandos, em suas relações com estes.

Pois, somente o sujeito vai aprender quando o assunto que lhe é ensinado o afetar. Tal como vão apontar SIQUEIRA e NETO *Apud* CUNHA (2011, p. 6)

Há professores – mesmo com pouquíssimos recursos – que afetam tanto que são capazes de transformar suas aulas em dínamos de inteligências, mesmo recitando o catálogo telefônico. Pode ser um exagero usar o catálogo como metáfora, mas na verdade, em nossa memória, o que mais conservamos são as coisas que nos afetam, para o bem ou para o mal.

Não importa as condições materiais que um educador disponha ou não, importa como ele vai, metodologicamente, trabalhar no sentido de em sintonia interagir com os seus alunos. Porém, cabe ressaltar que a verdadeira interação ou cumplicidade se assim quisermos colocar, entre os educandos e o educador, nasce basicamente dessa iniciativa que o educador deve tomar para que possa interagir com os educandos.

E que, por conseguinte, estes (educandos) possam se entrosar com os conteúdos como também o processo de construção dos mesmos, pois, presume-se que só assim será possível fazer com que os educandos sintam prazer em construir, um saber com o rosto da sua realidade.

Percebemos que existe uma preocupação com o futuro. Muitos dos educandos firmaram que a principal meta, no Bagunção, era entre outras coisas, construir o seu próprio caminho, seja através dos estudos ou da música. Tendo como referências outros jovens que já passaram pelo Bagunção e que conseguiram se projetar na vida através do Bagunção.

A preocupação com o futuro, em parte é movido pelos métodos pedagógicos utilizados que estão interligados entre o conhecimento teórico e o prático.

Tocar algum tipo de instrumento garante, por exemplo, que muitos desses adolescentes possam sair dali com pelo menos um conhecimento (arte). Vendo desse jeito nesses tipos de oportunidades uma janela para o sucesso e ou oportunidade de um futuro melhor.

O Bagunção tem promovido intercâmbios culturais com adolescentes e jovens de outras partes do mundo, que consistem basicamente em jovens de outros países passarem uma temporada no Bagunção, convivendo com os educandos do projeto e da comunidade, onde esses educandos do Bagunção abrem as portas de suas casas para receber esses jovens, interagindo e permitindo com que haja essa troca recíproca de experiências.

A importância desse tipo de experiência se revela quando, sobretudo, esses mesmos educandos começam a expandir os seus horizontes e sonham em conhecer o mundo lá fora, como também se descobrindo e aprendendo a valorizar suas próprias culturas e origens, que só uma educação que privilegie a realidade e as experiências de quem se pretende educar, poderá proporcionar esse tipo de experiências.

## 5.2 DE ONDE VIEMOS, PARA ONDE VAMOS...

Passado já quase vinte e cinco anos de existência, o projeto Bagunção viveu sucessivos momentos de formações e transformações, o que demandou igualmente sucessivas readaptações no sentido de acompanhar as dinâmicas sociais, culturais e econômicas, do espaço e dos próprios educandos.

O Bagunção tornou-se numa parada necessária para muitas crianças e jovens da comunidade que queiram ter um rumo diferente na vida, conforme lembra Crispim.

O papel transformador que o projeto teve no passado e busca manter até então, é de longe o seu maior legado, sobretudo se enxergado de perto, o efeito que ainda gera em muitas crianças que vão buscar no Bagunção uma porta para ascenderem seus sonhos (ser alguém na vida), foi o que mais se ouviu durante as entrevistas para o presente trabalho.

No caso do Bagunção, Joselito vai defender que: **nunca se estabeleceu uma meta, pois o processo em si, ele já é uma meta.** A construção de um processo, que busca garantir uma estrutura teórico-prática, para que o sujeito nele inserido (processo) possa questioná-lo, deve gozar de primazia em qualquer que seja a área de formação e informação, pois o ciclo educacional é, pressuponho acima de tudo um desmanchar de um programa estabelecido.

Dai que, é mais relevante e produtivo, quando, por exemplo, o educador chega em sala de aula com a sua aula toda programada, e os educandos com as suas inquietações/questões, sejam capazes de re(estruturar) e re(criar) novas possibilidades, a partir das suas visões, mas que, fique claro que devem estar sob a orientação do educador, pois isso implicará em um confortável decorrer do processo, e o educador, por sua vez, deve estar

preparado para trilhar sobre as inquietações dos seus educandos que vão surgir na decorrência do processo ao todo.

Joselito Crispim vai destacar que o processo (tanto o de produção cultural e pedagógico) do Bagunção busca se manter sobre os questionamentos que muitas das crianças e jovens, que eles têm trazido ao longo de todos esses anos. Para ele isso permitiu com que através desse modelo pedagógico, pudesse ser sustentado e continua sendo sustentado pelo afeto. Pois somente o afeto será capaz de direcionar para múltiplas formas de contornar as adversidades que alimentam o processo educativo-crítico.

Incentivar os educandos a trabalhar com a realidade local para serem no futuro os agentes transformadores da própria realidade é uma aposta que o Bagunção tem feito durante os seus quase 25 anos de existência.

Buscar na história algo que inspire os meninos e meninas das comunidades marginalizadas e trabalhar em cima disso tem sido bastante proveitoso, pois somente os educadores comprometidos com a educação e formação dos seus educandos, são capazes de fazer isso, a partir de dentro da realidade de cada um dos educandos. Trata-se de trabalhar primeiro a autoestima que é o alicerce para tornar educandos em potenciais transformadores sociais.

Por outro lado, torna-se quase certo que passado os anos com as orientações certas e na medida certa, o lugar que até ontem fora jogado à margem, transforma-se no discurso e nas ações e produções (artísticas, culturais, etc.) do sujeito que dali nasceu e vive sua arte, sua política, enfim sua identidade, numa prioridade e não numa necessidade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição de entidades como o Bagunção para a formação integral do sujeito e sua consequente inserção social como agente capaz de reescrever e trilhar a sua própria história é de uma riqueza imensurável.

Ter abordado a experiência do Bagunção e sua contribuição através das artes permitiu com que eu pudesse expandir minha visão sobre as variadas formas de se educar um ser humano, ao que me remeteu a concluir que não existe receita infalível, quando se pretende educar, e que ela, a educação, não é um produto exclusivo das salas de aulas, ela é sim um produto das experiências vividas ou não que são transmitidas ou vividas.

Ao que Freire (1996, p.13), nos mostra que é preciso que não existam aqueles conhecimentos, cujo aos olhos do formador sejam inúteis, pois são os mesmos que vão permitir com que haja um diálogo entre o educador e o educando. Diálogo esse que se faz necessário, sobretudo para construção do mundo a partir dos múltiplos olhares e saberes que nascem, por sua vez, em decorrência das experiências que cada um traz consigo.

O desejo de buscar compreender que existe às vezes no tão profundo silêncio de quem é silenciado e não pode através da sua realidade contribuir na sua formação, tamanha sabedoria, foi o que me mobilizou e norteou na realização e conclusão do presente trabalho.

A construção de um conhecimento teórico-prático que se dá a partir dos espaços instituídos da educação tem em sua frente um desafio enorme, que é de dialogar com a realidade/sociedade de todo aquele que se pretende educar, acompanhar as dinâmicas sociais que faz parte do cotidiano do sujeito que se pretende educar, remete ao educador, ou melhor exige do educador um exercício de se deslocar do seu lugar de “poder” para o lugar do educando, onde este irá construir uma dinâmica capaz de não somente permitir com que o educando seja um ser participativo, como também, possibilitar um diálogo mais aberto (com os seus educadores).

Os projetos sociais e as escolas precisam através de ações concretas, despertar mudanças profundas nos seus educandos para que estes, por conseguinte, sejam capazes de gerar reflexões e transformações necessárias para o seu autodesenvolvimento e, sobretudo gerar, como bem se refere BARBOSA (2007, p.48), o senso crítico necessário para transformação social e da realidade local.

Barbosa nessa mesma linha de pensamento defende que, quando os projetos sociais despertam consciência crítica nos jovens, eles vão justamente à contramão do que a escola

não faz possibilitar com que os jovens compreendam seu contexto social e cultural com vista a contribuir para modificá-lo.

A linguagem que geralmente se usa para se ensinar nos projetos sociais geralmente é muito diferente daquela que se usa nas escolas. É preciso que primeiro se trabalhe a questão da linguagem que é a meu ver um instrumento central nesse processo de construção do conhecimento e das dinâmicas sociais, culturais, políticas e indenitárias.

Durante as entrevistas feitas com os educandos do Bagunção foi possível detectar de forma precisa que uma das principais causas de esvaziamento nas escolas é por parte a linguagem que é usada para se ensinar, onde muitos educadores defendem ser muito difícil.

Outra questão reveladora é o tempo em que os educandos passam durante o dia na escola, traduzido como: é muito tempo demais. No universo de 15 entrevistas, em 10 delas, os entrevistados responderam que era muito cansativo ficar durante muito tempo em sala de aula, diferente, por exemplo, de ficar no Bagunção, porque lá eles podiam tocar, e fazer um monte de atividades.

Isso revelou á necessidade de se reformular as dinâmicas de aprendizagem, apostar em dinâmicas um pouco mais práticas capazes de proporcionar outros tipos de experiências para os educandos que é o que estes geralmente vão buscar experimentar novas coisas, técnicas; enfim, algo que faça eles enxergarem esse enorme leque de possibilidades que a educação pode vai proporcionar.

No entanto, a busca por um caminho capaz de aproximar ainda mais o educando (não se importando se ele esta na escola ou em algum projeto social), mais da sua realidade é um desafio que vai se colocar constantemente para qualquer dinâmica de ensino e aprendizagem, pois se pensar é um ato, o agir deve ser um fato.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 7ª edição. Campinas: Papirus, 2001.

ANTUNES, Ângela. **Leitura do mundo no contexto da planetarização**: por uma Pedagogia da Sustentabilidade. 2002, 287f. Tese (doutorado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BARBOSA, Haroldo. **Educação em Novos Alagados**: Um estudo sobre as práticas Pedagógicas dos projetos sociais no Subúrbio Ferroviário de Salvador/Ba. 2007. Monografia de final de curso em Educação. Universidade Federal da Bahia, 2007.

BISCARRA, Bibiana Ozorio. **Afetividade na Educação**. 2012. 24 f., Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação em saúde coletiva) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BRUST, Josiane Regina. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. 2009, 40 f., Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2009.

BRASIL, Anderson Fabrício Andrade. **Batucando aqui vou trabalhando ali**: Os usos da aprendizagem musical em um projeto social em Salvador – Bahia. 2014, 127f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Música, Salvador, 2014.

CARDOSO, Maria de Fátima. **Fomento ao desenvolvimento sócia em áreas urbanas**: o caso do Programa Ribeira Azul em Salvador. 2009, 117f. Dissertação (mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social) Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2009.

CRISPIM, Joselito. **Bagunçaço**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010. (Tramas urbanas).

\_\_\_\_\_. **Entrevista**, 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 23ª edição. São Paulo: Cortez, 1989. Coleção polêmicas do nosso tempo, 4.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KIMBALL, Spencer W. Wikipedia. Disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Spencer\\_W.\\_Kimball](https://pt.wikipedia.org/wiki/Spencer_W._Kimball). Acesso em: 02 out. 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LOBO, Manuel Francisco; NHÊZE, Ismael Cassamo. **Qualidade de Ensino no Período Primário**. Movimento Educação para Todos, Maputo, 2008.

MELO, Fabíola Cristina. A afetividade na sala de aula e a atuação dos professores do Ensino Médio – Reflexões pontuais. **Evidências**, Araxá, v.8, n° 8, p. 143-156,2012.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NHUMAIO, Benjamim. **Entrevista**, 2016.

PEIXOTO, Danusa C. F. **Afetividade e aprendizagem**: uma união necessária para a educação. 2012. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação em Psicopedagogia) – Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2012.

PETER, Henry. **Epigrafe**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NTA4Nzg5/>, Acesso em: 10 nov. 2016

SILVA, Claudilene Maria. **Professoras Negras**: identidade e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013. 198 p. (Coleção Etnicorracial).

SILVA, Abigail Alcântara. **“Eu nasci aqui, na maré...”**: a luta pela moradia e consolidação do espaço em Alagados. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

SOUZA, Cristiane Santos. **Trajetórias de migrantes e seus descendentes**: transformações urbanas, memórias e inserção na metrópole baiana. 2013, 419 f.. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas – Campinas, 2013.

\_\_\_\_\_. **Percepção e produção estética**: configuração do modo de vida em Novos Alagados no Subúrbio Ferroviário de Salvador. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, 2002.

SIQUEIRA, Alessandra M. de O.; NETO, Demuniz D. da S.; FLORÊNCIO, RuteMara. **A importância da afetividade na aprendizagem dos alunos**. FACETEN – Faculdade de Ciências, Educação e Tecnologia, 2001.